

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RENATO KERLY MARQUES SILVA

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS:

Produção literária e reconhecimento de Escritoras maranhenses

São Luís
2009

RENATO KERLY MARQUES SILVA

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS:

Produção literária e reconhecimento de Escritoras maranhenses

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Sandra Maria Nascimento Sousa.

São Luís
2009

Silva, Renato Kerly Marques

Academia Maranhense de Letras: produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses/ Renato Kerly Marques Silva. – São Luís, 2009.

106 f..

Orientadora: Sandra Maria Nascimento Sousa.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, 2009.

1. Academia Maranhense de Letras – Relações de Gênero 2. Academia Maranhense de Letras – Produção Literária I. Título

RENATO KERLY MARQUES SILVA

ACADEMIA MARANHENSE DE LETRAS:

Produção literária e reconhecimento de escritoras maranhenses

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovada em 26 / 06 / 2009

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Sandra Maria N. Sousa (Orientadora)

Prof. Dr. Horácio Antunes Sant'Ana Júnior

Prof^a. Dr^a. Maria da Glória Guimarães Correia

AGRADECIMENTOS

Como na maioria dos agradecimentos de trabalhos acadêmicos, muitas das pessoas lembradas não tiveram envolvimento direto com o trabalho exposto, alguns esquecidos, entretanto, podem ser percebidos em marcas sutis ao longo do texto...

Para não abusar do bom senso, que orienta ser breve, agradeço às pessoas que conheci, ao longo do tempo em que (com)vivo, estudo e trabalho na Universidade Federal do Maranhão.

Certamente, algumas dessas pessoas merecem um destaque especial e minha orientadora, professora Sandra Nascimento, é das mais importantes, cada uma destas páginas têm muito dela, de sua atenção, de sua experiência, e de seu carinho comigo.

Além dela, Conceição Feitosa, Juciana Sampaio e Sislene Costa, (a ordem é puramente alfabética) em nossos telefonemas, encontros e visitas constantes (os quais se desenvolvem há alguns anos), deixaram marcas (boas marcas), ensinamentos que ultrapassam estas páginas.

Minha irmã, mamãe, papai e tia, merecem uma lembrança pela paciência, e principalmente por “encherem minha bola” e sempre acreditarem nos meus projetos.

Agradecimentos, ainda, vão para:

O Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em especial aos professores Alcântara Júnior, Benedito Souza, Ednalva Maciel, Elizabeth Coelho, Horácio Antunes, Igor Grill, Marcelo Sampaio, Sérgio Ferretti, pelas horas de convivência e pelas importantes experiências partilhadas.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, local onde desempenho a função de Assistente Administrativo, em especial ao Diretor da Divisão de Acompanhamento e Divulgação de Projetos, Francisco Silva Santos e Marilene Sabino pelo incentivo e pela alegria de nossa convivência.

Ao Grupo de Pesquisa em Gênero, Memória e Identidade, pelas discussões proveitosas, pelos exercícios de problematização, provocados por nossos aparentes momentos de divagação, muitos deles sugeridos por Katiuscia Pinheiro.

Às pessoas que, pacientemente, colaboraram com este trabalho, disponibilizando seu tempo e informando-me sobre momentos de suas vidas.

A Rafael Gaspar pelas longas e estimulantes conversas.

Ao concluir la película “todo sobre mi madre”, Pedro Almodóvar, agradece...

*Viva as perguntas agora
Talvez gradativamente e sem perceber
Chegue a viver algum dia distante as respostas.
(Rainer Maria Rilke)*

*Mesquinho e humilde é este [trabalho] que vos
apresento, leitor. Sei que passará entre o
indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de
outros, e ainda assim o dou a lume...
(Maria Firmina dos Reis, em Úrsula).*

*Vocês me desculpem se eu não respondo tudo
Porque eu estou com um monitor de ouvido e
Eu não ouço quase nada de vocês
 Aí eu pergunto:
 Cantaram comigo? Bateram palma?
E, às vezes, é horrível, eu não ouço nada!
 Me dá uma isolação, um isolamento
 Uma tristeza, uma solidão...
(Maria Bethânia, no CD Maricotinha ao vivo)*

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise dos elementos que compõem os processos de eleição de membros da Academia Maranhense de Letras – AML, interrogando sobre quais razões explicariam a ausência de mulheres nessa instituição. Para tanto, realiza-se um resgate das representações elaboradas por críticos literários e por alguns grupos de escritores, sobre o produtor de arte em sociedades ocidentais, para observar o destaque destinado a alguns escritores. Com o intuito de observar quais elementos tornaram as oito mulheres, até o presente momento, aptas a serem eleitas para a AML, analisou-se recortes de histórias de vida coletadas junto a algumas dessas escritoras e reconstituiu-se a trajetória de algumas delas a partir de registro em livros e jornais. Observa-se que o processo de eleição para a AML não considera exclusivamente a produção literária dos candidatos que pretendem compor seu quadro de membros. Além disso, fatores de diversas abrangências corroboram para o reconhecimento de escritores e escritoras. O pequeno número de escritoras justifica-se pela, ainda, pequena participação de mulheres maranhenses em locais de destaque nos setores políticos, jurídicos, religiosos, entre outros, a qual apresenta-se como de grande importância.

Palavras-Chave: Relações de gênero. Academia Maranhense de Letras. Escritoras maranhenses. História de vida. Trajetória.

ABSTRACT

This work presents an analysis of the elements that compose the processes of election of members to the Academia Maranhense de Letras - AML, interrogating about which reasons would explain the women's absence in that institution. It takes place a ransom of the representations elaborated for critical literary and for some groups of writers, about the producing of art in western societies, to observe the destined prominence the some writers. With the intention of to observe which elements turned eight women, until the present moment, capable to be chosen for AML, it was analyzed cuttings of life histories collected with some of those writers, and the path of some of them was reconstituted starting from registration in books and newspapers. It is observed that the election process for AML doesn't consider, exclusively, candidates' literary production that intend to compose your group of members. Besides, factors of several inclusions corroborate for the writers' recognition. The small number of women writers is justified for the, still, small participation of women in prominence places in the sections political, juridical, religious, among other, which comes as great importance.

Keywords: Gender relations. Academia Maranhense de Letras. Women writers from Maranhão. History of life. Path.

SUMÁRIO

	p.
1. INTRODUÇÃO.....	09
1.1 Problematizando Valores Sociais e Literários.....	10
1.2 Dos recursos teórico-metodológicos.....	15
1.3 Mulheres e a categoria gênero.....	19
1.4 Das idas ao campo.....	21
1.5 Do contato com as informantes.....	22
1.6 Do corpo do texto.....	25
2. PRODUÇÃO CIENTÍFICA, LITERÁRIA E O LOCAL DAS MULHERES.....	27
2.1 Discursos legitimadores: uma ciência produzida por homens.....	27
2.2 Olhares sobre o fazer literário.....	33
2.3 Produção literária de mulheres e a crítica.....	39
2.4 Uma ilustração.....	41
3. INTELLECTUAIS, LITERATURA E A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE MARANHENSE.....	44
3.1 Sobre a formação das Academias.....	44
3.2 São Luís e a Literatura.....	51
3.3 A fundação da AML.....	56
3.4 Sobre o acesso à AML.....	59
4. MULHERES DAS LETRAS E LOCAIS DE PODER.....	67
4.1 Retalhos I: origens familiares, processos iniciais de socialização.....	70
4.2 Retalhos II: formação escolar e qualificações para exercer uma profissão.....	75
4.3 Retalhos III: relacionamentos com amigos, parentes e pessoas de destaque em cargos públicos.....	82
4.4 Retalhos IV: produção literária e acesso à AML.....	89
Considerações finais.....	98
Referências.....	101

1. INTRODUÇÃO

Os questionamentos e análises que perpassam este texto são diretamente influenciados pela minha trajetória de formação acadêmica, em função da minha graduação no Curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão, e da experiência proporcionada pela mesma.

Entretanto, minha experiência em relação às escritoras maranhenses não se compôs a partir de uma aproximação com o tema de estudo desta pesquisa, e sim, da constatação de certa ausência de trabalhos de pesquisa nessa área. As questões que iniciam este trabalho, portanto, giram em torno da discussão sobre como ocorrem os processos de reconhecimento do “valor literário” das obras de algumas escritoras maranhenses, que fazem parte da Academia Maranhense de Letras - AML, produzidos em relações de poder.

Minha atenção a esse tema decorre, ainda, da constatação da pouca produção de pesquisas e análises críticas sobre a literatura e o gênero; por perceber a necessidade da realização de estudos que questionem como as relações de gênero, perpassadas por relações de poder, atuam no reconhecimento de produções literárias publicadas por mulheres, aqui no Maranhão.

O fato de ser maranhense e ter vivido durante toda a minha vida na cidade de São Luís, também influenciou na realização desta pesquisa.

Ao longo de meu percurso acadêmico, a participação no Grupo de Estudos de Gênero, Memória e Identidade – GENI e as aproximações de pesquisas realizadas a partir dos referenciais das Teorias de Gênero também foram importantes para o questionamento de algumas formas de divisão da sociedade, fundadas na hierarquização de indivíduos, a partir de uma base morfológica socialmente definida pela genitália. Meu envolvimento com as Ciências Sociais influenciou, de forma significativa, minha formação acadêmica e forneceu-me importantes ferramentas para a realização deste estudo, orientando-me quanto ao significado e importância dos trabalhos que analisam temas relacionados à vida em sociedade.

Em importante trabalho para as Ciências Sociais brasileiras, o professor Roberto Cardoso de Oliveira (2000) descreve o trabalho do Antropólogo como baseado nos ato de ver, ouvir e, posteriormente, interpretar o que foi observado. O trabalho de interpretação dos dados observados e sua divulgação em formato

acadêmico constituiriam uma etapa marcada por várias horas de trabalho solitário e contatos com outros pesquisadores para discussão sobre o que foi observado e interpretado.

Para os estudos de gênero, o trabalho de pesquisa, além de solitário, é influenciado pelo processo de formação do pesquisador e das relações subjetivas do mesmo com o mundo e com os temas estudados (LOURO, 2002).

Algumas das correntes teóricas que discutem as relações de gênero sustentam a tese de que as hierarquias que diferenciam os sujeitos a partir da sua inserção em classificações do tipo: homem ou mulher, dentre outras, foram histórica e socialmente construídas (SCOTT, 2005). Além disso, essas classificações seriam constantemente atualizadas por discursos formulados por sujeitos e instituições, as mais diversas possíveis (LAURETIS, 1994; BUTLER, 2003).

Influenciado por esta perspectiva, lanço um olhar analítico sobre o modo como as escritoras que fazem parte da AML inserem-se nessa instituição: que caminhos percorrem, que relações são estabelecidas nesse percurso e como avaliam essa experiência.

Nas próximas páginas, inicio os movimentos de “traçar a curva de um discurso social” (GEERTZ, 1989, p.13), delimitando, em linhas gerais, o objeto deste trabalho. Pretendo, como diz Bachelard (1996, p. 07) “tornar geométrica a representação, isto é, delinear fenômenos e ordenar em série os acontecimentos decisivos de uma experiência, [realizando] a tarefa primordial em que se firma o espírito científico”.

1.1 Problematizando Valores Sociais e Literários

A produção do que é considerado objeto de arte¹ está presente em diversas dimensões da vida em sociedade. Desde as pinturas rupestres aos trabalhos de artes virtuais divulgados pela *internet* ou expostos em museus de arte moderna, podemos observar uma diversidade de linguagens sendo utilizadas para expressar mensagens que variam entre registros míticos ou religiosos,

¹ A partir dos trabalhos de Panofsky, Bourdieu observa que, ao longo do processo de construção social dos significados relacionados ao trabalho artístico, “o ideal de percepção *pura* da obra de arte, enquanto obra de arte, é o produto da explicitação e da sistematização dos princípios da legitimidade propriamente artística que acompanham a constituição de um campo artístico relativamente autônomo” (BOURDIEU, 2007, p. 33).

representações relacionadas a momentos do cotidiano ou a eventos históricos, digressões pelos caminhos do sonho e do inconsciente, juízos de valores, posições políticas...

Historicamente, as representações sobre o trabalho relacionado à produção artística tiveram significados bem diferentes e provocaram muitos debates sobre a originalidade da produção artística, as origens da “inspiração poética”, o posicionamento político dos artistas, o anonimato e a exposição autobiográfica desses produtores.

Além disso, um conjunto de Instituições foi constituído para estabelecer padrões, relacionados à definição de quais produtos teriam o direito de serem considerados como obras de arte. Geralmente, o reconhecimento dos produtores de “bens simbólicos”, por estas instituições, lhes garante uma posição de destaque em alguns setores da sociedade. Quando relacionadas à produção de textos literários, podemos observar um conjunto de instituições responsáveis por reconhecerem o valor, ou a ausência de valor, dos livros publicados por escritores e escritoras.

Editoras, Academias Literárias, Meios de Comunicação, Bibliotecas, Universidades e outros Sistemas de Educação trabalham para a definição e divulgação dos valores que as orientam e, por conseguinte, para a divulgação das produções literárias que, de alguma forma, associam-se aos valores que representariam estas instituições (BOURDIEU, 1996).

Desse modo, a aceitação dos valores considerados positivos, por alguns grupos da sociedade, quando divulgados na forma de literatura, pode desencadear um movimento de reconhecimento social da obra e de seu autor. Em alguns casos, esse reconhecimento resulta na premiação dos autores de obras em destaque ou ao registro destas em cânones literários, inclusão no acervo de bibliotecas, divulgação de trechos da obra em livros didáticos ou de crítica e história da literatura e, conseqüentemente, da reprodução dos valores atribuídos ou divulgados pela determinada obra literária, para as gerações futuras.

A discussão sobre a participação de mulheres como produtoras de obras literárias e o reconhecimento de valores relacionados aos livros por elas publicados, até início do século XX, permaneceram à margem de processos de consagração artística. Em instituições responsáveis por esse reconhecimento, a participação de escritoras também permaneceu mínima.

É a partir de então que se pode destacar o começo da organização de um movimento de questionamento sobre a participação de mulheres autoras de literatura, enquanto produtoras de “bens simbólicos”. Esse movimento é percebido desde a publicação isolada de ensaios que questionavam a pequena publicação de literatura produzida por mulheres, como os que foram realizados por Virgínia Woolf (entre os anos de 1920 e 1940), o momento da criação de grupos de pesquisa, voltados para a discussão desse tema em universidades (nos anos de 1960 e 1970), e ainda, a produção de teorias que analisavam o significado das narrativas produzidas por mulheres e o silêncio a respeito dessa literatura, como destaca Elaine Showalter (após 1980).

A partir dos anos de 1960 e 1970, uma significativa quantidade de pesquisadoras de áreas como a história e a crítica literária enfatizam questionamentos a respeito da ausência da participação das mulheres nos registros históricos e nos livros de crítica literária, bem como nos cânones literários.

Nesses estudos, tais movimentos resultaram em uma atitude de trazer à tona obras literárias produzidas por mulheres, dando visibilidade a essas narrativas. A partir dos anos 1970 (SCHWANTES, 2006), iniciou-se uma tentativa de reformular o **Cânone Literário**, provocando, então, uma mobilização de críticas literárias, de historiadoras, entre outras pesquisadoras, marcadamente feministas, que tinham, dentre suas finalidades, questionar como os homens, neste caso, críticos literários e escritores, recebiam as obras produzidas por mulheres, e como suas instituições (Academias de Letras, Clubes/Sociedades de Leituras, revistas e jornais de crítica literária) tratavam essas escritoras e suas obras.

Paralelamente à discussão com os críticos literários, ocorreu o processo de resgate da literatura produzida por mulheres, organizado e empreendido, inicialmente, pelos grupos de Estudos Literários, compostos por mulheres relacionadas ao Movimento Feminista. Segundo Schwantes (2006):

Os estudos de Gênero [partiram] de uma ampla operação de revisão do Cânone Literário, na tentativa de demonstrar que as escritoras mulheres são, a longo prazo, defenestradas do Cânone. Não necessariamente porque suas obras não tenham qualidade, mas porque, para tornarem-se capazes de expressar uma experiência especificamente feminina, recusada no contexto de uma instituição literária falologocêntrica, elas precisam, de alguma forma, trair e subverter os pressupostos que, aparentemente, abraçam. Dessa forma, o que pareceu falha [nessa literatura] é exatamente o que lhe confere especificidade.

Essa revisão sobre a participação de mulheres em diversos eventos de produção e reprodução de obras literárias marcou um importante movimento de denúncia das hierarquias produzidas histórica e socialmente entre os sujeitos denominados homens e os denominados mulheres². Além disso, ela colaborou para a observação de que “o lugar da mulher na vida social humana não é exatamente produto do que ela faz, mas do sentido que adquirem estas atividades através da interação concreta” (SCOTT, 2005). Esta interação seria constituída por relações de poder representadas por “significados” que atribuem aos sujeitos posições sociais diferentes.

Como um reflexo das lutas feministas e em oposição a autores que falavam da não existência do autor (Barthes e Foucault), “críticas como Sandra Gilbert e Hélène Sixous *ressuscitavam* o escritor. Mais ainda, diziam que ele tinha sexo e que podia muito bem ser mulher” (MANCELLOS, 2005, grifo meu).

Dessa forma, essas pesquisadoras começaram, como sugere Branco (1991), a observar que os processos de expressão dos sentimentos, ou melhor, que a produção artística das mulheres, utilizaria formas subjetivas de escrita, muitas vezes voltadas para a temática do corpo e da intimidade das personagens presentes em suas obras. Essa singularidade, que não era percebida nas obras produzidas por homens, foi chamada de *Écriture Feminine* (CIXOUS *apud* BRANCO, 1991), e constituiu-se como uma das primeiras formas de interpretar as obras de autoras, cujo referencial teórico assentava-se sobre as teorias Lacanianas da Linguagem e da Construção de uma Identidade Feminina a partir da *falta*.

No Brasil, o movimento de resgate e crítica dos cânones literários é iniciado com pesquisadoras de diversas localidades, a saber, Elódia Xavier (UFRJ), Luiza Lobo (UFRJ), Norma Telles (PUC/SP), Zahide Lupinacci (UFSC), entre outras. Além destas, outras(os) estudiosas(os) têm realizado um importante trabalho de levantamento de publicações literárias realizadas por mulheres e buscam compreender quais os efeitos dessas publicações para os críticos literários e, também, algumas das razões que perpassam o esquecimento de muitas dessas escritoras e o reconhecimento institucional de poucas delas.

² A partir do referencial teórico fornecido pelos Estudos de Gênero, considero, ao longo deste estudo, que a classificação dos indivíduos entre homens e mulheres é fruto de um longo processo de produção de significados que intentam diferenciar os sujeitos. Esse processo parece tomar por base a aparente diferença da formação biológica e justifica, em muitas sociedades, a superioridade de alguns homens sobre algumas mulheres.

As conclusões a que algumas dessas pesquisas chegaram indicam que a não participação de mulheres em atividades relacionadas ao reconhecimento literário, dificultava a compreensão de suas obras. Isso pode ser observado no fato de que “a única modalidade de texto não praticado pelas mulheres até meados do século 20 foi justamente a crítica literária” (DUARTE, 1997, p. 91).

A atividade de crítica literária apresenta-se como local de realização de um movimento duplo: de produção dos valores que uma obra literária deve ter para ser considerada como relevante e de reconhecimento das obras e dos autores que expressam essas características.

O produtor do *valor da obra de arte* não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como *fetichê* ao produzir a crença no poder criador do artista. Sendo dado que a obra de arte só existe enquanto objeto simbólico dotado de valor se é conhecida e reconhecida, ou seja, socialmente instituída como obra de arte por espectadores dotados das disposições e da competência estética necessárias para a conhecer e reconhecer como tal, a ciência das obras tem por objetivo não apenas a produção material da obra, mas também a produção do valor da obra ou, o que dá no mesmo, da crença no valor da obra (BOURDIEU, 1996, p.259).

Segundo Bourdieu (1996), a formação de grupos relacionados à produção do valor da obra de arte acaba por desempenhar o papel de produtor de um conjunto de significados que indicam quais valores estéticos devem ser reproduzidos/atualizados pelas obras de determinados artistas/escritores.

Em São Luís, a Academia Maranhense de Letras (AML) apresenta-se como uma dessas instâncias de reconhecimento artístico e intelectual e, portanto, como um espaço onde tem sido produzido um conjunto de valores que legitimam modelos relacionados à produção artística e intelectual de autores nascidos no Maranhão. Em conjunto com o reconhecimento de autores e obras que representam “o que de melhor há na literatura maranhense”, a AML também tem produzido uma identidade maranhense construída pelos significados e valores ressaltados por essa instituição.

Lembrando um dos mitos³ da capital maranhense, que apresenta a cidade de São Luís, como a “Atenas Brasileira”, frente ao grande número de escritores e intelectuais que aqui haviam⁴, começo a me questionar, porque entre os

³ Uma discussão mais detalhada sobre os Mitos relacionados à cidade de São Luís é realizada ao longo no segundo capítulo, **Intelectuais, Literatura e a Produção da Identidade Maranhense**.

⁴ Esse mito foi elaborado a partir do século XIX em função do crescimento econômico que São Luís atingiu e da formação de alguns grupos literários na cidade.

nomes dos escritores que lembramos, mesmo quando pensamos nos contemporâneos, aparece apenas com raras exceções um nome de mulher, Arleth Nogueira, e ainda assim, muitos não sabem nada sobre a mesma. Ao contrário, facilmente recordamos nomes como Ferreira Gullar, João Mohana, José Chagas, José Sarney, Josué Montello, Nascimento de Moraes, Nauro Machado...

Embora não pretenda questionar o valor estético de suas obras, questiono que motivos estão associados à diferença na produção literária entre homens e mulheres. Talvez pelo fato de ser homem, e de ter sido educado como tal, meu olhar pode ter-me feito ver de forma diferente as obras relacionadas à literatura Maranhense, ou posso ter esquecido das autoras que tenha lido.

No entanto, essa educação que fez com que eu não desse atenção às obras produzidas por mulheres, parece não ter atingido apenas a mim ou a outros homens, ela tem extrapolado os sujeitos e dominado outros espaços: nos jornais, na televisão, nas academias universitárias e de letras, e parece demarcar o espaço de produção literária como território preponderantemente masculino, em São Luís.

Ao dar relevo à Academia Maranhense de Letras como um dos espaços possíveis de reconhecimento e legitimação social da produção artística e intelectual maranhense, destaco algumas questões que envolvem as reflexões críticas deste trabalho:

Quais aspectos sociais influenciam o processo de entrada de novos membros na AML? O que as mulheres aceitas pela AML pensam sobre a produção de literatura e que relações as tornam aptas à uma vaga na AML? O que produz a “crença no valor da obra” dessas mulheres, e da contribuição delas como representantes de uma intelectualidade maranhense? A associação da produção literária a posições políticas tem influenciado a inserção de mulheres na literatura? Estas questões demarcam os principais eixos de discussão que serão destacados ao longo deste estudo.

1.2 Dos recursos teórico-metodológicos

A memória, por exemplo, é uma coisa monstruosa. Esconde fatos importantes, lembra insignificantes. Não temos memória. Ela é que nos possui. (Conceição Aboud, Teias do Tempo).

A seleção de recursos para operacionalizar uma investigação cuidadosa que desse conta dos questionamentos que venho destacando sobre a produção de

literatura por mulheres em São Luís tomou por base a relação presença e ausência de mulheres na AML, e os significados atribuídos a essa participação.

Coloquei como premente a necessidade de trabalhar com recortes de histórias de vida de algumas dessas escritoras, na medida em que essa técnica possibilita ampliar as formas de abordagem ao objeto de estudo. Em sintonia com as orientações de Queiroz (1988, p. 36), busco destacar que esta técnica revela marcas relacionadas à questão racial, camada social, formação acadêmica, relações de parentesco dos sujeitos pesquisados, vários níveis que apresentem estruturas, hierarquias, valores ora harmoniosos, ora em desacordo. Ela permite, ainda, fazer registros que possibilitem ver em quais pontos pode-se entrecruzar as relações de gênero às demais relações estabelecidas nas posições ocupadas pelos imortais⁵ de São Luís.

Além desta técnica, outros recursos foram utilizados, por exemplo, documentos impressos: livros publicados pela AML, reportagens publicadas em jornais de São Luís, dentre outros. A utilização dessas fontes tornou-se muito relevante, diante da necessidade de buscar outros recursos que ampliassem e tornassem mais complexa a análise sobre importantes elementos registrados a partir dos relatos das escritoras e, em outros casos, da falta de possibilidade de conversar com algumas delas.

Ao falar sobre as contribuições e vantagens da produção da história de vida como história oral, Thompson (1992, p. 137) observa que:

Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

Ao concordar que a busca por interpretações mais “verdadeiras” ou mais repletas de elementos que corroborem a análise proposta pelo pesquisador, possa ser produzida através da história de vida ou em colaboração com ela, gostaria de

⁵ Termo pelo qual membros de Academias de Letras costumam denominar-se no Brasil. A origem desse termo remonta à origem da *Académie Française*, ainda no século XVII, e faz referência à epigrafe presente no carimbo para correspondências da referida instituição, no qual se lê: “À l’Immortalité” (à imortalidade). Outros significados foram associados ao carimbo original, os quais justificam o título de imortais dos membros das academias como relacionados à imortalidade de suas obras e de suas memórias, que seriam conservadas perpetuamente pelos demais membros das academias de letras.

destacar que os resultados dessas análises não precisam, necessariamente, ser classificados a partir de padrões como verdadeiros ou falsos. Ao mesmo tempo eles não representam afirmações fechadas, que pretendam oferecer respostas engessadas a outros pesquisadores.

Essa posição teórica leva em consideração que os trabalhos produzidos em um campo como o das Ciências Sociais elaboram uma interpretação a respeito dos objetos estudados. O objetivo, então, é construir uma análise coerente que, ao invés de opor-se à idéia de ficção, como sugere Thompson, associa-se a ela.

Nas palavras de Geertz (1989, p. 11) “Os textos antropológicos [imagino que outros textos das Ciências Sociais, em geral, também podem ser incluídos nessa observação] são eles mesmos interpretações [...]. Trata-se, portanto, de ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original da *fictio* – não que sejam falsas, não factuais ou apenas experimentos de pensamento”.

Posso acrescentar, ainda, que, de acordo com Bourdieu (1996b), a produção da história oral:

leva à construção da noção de trajetória como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo), em um espaço ele próprio em devir e submetido a transformações incessantes (BOURDIEU, 1996b, p. 81).

Nesse sentido, analiso a trajetória das autoras pesquisadas, os acontecimentos narrados, suas histórias de vida, “como alocações e como deslocamentos no espaço social, isto é, mais precisamente, nos diferentes estados sucessivos da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado” (BOURDIEU, 1996b, p. 81-82).

Karl Mannheim é outro autor que dá base para refletirmos que:

A origem social dos intelectuais é relevante para nós na medida em que permite esclarecer os impulsos grupais por eles freqüentemente expressos. O meio de origem de um indivíduo não nos fornece todos os dados necessários para uma compreensão completa de seu desenvolvimento mental, mas indica alguns fatores de sua predisposição particular para enfrentar e experimentar dadas situações. Para explicar padrões dominantes de ideação sob circunstâncias historicamente conhecidas, necessitamos não só de histórias de vida individuais, mas também dados estatísticos sobre a origem social (de classe ou vocacional) e a posição de intelectuais representativos (MANNHEIM, 1974, p. 97).

Além dos recursos já destacados, ao longo de 2008, realizei algumas visitas à AML, em atividades abertas ao público, como na Solenidade de

Comemoração do Centenário da Academia e algumas palestras relacionadas, também, à comemoração do centenário da instituição. Além disso, frequentei reuniões restritas aos membros, entretanto, abertas a alguns convidados. Reuniões que se realizam, regularmente, às quintas-feiras na sede da AML.

Durantes esses eventos, pude observar a presença de elementos que cercavam as relações visíveis entre os membros: a formalidade, em alguns tratamentos, os elogios trocados (às vezes, relacionados a comentários indicadores da erudição dos palestrantes, outras, referentes à temas que fugiam do assunto em destaque), a disposição dos membros (os lugares ocupados), os círculos de amizade mais próximos, o interesse pelas questões levantadas.

Com a aproximação a alguns dos imortais, compreendi que a realização de entrevistas com os homens, a respeito da participação de mulheres, na Academia, não seria um instrumento de muita validade, já que as perguntas relacionadas a esse tema apenas resultariam em respostas inseridas no contexto do que pode ser chamado de “politicamente correto”. Percebi que a experiência de vida desses escritores, decorrente de uma longa vida pública, os havia orientado a tergiversar sobre alguns temas que fugiriam do que se consideraria habilidades intelectuais dos membros da Academia (no que se refere ao conjunto de valores que tornam seus membros elegíveis), sobretudo, quando as questões discutidas referiam-se aos laços de amizade que cercam muitos dos processos de acesso de escritores à AML e, além disso, às relações de parentesco entre alguns de seus membros.

Ao demarcar uma instituição literária como campo de estudo, sinto a necessidade de “pensar a relação entre o funcionamento das instituições e a reprodução da ordem social” (PINTO, 1996, p. 25) e ver quais elementos podem ser, ou são, utilizados pela AML na construção de valores estéticos e literários, além dos papéis sociais desempenhados pelos seus membros, sem esquecer que “a experiência dos agentes (nesse caso dos membros da AML) está ligada ao mundo social por dois motivos: está socialmente condicionada e condiciona as práticas no sentido em que contribui para estruturá-las” (PINTO, 1996, p. 40).

De posse de informações sobre: origens familiares; trajetórias profissionais e literárias; processos de acesso à AML, selecionados como fundamentais para minhas análises, cerquei-me, ainda, como já destaquei anteriormente, de aportes teóricos dos estudos de gênero enquanto categoria

analítica e sobre a literatura, especificamente relacionada à crítica literária e à história da literatura.

1.3 Mulheres e a categoria gênero

Os estudos de gênero constituem-se como um campo de produção crítica acerca de problemas sociais relacionados à exclusão das mulheres em diferentes dimensões da vida social. Estes estudos inserem-se no rol de trabalhos que questionam como foram produzidos diversos significados que desconheciam sujeitos como mulheres, negros, pobres, homossexuais, dentre outros. A crítica realizada pelos estudos de gênero dirige-se a diversas instituições, dentre elas as políticas e científicas. Ela problematiza questões como a “igualdade ontológica” dos sujeitos, marca do critério kantiano de “necessidade” e “validade universal”, que define o conhecimento genuíno e fundamenta a idéia de **sujeito universal**.

Embora o sujeito pensado como universal oriente para a idéia de estabelecimento de direitos a todas as pessoas, o que poderia igualar todos os indivíduos sob a categoria “humanos”, observou-se que esse sujeito, pretensamente universal, não congregava as especificidades dos “humanos” e sim, universalizavam as especificidades do homem branco, heterossexual, cristão e detentor de propriedades. Dessa forma, o sujeito mulher emergiu como uma possibilidade de pensar as especificidades de uma gama de sujeitos não contemplados pelo ideal de sujeito universal produzido pelo conhecimento construído no Ocidente.

Ao longo deste trabalho, diversas categorias apresentam-se com uma grande carga de sentidos, sendo que, em alguns momentos, precisam ser destacadas para evitar equívocos em seu entendimento.

Neste início, entretanto, dedico certa atenção à categoria mulheres, pois ela se coloca como o principal ponto de descrição dos sujeitos que participam deste estudo, embora não concorde com a oposição binária de organização dos indivíduos a partir da dicotomia homem *versus* mulher. Mantenho essa classificação tomando como referência à dinâmica das relações de gênero presentes na AML. Ainda que reconheça a dificuldade proporcionada pelo uso da categoria mulher que, assim como a categoria homem, pode reforçar a idéia de sujeito essencializado e universal, observo que a organização dos membros na AML, assim como na maioria

dos espaços institucionais, se apresenta a partir desse modelo binário de classificação.

Para melhor compreensão do uso que faço dessa categoria, destaco que:

“homem” e “mulher” são ao mesmo tempo categorias vazias e transbordantes; vazias porque elas não têm nenhum significado definitivo e transcendente; transbordantes porque, mesmo quando parecem fixadas, elas contêm ainda dentro delas definições alternativas negadas ou reprimidas (SCOTT, 2005).

Assim, a categoria mulheres representa um conjunto de elementos que associam os relatos interpretados neste estudo, às especificidades de sujeitos considerados como: mulheres, brancas, de classe média, que desempenham diversos papéis sociais, como as filhas, esposas, mães, professoras, funcionárias públicas, pesquisadoras, donas de casa, escritoras e *imortais*...

De modo contrário, as referências que associam a categoria mulher à categoria feminino precisam ser desestabilizadas. Esse posicionamento fundamenta-se no reconhecimento de que “homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2003, p. 25). Embora algumas pesquisas relacionadas aos estudos de gênero e à crítica literária utilizem categorias como escrita feminina e/ou dicção feminina, quando utilizo tais categorias, faço-o pela dificuldade de buscar outras formas que contemplem o sentido proposto pelas mesmas, ou por entender que essa categoria é preche de muitos outros sentidos.

Esse exercício propõe a observação de que os gêneros não podem ser resumidos ao número de dois. Embora “os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição” (BUTLER, 2003, p. 24), não há razão para supor que eles devem estabelecer uma “relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito” (idem).

Nestas páginas iniciais, utilizo uma diversidade de autores que julgo fornecerem-me formas de cercar e delimitar meu objeto de estudo e, dessa maneira, produzir uma interpretação coerente, das relações vistas, ouvidas e sob alguns aspectos vivenciadas no contato com as informantes, e com o campo de estudo.

1.4 Das idas ao campo

Ao longo dos cem anos de existência da Academia Maranhense de Letras, dos cento e quarenta e dois (142) membros da AML, apenas oito (8) são mulheres. São elas: Laura Rosa, Mariana Luz, Dagmar Desterro, Conceição Aboud, Lucy Teixeira, Ceres Costa Fernandes, Laura Amélia Damous e Sônia Almeida.

No período de aproximação com o espaço da AML e do contato com as mulheres sujeitos deste estudo, vivenciei dois momentos distintos. O primeiro, marcado pela dificuldade em estabelecer um contato inicial, decorrente de uma espécie de resistência e uma grande timidez para falar com tais mulheres.

Posteriormente, realizando levantamento sobre as noticiais publicadas em jornais da cidade de São Luís, no período de posse das escritoras na AML, encontrei, em uma entrevista da escritora Sônia Almeida, algo que ilustra parte de meu receio em aproximar-me dessas escritoras. Diz ela: “Sempre passava pela Academia e a observava do outro lado da rua, imaginando os mistérios que [nela] havia” (O Estado do Maranhão, 10.08.2006, p.05).

Embora não visse a Academia como um lugar de mistérios, já observava que o trabalho de produção simbólica, realizado por seus membros e relacionado à demarcação de uma espécie de “superioridade”, intelectual, causava-me certa resistência. Surgiram muitas dúvidas relacionadas às formas de aproximação que poderiam ser utilizadas, por exemplo: quais termos utilizar ao dirigir-me às escritoras.

Esta resistência foi sendo superada na passagem para o segundo momento, marcado por uma espécie de espanto em constatar a solicitude e o interesse que essas mulheres aparentavam em falar sobre sua produção literária, algumas passagens de suas vidas e de seus processos de eleição para a AML.

A insegurança quanto às palavras a serem usadas, ao nível de formalidade que deveria apresentar nas mensagens enviadas por *e-mail* (meio escolhido para iniciar o contato com as três escritoras com quem conversei), ou nos momentos dos nossos encontros, não cessou, porém, o contato com mulheres, com as quais não tenho nenhuma espécie de proximidade, com exceção da acadêmica Sonia Almeida, que foi minha professora durante a graduação, no Curso de Letras e é a mais jovem das mulheres entrevistadas, causou-me alguns constrangimentos. Como poderia, por exemplo, perguntar pelas datas exatas em que alguns dos fatos

narrados ocorreram, ou pela data de nascimento dessas escritoras, que só costumam aparecer nas publicações da AML quando esta faz referências póstumas às autoras.

Em alguns casos, foi demonstrado, também, por parte das entrevistadas, uma espécie de incômodo, ao tratarem de informações como data de nascimento ou período de conclusão dos estudos, especificando o ano desses eventos. Essas ausências, como sugere Pollak (1989), levam a observar que a memória das entrevistadas não é exposta sem nenhuma forma de controle. O que pode e o que não pode ser dito é determinado por espécies de filtros, que determinam quais fatos podem ser narrados com maior riqueza de detalhes e quais podem ter partes censuradas, bem como, quais devem ser escondidos.

1.5 Do contato com as informantes

Os primeiros contatos com as escritoras entrevistadas iniciaram-se com encontros em eventos nos quais estas participavam ou proferiam alguma palestra. Nesses eventos, apresentei-me a elas e lhes pedi algum tipo de contato por meio do qual pudesse explicar melhor o trabalho que estava realizando e como as mesmas poderiam colaborar com meu estudo.

Ceres Costa Fernandes, Laura Amélia Damous e Sonia Almeida, atualmente, as únicas mulheres do quadro de membros da AML, despontaram como possíveis informantes deste trabalho. Após contatos por *e-mail* ou telefone, marquei encontro com cada uma delas. Dona Giovanna, com quem conversei sobre a vida de Lucy Teixeira⁶, foi-me apresentada pela professora Ceres Fernandes, em solenidade da AML. Algumas outras fontes (jornais, revistas e livros) ofereceram informações sobre a vida das outras escritoras. Além dessas pessoas, algumas publicações trazem dados sobre Dagmar Desterro e Conceição Aboud. Coletei, ainda, dados esparsos sobre Laura Rosa e não consegui informações substanciais sobre Mariana Luz. Os encontros com as escritoras ocorreram em suas casas ou em seus locais de trabalho, como foi o caso da escritora Laura Amélia.

⁶ A participação da Sra. Giovanna ocorreu em função da longa convivência da mesma com Lucy Teixeira, o que imagino, foi uma das razões que fizeram Lucy Teixeira encarregá-la como responsável pelo seu espólio. Que além de vasta documentação e registro dos muitos anos de serviço jurídico e diplomático da escritora contém os originais de muitas de suas publicações, além de textos inéditos.

A escassez de dados sobre a vida de alguns membros da AML deve-se, em parte, à deficiente atividade de arquivamento de documentos relacionados a comunicações realizadas pelos mesmos, sobretudo, os produzidos antes dos anos de 1950, período em que a AML ainda não contava com sede fixa. E, também, à sutileza dos documentos publicados sob o título de *perfis acadêmicos*, publicações que descrevem aspectos da vida literária de membros da AML. Estas publicações, como as demais produzidas, concentram maior destaque na realização da crítica à produção literária dos acadêmicos, dedicando pouco espaço para informações sobre a trajetória dos mesmos.

Suponho que as quatro mulheres com quem conversei apresentam idade que varia entre 45 e 70 anos. A partir da tez de suas peles, elas podem ser consideradas como brancas, como as demais mulheres membros da AML⁷. Fixaram residência em áreas consideradas nobres, da cidade de São Luís, como Olho d'água, Renascença e Turu.

Nos encontros com as escritoras, ou com pessoas relacionadas a elas, pude observar um pouco das relações estabelecidas entre elas e os demais membros da AML, percebendo suas inscrições em posições sociais de destaque, alguns elementos de sua erudição literária e a proximidade, senão, a intimidade com alguns destes membros.

Para uma apresentação inicial dessas mulheres, descrevo a seguir um pequeno resumo das informações sobre as mesmas. Começo pela última eleita:

Sonia Almeida, nascida em São Luís. Estudou no Colégio Santa Teresa, atualmente é professora do curso de Letras da Universidade Federal do Maranhão, tem três filhos. É poetisa, com alguns trabalhos premiados em concursos locais, e tem trabalhos científicos relacionados à linguagem e educação. Foi eleita para a Academia em 2006, tomando posse no dia 10 de agosto do mesmo ano, ocupa a cadeira de número 20.

Laura Amélia Damous, nascida na cidade Turiacu, em 10 de abril de 1945, filha de família de ascendência libanesa. Estudou no Colégio Santa Teresa, onde obteve a formação de professora normalista e graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão. Teve quatro filhos, é poetisa, funcionária pública. Chegou a Ser Chefe da Casa Civil do Governo do Estado do Maranhão, no

⁷ Mesmo Laura Rosa que era filha de mãe negra (MOTTA, 2003), era considerada como branca por seus parentes (FERRETTI, 1995).

Governo de Roseana Sarney (1998 - 2002). Desempenhou diversas funções na administração pública do governo do Estado do Maranhão, e continua envolvida com o trabalho em atividades políticas. Ocupa a cadeira de número 06, tendo tomado posse no dia 14 de março de 2003.

Ceres Costa Fernandes nasceu em Salvador e com dois anos veio para São Luís. Filha de maranhenses, passou a infância e adolescência entre São Luís e o Rio de Janeiro, onde realizou seus estudos primários e secundários, graduou-se em Letras, em São Luís. Foi professora de Literatura pela Universidade Federal do Maranhão, trabalhou em projetos do Governo do Estado, produziu alguns trabalhos sobre crítica e história da literatura, publica crônicas, periodicamente, no Jornal o Estado do Maranhão, desde 1998. Tomou posse na AML em 24 de maio de 2001 e ocupa a cadeira número 39.

Lucy Teixeira (1922-2007), em 1948, graduou-se em Direito. Nesse período, vivia em Minas Gerais. De volta a São Luís, assumiu cargo no Tribunal de Justiça do Maranhão. Depois, trabalhou como adido cultural, tendo vivido em países como Bélgica, Espanha e Itália, onde fez seu doutorado em 1958. Em sua juventude, participou de movimentos literários, onde conheceu escritores como Ferreira Gullar, Bandeira Tribuzi e José Sarney, encarregado de recebê-la como membro da AML. Poeta e prosadora, foi admitida em 1979, quando ocupou a cadeira de número 7.

Dagmar Desterro e Silva (1925 – 2004) nasceu em São Luís, em uma família que, por muitos anos, esteve relacionada a diversas atividades políticas. Estudou no Colégio Santa Teresa, foi professora da Educação infantil, graduou-se em Pedagogia e Direito, ocupou diversos cargos públicos, tendo chegado à vice-reitoria da Universidade Federal do Maranhão. Publicou obras em formato de romances, poesias e peças de teatro. Ocupou a cadeira número 24, eleita em 15 de abril de 1974, tomando posse em 8 de junho de 1974.

Conceição Neves Aboud (1925-2005), estudou no Colégio Sion, no Rio de Janeiro e, quando regressou a São Luís, trabalhou no estabelecimento bancário de Francisco Aguiar. Depois de casada, mudou-se para o Rio de Janeiro tendo passado maior parte de sua vida nessa cidade, dedicando-se à literatura e ao lar. Foi uma das escritoras maranhenses de maior destaque, tendo seus romances publicadas pela revista “O Cruzeiro”. Tomou posse em 8 de dezembro de 1955, ocupando a cadeira de número 20, mas pouco participando das reuniões da AML.

Mariana Luz (1879 – 1960), original da cidade de Itapecuru, foi professora, e ocupou a cadeira de número 32...

Laura Rosa (1884 – 1976), cujos trabalhos literários eram assinados com o pseudônimo de Violeta do Campo, nasceu e cresceu em São Luís. Era filha de mãe negra e de pai desconhecido e foi criada pelos seus padrinhos. Aos 25 anos, concluiu o curso normal e depois de formada trabalhou por alguns anos no interior da cidade de Caxias. Publicou poesias e artigos relacionados à criação e educação de crianças. Morreu em situação de pobreza, com 92 anos de idade. Ocupou a cadeira de número 26, tendo ingressado na AML em 1943.

Além destas oito mulheres, devo lembrar que a primeira escritora cotada para uma vaga na AML, foi Maria Luiza Lobo, filha de Antonio Lobo (um dos fundadores da AML). Em sua juventude, a mesma participou de várias atividades na Academia. Ao receber o convite para ser membro da instituição, recusou-o, alegando que, por morar na cidade do Rio de Janeiro, não havia meios para que participasse das atividades acadêmicas.

Gostaria de destacar, ainda, que o envolvimento dessas mulheres com a família e o trabalho do lar marca um ponto em comum entre a maioria delas. Em alguns casos, porém, os relatos sugerem uma aparente dedicação, muito maior a atividades relacionadas à vida profissional. Quanto à formação escolar dessas escritoras registra-se que seis delas tiveram formação na área do magistério e, em alguns casos, trabalharam nessa profissão. Além da AML, a trajetória dessas mulheres segue por caminhos que fazem de suas vidas parte da história de outras instituições, como o Governo do Estado do Maranhão e da Prefeitura de São Luís, a Universidade Federal do Maranhão e o Colégio Santa Teresa.

1.6 Do corpo do texto

Além desta introdução, onde apresento minhas primeiras impressões e os recursos operacionais utilizados para realização deste estudo e das considerações finais, foram produzidos três capítulos que discorrem sobre os seguintes temas:

O primeiro capítulo, **Produção Científica, Literária e o Local das Mulheres**, discute como o conhecimento científico constituiu-se como um local de poder, construído a partir do ideal de **sujeito universal** e como esse ideal pode ser

recuperado em um conjunto de representações sociais que atribuem valores à produção de arte, mais especificamente relacionado à produção de literatura. Observo como alguns locais de reconhecimento de escritores, como as Academias de Letras, (re)produziram valores literários universalizantes, relacionados ao ato de escrever literatura e como setores da crítica literária buscam um rompimento com os trabalhos que não consideram a produção literária de mulheres.

O segundo capítulo, **Intelectuais, literatura e a produção da identidade maranhense**, reconstitui um processo histórico de formação de grupos literários e de academias para observar quais ideais/valores estão associados à fundação da Academia Maranhense de Letras e à produção, por parte de seus membros, de uma identidade maranhense, relacionando mitos fundadores, especificidade lingüística/virtude gramatical e intelectualidade. Além disso, descrevo o processo de acesso à AML e as relações que cercam o período de eleições para as vagas na instituição.

O terceiro capítulo, **Mulheres das letras e locais de poder**, contempla a discussão sobre a trajetória das mulheres, membros da AML. Neste capítulo, sigo os caminhos percorridos por algumas destas escritoras, reconstituindo suas origens familiares, suas formações básicas e profissionais, atividades desempenhadas em instâncias consideradas públicas, assim como algumas das questões que estão associadas ao início da produção literária e quais sentidos atribuem a essa produção, chegando ao momento de acesso à AML e às relações estabelecidas com os outros membros, desvelando relações de poder que se constituem nessas mediações.

2. PRODUÇÃO CIENTÍFICA, LITERÁRIA E O LOCAL DAS MULHERES

2.1 Discursos Legitimadores: uma ciência produzida por homens

Por que a ciência nos é inútil?
 Porque somos excluídas dos encargos públicos.
 E por que somos excluídas dos cargos públicos?
 Porque não temos ciência.
Nísia Floresta

Diversos autores, nos últimos anos, começaram a publicar análises que discutiam a validade dos métodos e das teorias que tentavam tornar os fatos sociais inteligíveis. Trabalhos de autores como Santos (2000; 2005, 2005b), Touraine (2006) e Geertz (2001), afirmam que as propostas metodológicas e as análises realizadas pelas Ciências Sociais precisam ser amplamente discutidas e repensadas, já que o mundo, como cita o próprio Geertz (2001), tal com era visto pelas Ciências Sociais, até o final dos anos oitenta, parece estar se dissolvendo. Segundo ele, “as temidas simetrias da era do pós-guerra desarticularam-se, e nós, ao que parece, ficamos com os pedaços” (GEERTZ, 2001, p.192).

Essa fala ilustra uma modificação na forma de compreensão dos fenômenos sociais decorrentes da impossibilidade de pensar o mundo formado por blocos homogêneos, política e economicamente, tal como foi pensado por muito tempo, durante o período em que o mundo parecia dividido entre comunismo e capitalismo.

De outro lado, trabalhos como os realizados por Mignolo (2003) ou Bhabha (1998) sugerem que o mundo não está se desfazendo, mas sim que a forma como era observado fez com que ele fosse visto de forma homogênea⁸ pela ciência ocidental, de uma maneira pela qual o mundo talvez nunca tenha sido. As críticas de Mignolo (2003) e Bhabha (1998) tratam, principalmente, da forma como a teoria social europeia interpretava as relações estabelecidas entre povos e nações, com percursos históricos e sociais diversos, como próximas à realidade europeia ou, na maioria das vezes, sem mesmo considerar tais processos.

Segundo Boaventura (2005), a produção do conhecimento científico passa por uma crise do paradigma dominante. A saber, o que se assentava sobre

⁸ O uso do termo homogêneo tem seu sentido resumido, aqui ele quer dizer, *teoricamente homogêneo*, esse uso faz uma crítica a um conjunto de pensamentos das Ciências Sociais que pretendiam compreender diversos problemas independente de possíveis especificidades que estes apresentassem em diferentes locais do mundo.

valores como a racionalidade científica, que negava o caráter racional de todas as formas de conhecimento que não obedeciam aos princípios epistemológicos e as regras metodológicas elaboradas pela ciência moderna.

A crise do paradigma dominante é o resultado interativo de uma pluralidade de condições sociais e condições teóricas. [sobre as condições teóricas] A identificação dos limites, das insuficiências estruturais do paradigma científico moderno, é o resultado do grande avanço no conhecimento que ele propiciou. O aprofundamento do conhecimento permitiu ver a fragilidade dos pilares em que se funda (SANTOS, 2005, p. 68).

Esse exercício de crítica à forma como o conhecimento científico ocidental foi produzido, tem sido discutido por vários autores, e retomam um dos temas mais caros às Ciências Sociais, ao lembrarem que o conhecimento científico é produzido em sociedade e, por isso, ele também é influenciado pela sociedade, sendo, às vezes, reflexo de vários ideais que perpassam a formação do pesquisador. Além disso, tal observação também remete à idéia de que o conhecimento científico, não só interpreta determinadas relações sociais, mas também, elabora vários discursos (como nos lembra Foucault, 2005), que podem (re)construir a vida social em diversas das suas dimensões.

Nesse sentido, o exemplo fornecido por Santos (2005) ilustra como várias teorias, produzidas ao longo dos anos, são fortemente influenciadas por relações com teorias de campos científicos variados, muitas vezes relacionados com teorias sociais e com a própria vivência de seus autores.

A partir do trabalho de Ruth Hubbard (1983), Santos cita:

A aceitação tão ampla da teoria de Darwin assenta, por um lado, no fato de ser uma teoria histórica e materialista, congruente com o ambiente intelectual do tempo e, por outro lado, no fato de ser uma teoria intrinsecamente otimista que se adequava bem à ideologia meritocrática e individualista encorajada pelos êxitos do mercantilismo inglês, do capitalismo industrial e do imperialismo.

Efetivamente, a seleção natural é uma história do progresso, de expansão, de invasão e de colonização; é, em suma, quase uma história natural do capitalismo ou uma história do capitalismo natural. E Marx, em carta a Engels, três anos depois da publicação de *A Origem das Espécies*, comenta ser notável que Darwin tenha reconhecido entre os animais e plantas a sua sociedade inglesa com a sua divisão do trabalho, concorrência, abertura de novos mercados, invenções e luta Malthusiana pela existência (HUBBARD *apud* SANTOS, 2005, p. 86).

Com essa citação, Santos crítica a própria forma como foi estabelecida uma divisão entre os diversos ramos da produção científica, dentre elas a que colocava as Ciências Naturais de um lado, e as Ciências Sociais de outro. Segundo

esse autor, todas as Ciências seriam sociais, no sentido de que seriam socialmente influenciadas ou mesmo construídas. Algo que retoma a idéia de que, “para o espírito científico, todo conhecimento é resposta a uma pergunta. Se não há pergunta não pode haver conhecimento científico. Nada é evidente. Nada é gratuito. Tudo é construído” (BACHELARD, 1996, p. 18).

É diante da constatação de que certos esquemas explicativos não contemplam as questões formuladas por cientistas em/de diversas partes do mundo e, também, da observação de que tais esquemas foram influenciados pelos contextos em que foram produzidos, que diversas(os) teóricas(os) tentaram pensar novos caminhos para a produção do conhecimento científico, dentre elas(es) as(os) pós-modernas(os), ou as(os) pós-estruturalistas.

Como nos lembra Santos, está na tradição da sociologia preocupar-se com a *questão social*, com as desigualdades sociais, com a ordem/desordem autoritária e a opressão social que parecem ir de par com o desenvolvimento capitalista (2000, p. 17).

Essa descrição genérica, com que Santos destaca os temas que concentram muitas das pesquisas da sociologia, desde o período de sua produção enquanto ciência (ainda no século XIX), foi ampliada de forma bastante significativa, como afirma o próprio autor, ao longo do século XX.

A diversificação de temáticas tratadas pelas Ciências Sociais e o aporte de diferentes referenciais teóricos, produzidos por outras disciplinas, colaboraram para produzir um conhecimento que passa por diversos processos de síntese, ao longo dos anos.

O início da realização de pesquisas que discutiam sobre a participação das mulheres nos eventos históricos e na produção artística e, posteriormente, a não participação das mulheres no espaço de produção científica, marca um movimento de desconstrução de paradigmas a respeito dos sentidos atribuídos ao significado das mulheres como um ser de segunda classe. A produção dessa crítica à marginalização das mulheres, em alguns espaços, pode ser considerada como um item importante, no processo de modificação das ciências sociais. Além disso, a crítica feminista trata da observação do afastamento e muitas vezes da total exclusão de determinados sujeitos da produção científica e ainda da anulação das possíveis variantes que esses sujeitos poderiam inserir nas mais diversas pesquisas realizadas.

As pesquisadoras feministas assinalaram muito cedo que os estudos de mulheres acrescentariam não só novos temas, como também iriam impor uma reavaliação crítica das premissas e critérios do trabalho científico existente. “Aprendemos”, escrevem três historiadoras feministas, “que inscrever as mulheres na história implica necessariamente na redefinição e no alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva, quanto as atividades públicas e políticas” (SCOTT, 2005).

Nesse sentido, o movimento feminista e a crítica desenvolvida por algumas de suas representantes, constituem-se como elementos importantes para a observação de que muitos dos conhecimentos, até hoje produzidos, desconsideram os sujeitos que estão inscritos nas posições/categorias de mulheres.

O século XX assistiu ao surgimento de diversos movimentos sociais que questionavam várias hierarquias. As grandes guerras, ocorridas nesse período e a ampliação do poder econômico e político de alguns Estados, em nível mundial, dentre outros fatos, influenciaram fortemente a organização de tais movimentos. Dentre eles, destaco o movimento de lutas pela independência jurídica e econômica das mulheres. Organizadas em grupos, desde fins do século XIX, e (auto)denominadas sob o rótulo de feministas, muitas mulheres ocidentais questionaram a não participação das mulheres em diversas instituições, dentre elas, as instituições políticas e científicas. A discussão sobre a organização de muitas sociedades, a partir de um sistema de classificação binário, que opunha masculino e feminino, produzindo a divisão social/sexual do trabalho, permeou todas as discussões propostas pelas feministas.

Esse questionamento parece expandir-se por várias Universidades, apenas depois dos anos de 1960 e, não coincidentemente, no período em que o movimento feminista estava em seu auge, entre as décadas de 1970 e 1980. Nesse momento, disciplinas como a História e a Crítica Literária foram profundamente influenciadas por um movimento de crítica à forma como foram produzidas, apagando a importância da participação de mulheres, tanto em atos históricos como na produção literária. Nesse período, Segundo Schwantes (2006), por exemplo, iniciou-se um processo de resgate da literatura produzida por mulheres. Esse movimento de revisão da participação da mulher na sociedade expandiu-se por outras disciplinas, compondo o que venho chamando de crítica feminista.

É a partir dos anos de 1980 que se começa a buscar um conceito que afaste as características de sujeitos universais, com que alguns ramos da crítica feminista começaram a tratar as mulheres.

A partir destes questionamentos, a categoria Gênero tornou-se um instrumento fundamental para a realização de estudos sobre as formas como as relações de poder se organizavam entre os sujeitos classificados como homens e os classificados como mulheres (Estudos de Gênero). Recentemente, principalmente a partir de 1990, algumas teóricas começaram a questionar a forma como o feminismo produziu uma idéia de mulher essencializada (BUTLER, 2003). Mas esse não é o foco da discussão. A retomada só foi realizada para contextualizar como as categorias Movimento Feminista, Crítica Feminista e Estudos de Gênero, são campos de trabalhos com características particulares, mas que costumam aproximar-se, em alguns momentos, e são responsáveis pelo movimento de crítica ao afastamento das mulheres em diversas dimensões da vida social. As teorias de gênero são, de certa forma, como já afirmei, produto dos questionamentos realizados pela crítica feminista, ao longo do século XX. Além disso, funcionaram como um novo elemento de crítica aos conhecimentos produzidos, em quase sua totalidade, por homens (GERGEN, 1993).

A participação de mulheres nos questionamentos sobre a forma de produção do conhecimento científico, ocorrido como muita intensidade a partir dos anos de 1960, mostrou novas possibilidades de produção do saber científico, já que a crítica feminista “assumia-se comprometida politicamente, desafiando a neutralidade e a objetividade, tão caras à ciência tradicional” (LOURO, 2002, p. 13), influenciando, fortemente, várias disciplinas das ciências humanas.

O objetivo da crítica feminista não é, assim, o de construir uma ciência “separada”, mas antes o de contribuir para uma transformação da ciência existente, prolongando e renovando o horizonte crítico que esteve na origem da ciência moderna, incorporando novas interrogações, perspectivas, temas e práticas, em contextos institucionais e profissionais renovados (SANTOS, 2005b, p. 47).

Além disso, tal proposta de produção científica foi responsável por um processo de

desnaturalização e problematização da “masculinização” histórica, e sustentada por instituições, práticas e ideologias profissionais dos mundos da ciência moderna [...] e à importância de considerar o conjunto das condições ligadas à constituição dos sujeitos do conhecimento como relevantes para a definição do que é o conhecimento objetivo – não só do sexo, mas também a pertença étnica, a pertença de classes, a nacionalidade ou a religião (SANTOS, 2005b, p. 47).

Um dos principais propósitos desse movimento político/científico seria desconstruir a idéia de que os sujeitos desenvolveriam suas atividades na sociedade, a partir de sua conformação biológica, quando aquelas atividades tidas como mais racionais eram taxadas como as mais adequadas para os homens, colaborando com a idéia de objetividade e racionalidade que engendraram a idéia de masculino. De outro lado, comportamentos de expressão dos sentimentos, das emoções, acabaram sendo os traços definidos como apropriados para as atividades das mulheres.

Embora essa delimitação não ocorresse de forma rígida, discursos colaboraram, ao longo da história das sociedades contemporâneas, para a demarcação de papéis sociais específicos para homens ou para mulheres. São esses discursos, aparentemente, hegemônicos no Ocidente, pelo menos até os anos de 1960, que serão questionados pelas feministas e por vários trabalhos críticos, realizados ao longo dos últimos anos. Segundo alguns desses trabalhos, tais discursos (médicos, jurídicos, religiosos etc.) colaboraram para a construção do gênero, através de elementos que não se “situariam” nos corpos. Segundo Lauretis, a demarcação do que seria homem ou mulher

nem [é] algo existente *a priori* nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, *o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais* por meio de desdobramentos de “uma complexa tecnologia política. (LAURETIS, 1994, p. 208)

Essa “tecnologia política”, como coloca Foucault, ou como diria Lauretis (2004), essa “Tecnologia do Gênero”, estabelece, uma divisão das identidades sociais/sexuais que, dentre outras coisas, contribuiu para a permanência da mulher nos limites da casa (do privado).

O início dos trabalhos de cunho acadêmico que começaram a criticar a forma de divisão social que organizou a sociedade a partir da oposição mulher x homem é marcado, de forma substancial, pelo lançamento do livro **O Segundo Sexo**, ainda no ano de 1949, por Simone de Beauvoir.

Desde então, esses estudos precisaram superar várias dificuldades, desde a forma de delimitação de seus objetos de pesquisa, à produção e uso de uma teoria para fundamentar tais pesquisas. Nesse sentido, a categoria Gênero surgiu como categoria de análise, considerada, assim como sugere Joan Scott, como “uma primeira maneira de dar significado às relações de poder” (SCOTT,

2005). E o gênero seria “um primeiro campo, no seio do qual ou por meio do qual, o poder é articulado” (idem), a partir do qual os homens definiram seus locais, de forma diferenciada, em relação às mulheres.

Ao utilizar **gênero**, deixava-se de fazer uma história, uma psicologia, ou uma literatura das mulheres, sobre as mulheres e passava-se a analisar a construção social e cultural do feminino e do masculino, atentando para as formas pelas quais os sujeitos se constituíam e eram constituídos, em meio a relações sociais de poder (LOURO, 2002, p. 15).

Gênero seria, além disso, o elemento que possibilitaria a inteligibilidade dos sujeitos (BUTLER, 2003); a partir da dicotomia homem ou mulher, e da inserção de indivíduos em um desses dois pólos⁹ os sujeitos teriam seus papéis sociais definidos.

A crítica aos significados atribuídos ao produto de atividades realizadas por homens e mulheres atingiu diversos ramos da produção humana e encontraram um terreno fértil para expandirem em campos relacionados à participação histórica, política e artística das mulheres e de outros sujeitos colocados à parte nesses locais.

2.2 Olhares sobre o fazer literário

A UM POETA

Longe do estéril turbilhão da rua
beneditino, escreve! No aconchego
do claustro, na paciência e no sossego,
trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!

Mas que na força de disfarce o emprego
do esforço; e a trama viva se construa
de tal modo que a imagem fique nua,
rica mas sóbria, como um templo grego.

Não se mostre na fábrica o suplício
do mestre. E, natural, o efeito agrade,
sem lembrar os andaimes do edifício:

Porque a Beleza, gêmea da Verdade,
Arte pura, inimiga do artifício,
É a força e a graça na simplicidade.
(Olavo Bilac)

Uma diversidade de opiniões e teorias sobre o ato de produzir literatura foi e continua sendo produzido constantemente. A necessidade de elaborar explicações “lógicas” sobre o que é literatura e o que faz dela algo que desperta a

⁹ A atividade de adequação dos sujeitos a uma dessas duas possibilidades, por mais difícil que fosse, foi realizada com grande intensidade, sobretudo, pelos discursos médico/psicológicos do século XIX.

atenção de muitas pessoas apresenta-se como o tema de trabalho de muitos pesquisadores. Nas palavras de E.D. Hirsch Jr. (apud SILVA, 1997, p. 16), “*Literature has no independent essence, aesthetic or otherwise. It is an arbitrary classification of linguistic works which do not exhibit common distinctive traits, and which cannot be defined as an Aristotelian species*”¹⁰. A arbitrariedade que define o que é, ou não, literatura, é dada por diferentes grupos envolvidos com a produção literária. Dessa forma, muitas instituições podem definir seus valores literários, dentre elas, bibliotecas, escolas, sociedades de leituras, academias de escritores, críticos literários e livros de História da Literatura.

Embora não possa ser constatado uma característica exata que demarque o que pode ser literatura, pode-se observar uma “lógica” de organização de muitos textos literários. Alguns deles reproduzem uma ordem de desenvolvimento, marcada pelo estabelecimento de uma continuidade entre princípio, meio e fim, ou se observarmos pela “lógica da biologia”: nascimento, crescimento e morte.

Se tomarmos como referência a organização dos livros da Bíblia, podemos observar que, a linearidade com que é descrita a saga do povo hebreu e dos primeiros cristãos, reproduz uma continuidade de valor universal. A organização, em pontos extremos, dos livros do Gênesis e do Apocalipse reconstitui a origem de um povo, descreve como ele viveu, e ilustra como será seu fim. Em vez de ser uma característica de textos literários, essa lógica apresenta-se em trabalhos das mais diversas áreas do campo científico.

Nas ciências exatas, por exemplo, uma explicação similar à que é fornecida pelo livro do gênesis pode ser observada no texto que explica a teoria da formação e expansão do cosmo, *big bang*. Em uma das várias traduções do trabalho de Georges Lemaître (1927), um dos primeiros físicos a formular essa teoria, está escrito:

Era uma vez, uma época em que toda a matéria que havia concentrava-se em algo tão pequeno quanto as menores partículas hoje conhecidas. O universo era muito denso e inacreditavelmente minúsculo. **Espaço e tempo não existiam** (apud, CORRÊA, 2008, p. 77, grifo meu).

¹⁰ Tradução livre: “Literatura não tem uma essência independente, estética ou de outro tipo. Ela é uma classificação arbitrária de trabalhos lingüísticos que não exibem traços distintivos comuns, e que não pode ser definida nos moldes Aristotélicos”.

Nesse sentido, o esquema de desenvolvimento de muitas narrativas (literárias, científicas, religiosas...) pautam-se na proposição de um ponto de origem. Nas palavras de Foucault (2002), esses trabalhos buscam uma genealogia dos fatos a serem narrados, descritos, ou analisados, como na proposta de explicação da origem do mundo fornecida pela Bíblia:

No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra estava informe e vazia; as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus pairava sobre as águas. Deus disse: “Faça-se a luz!” E a luz foi feita. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas. Deus chamou a luz de **DIA**, e às trevas **NOITE**. Sobreveio a tarde e depois a manhã: foi **o primeiro dia**. Deus disse: “Faça-se um firmamento entre as águas, e separe ele uma das outras”. Deus fez o firmamento e separou as águas que estavam debaixo do firmamento daquelas que estavam por cima. E assim se fez. Deus chamou ao firmamento CÉUS. Sobreveio a **tarde** e depois a **manhã**: foi **o segundo dia** (Gên. 1, 1-8, grifos meus).

Ao destacar estes pontos, observo que a produção literária não se estabelece como um mundo à parte, produzido a partir de normas que se deslocam da forma de dar inteligibilidade às relações entre indivíduos que convivem em sociedade.

Embora esse tipo de comentário possa sugerir uma ação tendenciosa de explicar a organização de um conjunto de práticas sociais a partir de um mesmo exemplo, minha intenção é observar que, assim como a ciência produzida no ocidente considera um conjunto de exclusões do que seria cientificamente válido (como faço no início deste capítulo), a produção literária, também, observa um conjunto de valores que define o que é literariamente aceito.

A produção literária mobiliza, ao longo da história do Ocidente, o interesse de diversos pensadores e pesquisadores que tentam produzir uma explicação para o que há nessa produção que atrai tanto a atenção de determinados segmentos da sociedade.

Um dos trabalhos que podem ser considerados precursores nessa área de pesquisa nos remete à Grécia Clássica (séculos V e VI a.C.). Na poética de Aristóteles, encontramos a descrição dos elementos contidos no texto trágico responsáveis por produzirem a satisfação do público das tragédias gregas. A ação do texto trágico, segundo Aristóteles, é constituída por três partes: a *peripécia*, que indica mudança no sentido contrário ao que foi indicado; o *reconhecimento*, momento no qual se passa da ignorância ao conhecimento; e o *patético* ou a *catástrofe*, momento de desfecho da ação. Se tomarmos, por exemplo, a tragédia

escrita por Sófocles, *Édipo Rei*, a *peripécia* ocorre no momento em que Tirésias anuncia que Édipo cometera parricídio; o *reconhecimento* dá-se quando Édipo descobre ser filho de Jocasta e toma consciência do incesto; a *catástrofe* marca o desfecho da história, com o suicídio de Jocasta e a mutilação dos olhos de Édipo. Segundo Aristóteles(s/d), a produção de uma narrativa que pudesse ser tida como possível de acontecer (verossímil) e a concatenação dos elementos acima citados garantiriam o sucesso de algumas tragédias.

Das análises dos elementos narrativos que constituem o texto literário às especificidades que fazem de cada escritor um sujeito dotado de singularidades, diversos trabalhos foram produzidos e apenas a lista desses estudos tomariam um tempo que julgo desnecessário na seqüência deste trabalho, pois, a imagem produzida a respeito do artista literário representa o centro da discussão que inicio.

Contemporaneamente, a discussão sobre as representações do produtor de literatura ocupa posições de destaque em algumas áreas. Ela se encontra polarizada entre duas opiniões bem diferentes: uma, centrada na compreensão de alguns autores como seres dotados de especificidades transcendentais, as quais os situariam como *gênios*. Nesse sentido, destaco o crítico americano Harold Bloom, como um dos principais defensores dessa idéia. De outro lado, encontram-se sociólogos, que observam o artista como fruto das relações entre alguns sujeitos e as possibilidades oferecidas no meio em que eles se encontram. Dentre alguns defensores dessa opinião, pode-se destacar os trabalhos de Bourdieu (1996) e Elias (1994).

Ao defender a genialidade de um autor, Haroldo Bloom (2003) sugere que alguns personagens da história ocidental possuiriam uma espécie de “deus interior”. Em um dos seus últimos trabalhos, **Gênio** (2003), o autor defende que pessoas como Sócrates, Platão, Maomé, Sigmund Freud, Virginia Woolf, Fernando Pessoa, Machado de Assis, entre alguns outros ilustres nomes, possuem algo “que remete ao transcendental e ao extraordinário” (p.36). Assim, o gênio seria um ser dotado de uma aptidão, talento natural, força intelectual ou criadora, inata, divinizado até na forma em que o autor classifica os escritores selecionados para comporem sua lista de gênios, dividindo-os segundo as esferas que compõem a Cabala¹¹.

¹¹ Cabala é um sistema religioso-filosófico que investiga a natureza divina. É a vertente mística do judaísmo, doutrina esotérica que visa conhecer a Deus e o Universo. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cabala>, acesso: 10.10.2008.

Machado de Assis é o único brasileiro apresentado no trabalho em que Bloom cita sua lista dos cem maiores gênios, segundo ele:

Machado de Assis é uma espécie de milagre, mais uma demonstração da autonomia do gênio literário, quanto a fatores como tempo e lugar, política e religião, e todo o tipo de contextualização que supostamente produz a determinação dos talentos humanos. Eu já havia lido e me apaixonado por sua obra, especialmente *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, antes de saber que Machado era mulato e neto de escravos, em um Brasil onde a escravidão só foi abolida em 1888, quando o escritor estava com quase 50 anos. [...] Ao ler Machado de Assis, presumi, erroneamente, que fosse o que chamamos “branco” (BLOOM, 2003, p. 688).

A posição de autores como Harold Bloom e a compreensão do artista como ser superior, têm ocupado um espaço marginal nos estudos que discutem sobre temas como o produtor de arte. Entretanto, obras com essa orientação atraem a atenção de um grande público e agradam, sobretudo, a uma grande quantidade de artistas que cultivam valores como vocação e inspiração como sendo as razões que influenciam a produção artística e que os distingue dos não aptos para tal produção.

Em **As Regras da Arte** (1996), Bourdieu produz uma crítica profunda aos defensores desses ideais de vocação e inspiração como determinantes de uma superioridade artística do gênio e do processo de divisão social do trabalho onde, apenas aos dotados de tais características, caberia a habilidade de escrever alguma literatura dentro de padrões considerados “interessantes”. De acordo com suas idéias, ao invés da influência divina, seria a trajetória de cada pessoa e as influências provocadas por características como a origem social, profissão dos pais, educação recebida, entre outras, que forneceriam um conjunto de **espaços de possíveis** para que cada pessoa ocupasse uma posição específica na sociedade.

Toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus*; cada deslocamento para uma nova posição, enquanto implica a exclusão de um conjunto mais ou menos vasto de posições substituíveis e, com isso, um fechamento irreversível do leque dos possíveis inicialmente compatíveis, marca uma etapa do *envelhecimento social* que se poderia medir pelo número dessas alternativas decisivas, bifurcações da árvore com incontáveis galhos mortos que representa a história de uma vida (BOURDIEU, 1996, p. 292).

Como sugere a poesia de Olavo Bilac, longe de ser composto, unicamente, por inspiração, no trabalho do poeta também haveria transpiração. Embora o escritor, não mostre ao público seu suplício nas etapas de produção da poesia, atividade realizada “no aconchego do claustro”, tal atividade é apresentada

como momento em que o poeta “trabalha, e teima, e lima, e sofre, e sua!”. De forma parecida com a atividade dos operários da construção civil, o objetivo do poeta é agradar ao público “sem lembrar os andaimes do edifício”.

Ao buscar as razões da formação do campo literário francês, Bourdieu reconstitui o processo de formação desse campo e ilustra como a imagem do artista foi formada, historicamente, pela associação entre homens de letras e a boêmia e, posteriormente, com a associação dos artistas ao papel de intelectuais e da sua influência sobre o campo político.

Para isso era-lhe necessário produzir uma figura nova, a do intelectual, inventando para o artista uma missão de subversão profética, inseparavelmente intelectual e política, capaz de fazer aparecer como um partido estético, ético e político, feito para encontrar defensores militantes, tudo que seus adversários descreviam como o resultado de um gosto vulgar ou depravado [...] O intelectual constituiu-se como tal, intervindo no campo político *em nome da autonomia* e dos valores específicos de um campo de produção cultural que chegou a um alto grau de independência em relação aos poderes (BOURDIEU, 1996, p. 150).

No Brasil, junto com as várias idéias importadas da França durante o século XIX, a idéia do escritor como representante de uma função crítica, estabelecida pela atribuição/incorporação do papel de intelectual, reconhecida por significativa parcela de literatos, encontrou local fértil para disseminar-se.

No final desse século, percebe-se a atuação constante de escritores sediados na cidade do Rio de Janeiro, em discussões relacionadas ao processo de fim da escravidão no Brasil (ocorrida em 1888) e nas discussões que cercaram o fim do Império e início da República, como descreve El Far (2000).

A associação da imagem do escritor à do intelectual, relaciona a atividade literária a uma função importante nas relações políticas do país. Essa nova situação pode ser visualizada através da distribuição de importantes cargos públicos entre uma grande quantidade de escritores de destaque (ainda durante o Império e também durante a República). Em oposição à idéia do trabalho realizado no “aconchego do claustro”, sugerido anteriormente por Bilac, a função do intelectual ganhou projeção pública. Dessa forma, embora a obra do autor mantenha distância entre o tema narrado e as discussões políticas em voga, como pode ser percebido na obra de alguns escritores, a opinião de uma parcela desses artistas passa a ocupar lugar de destaque para alguns setores da sociedade.

Embora a produção literária de mulheres pudesse ser algo realizado no interior do lar, tenho observado que o destaque literário decorre, em muitos casos,

de uma participação pública. Dessa forma, a atuação do escritor como intelectual parece ser um elemento importante para a conquista do reconhecimento entre um grupo de leitores. Além disso, a profissão de escritor, só em poucos casos, forneceu uma fonte de renda que possibilitasse a sobrevivência dos escritores. Dessa forma, a sobrevivência de muitos deles dependeu da atuação numa vasta gama de profissões, do trabalho em diferentes órgãos públicos, relacionando-os a locais de poder, aos quais, uma grande parcela das mulheres não teve acesso, pelo menos, até os anos de 1970.

2.3 Produção literária de mulheres e a crítica

A literatura produzida por mulheres, quando aparece nos registros históricos (Cânones Literários, essencialmente) é citada como obra de menor representatividade, no sentido que, em bibliotecas e livrarias aparece, significativamente, em menor quantidade, em termos do volume de obras produzidas por estas, se a compararmos ao que é produzido por homens.

A diferença entre a produção literária de homens e de mulheres gerou o questionamento entre vários escritores e pesquisadores. Virginia Woolf (1882-1941) foi uma das autoras que tentou responder à pergunta: por que mulheres não escrevem romances?¹² Para Woolf, a possível razão para essa aparente inaptidão das mulheres à escrita estava ligada, de certa forma, à divisão social do trabalho (embora ela não use esse termo) e à dependência social, econômica e jurídica da mulher. Naquele contexto (a perspectiva é voltada para a mulher inglesa do século XV ao XIX), segundo ela, “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo seu se pretende escrever ficção” (WOOLF, 2004, p. 08). Para a autora, a decisão de uma mulher tornar-se escritora demandava modos de manter-se economicamente e de instruir-se.

Com a intenção de trazer à tona a obra de autoras esquecidas por diversas escolas literárias, surgiram os grupos de estudos relacionados à análise da

¹² Neste trabalho uso a categoria Romance como termo genérico para designar narrativas, em geral, na forma de prosa (escrita sem metrificacão e sem observacão a elementos sonoros, em oposicão ao verso), não atentando às categorias de tipo de narraçãõ que podem ser produzidas em prosa (conto, novela, memórias, ou o próprio romance quanto estrutura narrativa). Seguindo por essa linha, Literatura, neste trabalho, é entendida como conjunto de obras de reconhecido valor estético produzida em determinada região, no caso, Literatura Maranhense; ou, por diferentes categorias de gênero: Literatura produzida por homens e Literatura produzida por mulheres.

literatura escrita por mulheres. Nesses grupos, buscava-se uma produção/reconhecimento do valor literário de textos produzidos por mulheres e não compreendidos como obras significativas. Possivelmente, muitas das obras que foram estudadas, eram relacionadas/direcionadas à biografia de suas narradoras, algo que se mostrou bastante útil para a crítica literária (XAVIER, 2005).

Essas pesquisas começaram a observar que as narrativas contadas por mulheres, possivelmente, não obedeceriam às mesmas normas das contadas por homens. Com isso, não queriam naturalizar as diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres e sim, reconhecer que, homens e mulheres passavam por processos de formação histórico-sociais que privilegiam aspectos diferentes na formação de cada sujeito.

Como diz Schwantes (2005), “a visão da Psicologia sobre a literatura caracteriza-a como um sistema simbólico no qual as deformações e as lacunas são tão significativas quanto as afirmações contidas nelas”. Ainda segundo a autora (2005), “a literatura não diz como somos, mas sim, como pensamos que somos, como desejamos ser, e no limite, como não somos”.

Nesse sentido, a literatura produzida por mulheres registraria a experiência que esses sujeitos vivenciaram. A expressão dessa subjetividade estaria marcada através da linguagem utilizada e não apenas nas histórias narradas, o estilo da escrita, observado através de construções gramaticais “novas”, dos sentimentos expressos e do vocabulário privilegiado, algo que Branco (1991) chama de **dicção** e, no caso, marcas de uma dicção da literatura produzida por mulheres.

Embora tenha tratado sobre temas como a Crítica Literária produzida por mulheres, sobre a literatura escrita por mulheres e as proposições de uma leitura diferenciada dessa literatura, esse campo de estudo, e outros que utilizam como fontes as obras literárias, ainda encontra certas dificuldades para a realização de suas análises. As principais correntes teóricas, tanto a francesa (da *Écriture Féminine*) quanto a americana (*Gynocritics*) enfrentam muitos impasses relacionados à produção de categorias capazes de expressarem os processos de reconhecimento do valor literário das obras.

2.4 Uma ilustração

A reduzida publicação de obras literárias escrita por mulheres pode ser associada a diversas razões, girando em torno das dificuldades de publicação e distribuição dessas obras; da produção de uma crítica que atraísse a atenção dos leitores; da existência de um público interessado em consumir essa literatura; e da produção dos espaços de reconhecimento da produção literária como locais irrestritos à participação de mulheres.

A título de exemplo desta discussão, destaco uma importante passagem relacionada ao silenciamento da literatura produzida por mulheres no Maranhão.

Considerado um dos primeiros romances publicados no Brasil, cuja autoria é atribuída a uma mulher, como afirma Horácio de Almeida no prólogo da edição *fac-similar* de 1975, **Úrsula**, romance publicado por Maria Firmina dos Reis, em 1859, é uma importante fonte de análise, não apenas literária, como também histórica, para as pesquisas sobre produção literária de mulheres. Não apenas no que diz respeito aos questionamentos sobre uma **dicção feminina**, mas também ao tratamento dado a algumas obras produzidas por mulheres.

Esquecido por muitos anos, o romance perdeu-se, restando apenas um volume original descoberto, por acaso, por Horácio Almeida, crítico literário que, depois de algumas pesquisas, conseguiu descobrir a autoria desse livro, cuja capa apenas dizia “por uma Maranhense”. Em comentário sobre o assunto, Almeida (1975) observa ser espantoso o fato de um livro e sua autora quase nem serem citados nos vários cânones de Literatura Maranhense do século XIX, como o de Antônio Henriques Leal e o de Francisco Sotero do Reis, quando encontramos, nesses compêndios, “o que havia de melhor entre os filhos da terra, de cambulhada com figuras menos expressivas” (ALMEIDA, 1975, p. II).

A narrativa de Maria Firmina é recheada de imagens, hoje consideradas lugar comum do Romantismo: um cavaleiro, decepcionado com seu pai, decide viajar, triste e solitário, pelos campos da Baixada Maranhense. Após sofrer um acidente, é salvo por um escravo. Este se torna seu grande amigo e leva-o para uma fazenda para recuperar-se do acidente. Lá, o cavaleiro conhece Úrsula e por ela se apaixona. Assim foi construído o enredo básico do livro que toca em pontos que destacam a dinâmica das relações na sociedade maranhense, propondo uma crítica sobre a organização social do século XIX, principalmente quando trata da situação

do negro e da escravidão no Brasil, além de expor a situação de dependência da mulher, em relação ao homem, não deixando de funcionar como um relato que joga com as práticas do cotidiano e com os ideais da sociedade, opondo um ao outro.

De certa forma, em **Úrsula**, há um certo distanciamento (do que se pode imaginar possível) em relação a uma província brasileira do século XIX, onde a maioria da população era composta por escravos. Nesse romance, mesmo os escravos, conjugam os verbos sem cometer nenhuma falta. Essa **virtude gramatical** pode ser interpretada como um compromisso com a norma culta da língua, em vez de privilegiar o ideal romântico de valorização do tom coloquial. Além disso, ao longo dos meus estudos, tenho observado que o compromisso com o falar “corretamente” está associado a um processo de formação da identidade do maranhense, sendo um outro elemento do mito da “Atenas Brasileira”, que ainda hoje é retomado como sendo uma importante marca dos ludovicenses. Segundo Martin (1988), Maria Firmina mostra grande originalidade e sensibilidade quando

introduz uma nova versão da negritude, ao escapar da idéia de ‘alma branca’, sempre presente na literatura escrita pelos brancos sobre o negro. Ela propõe uma nova visão do passado africano, respeita a alma e a vivência do negro no Novo Mundo. Ao reconhecer a vida anterior do escravo na África [...]. A autora mostra a realidade dos negros, duplamente prisioneiros: enquanto escravizados pelos brancos e enquanto presos na terra estrangeira. Úrsula é o único romance de seu tempo que tenta apresentar os negros como tal, e não de acordo com estereótipos como o do bom cristão... (MARTIN, 1988).

Pode causar certo estranhamento, esse não registro da obra de uma autora, pelos sujeitos voltados à preservação da história e das obras literárias, principalmente pelo fato de o Maranhão ter-se constituído como uma terra de notório interesse pelas letras. No entanto, quando lembramos que a autora era mulher, descendente de escravos, professora do interior da província do Maranhão e tinha como uma de suas principais temáticas a luta pelo fim da escravidão, em uma terra que dependia, essencialmente, da mão-de-obra escrava, passa a parecer mais claro alguns dos motivos que podem ter corroborado para o quase desaparecimento dessa obra. Com as pesquisas para as reedições do romance, também foram recuperados alguns contos e poesias da autora, publicados nos jornais da época e algumas(ns) pesquisadoras(es), de forma isolada, têm procurado por suas obras, hoje consideradas, por alguns, como parte significativa da Literatura Maranhense.

A partir dos anos de 1980, o tratamento dispensado à memória de Maria Firmina recebeu significativa atenção. Por exemplo, o prédio onde se localizava a Typographia Progresso, situado na Rua de Sant`Anna, na região central da cidade de São Luís, recebeu uma placa comemorativa, por ter sido o local da primeira impressão de **Úrsula**. E Maria Firmina foi homenageada com a produção de um busto. Por muitos, anos esse busto ficou exposto na Praça do Pantheon, em São Luís, e atualmente está nos jardins do Museu Histórico e Artístico do Maranhão, junto com alguns dos mais ilustres maranhenses do século XIX. Embora essas homenagens sirvam para confirmar e aumentar a tradição literária maranhense, certos elementos da vida da autora continuam marginalizados, pois, apesar de não existirem registros fotográficos de Maria Firmina, sabe-se que era descendente de negros e, no entanto, o modelo utilizado para produção de seu busto remete aos traços de uma mulher branca.

Reconheço que, dentre as mudanças que ocorreram, historicamente, e modificaram as possibilidades de atuação das mulheres ao longo do século XX, alguns elementos devem ser retomados para considerar que o “esquecimento” a que foi submetida a obra e a memória de Maria Firmina, não decorrem apenas em função do contexto de sua produção ou da temática abordada por ela em suas obras.

Pode-se supor que o distanciamento espacial da escritora, em relação à cidade de São Luís e a possível ausência de relações com os sujeitos envolvidos nas atividades de reconhecimento do “valor literário” da época, contribuíram para esse esquecimento. Ainda assim, o elemento relacionado à questão racial, apagado, até nos momentos de maior destaque direcionado à escritora, pode ser considerado como mais um item representativo da não visibilidade de sua obra. Desta forma, considero que o reconhecimento literário resulta de uma articulação entre várias instâncias sociais e políticas. Ao longo dos próximos capítulos, destaco, ainda, outros elementos que considero serem de significativa importância para o reconhecimento e a consagração de alguns escritores em São Luís, discutindo, especificamente, sua possível influência durante os processos de eleição para a Academia Maranhense de Letras.

3. INTELECTUAIS, LITERATURA E A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE MARANHENSE

A imortalidade está na obra que o leitor eterniza nos livros lidos e irremediavelmente abertos, mesmo que fechados (Sônia Almeida).

3.1 Sobre a formação das Academias

Na introdução de um volume publicado pela Academia Brasileira de Letras, com os discursos proferidos em atividades dessa instituição, entre os anos de 1897 e 1919, Afrânio Peixoto, membro da ABL, resgata uma longa trajetória da formação de instituições relacionadas ao reconhecimento de valores culturais (marcadas por um processo de produção de identidades centradas na valorização de uma língua e de produções artísticas relacionadas a essa língua) e, em alguns casos, no reconhecimento de alguns homens cultos. Citando a recepção de alguns ideais representados por essas instituições no Brasil, diz que:

Sempre foi o Brasil achado a elas, às academias. Imitação à moda peregrina, com razão maior de ser, aqui, onde os costumes são menos polidos e decentes. Vêm de longe as academias: de 1582 é a Academia della Crusca, de Florença; do século XVIII, em diante, elas pululam. De 1635, é a Academia Francesa; de 1663, é a Academia das Inscrições e Belas-artes; de 1666, a Academia das Ciências em França; a Academia Real de Londres é de 1660; a Arcádia Romana, de 1690; de 1770, a Academia da Prússia; a Academia Espanhola, de 1774; de 1725, a de São Petersburgo.

Em Portugal, a Academia dos Generosos é de 1647 e a Academia dos Singulares de 1663. Desta, disse Dom Francisco Manuel: “com epítetos particulares se apelidaram todos os acadêmicos do mundo: ‘confrades’, se chamaram os da Párvia; ‘declarados’, os de Sena; ‘elevados’, os de Ferrara; ‘inflamados’, os de Pádua; ‘unidos’ os de Veneza...” Assim, os generosos e singulares lusitanos. De 1720, é a Academia Real de História Portuguesa; de 1756, a Arcádia Ulissiponense; de 1780, a Academia Real das Ciências; de 1780, a Academia Real das Ciências; a Nova Arcádia ou Academia das Belas-letras de Lisboa é de 1790.

A moda aqui viria ter. É de 1724 a Academia Brasília dos Esquecidos, da Bahia; em 1736, no Rio, se instalava a Academia dos Felizes. A academia dos Seletos, também no Rio, será de 1751. Na Bahia, em 1759, reviveriam os ‘Esquecidos’ e, daí, a Academia Brasília dos Renascidos. Antes de 1768, lograríamos a Arcádia Ultramarina; a Academia Científica do Rio de Janeiro é de 1791; a Sociedade Literária fora de 1786... (PEIXOTO, 2005, p. XIV).

Falar sobre o grande número de instituições que seguem o modelo de academias literárias remete à indagação sobre quais objetivos estariam associados à formação e ao estabelecimento das mesmas. À primeira vista, elas parecem formar-se com a intenção de se constituírem como locais de reconhecimento dos trabalhos de determinados sujeitos portadores de relevantes habilidades em

atividades de cunho artístico, político, religioso, dentre outras. Entretanto, as atividades de consagração não representam a função exclusiva das academias. A partir da reconstituição histórica do processo de formação dessas instituições, pode-se afirmar que essa foi uma das últimas funções agregadas a ela. Os estudos de Karl Mannheim (1974) descrevem o processo de formação das mesmas, observando os detalhes que pretendo retomar nas páginas seguintes:

Um tipo diferente de *intelligentsia*, com alguma importância, surgiu depois do Renascimento, num crescente número de sociedades restritas e semiformais. Em Florença, a **Academia della Crusca** estabeleceu o padrão seguido por numerosas “sociedades literárias” na Itália, Suíça, Holanda e Alemanha. Estas sociedades incluíam vários escalões da aristocracia, tanto quanto acadêmicos e plebeus educados, assim como um príncipe mecenas. Os poetas eram benquistos, mas o grosso da poesia que circulava não passava de adulação rimada.

Ainda que os plebeus desempenhassem um papel subordinado nessas sociedades literárias, seria um erro não perceber nelas o germe de uma orientação social mais ampla e inclusiva que transcende o horizonte feudal em direção a uma forma primitiva de consenso nacional. O Príncipe Luís, patrono da mais conhecida dessas sociedades literárias, a *fruchtbringende Gesellschaft* de *Koethen*, recusou a sugestão de convertê-la numa ordem exclusiva de cavalaria, alegando que “a sociedade só se preocupa com a língua alemã e com as boas virtudes, e não com a conduta cavalheiresca...”. Numa sociedade composta basicamente de nobres, é surpreendente a ênfase dada ao cultivo de virtudes da classe média como sinceridade, confiança mútua, igualdade, simplicidade, conduta “natural”, continência, veracidade, objetividade e tolerância (MANNHEIM, 1974, p. 106).

Segundo as palavras de Mannheim, o período que compreende o modelo de formação de grupos semelhantes ao que conhecemos hoje como academias de letras, remonta a um momento que, na Europa, prenuncia a idéia de formação do Estado Nacional, presente no que ele descreve como “forma primitiva de consenso nacional” (idem). Além disso, no caso da “proveitosa sociedade de Koethen”, pode-se vislumbrar o processo de formação de uma identidade regional. Ao preocupar-se com a língua falada e com as boas virtudes, essa sociedade parece (mesmo que de forma não intencional) preocupada em estabelecer os valores de distinção entre seus membros e os que não eram compreendidos como tal.

No Brasil, a criação de academias relaciona-se, tanto a um momento de produção de modelos que estabeleciam uma noção de identidade nacional, centrada na Língua Portuguesa e no reconhecimento de ilustres brasileiros, como na (re)produção de um conjunto de virtudes com o intuito de “civilizar” locais “onde os costumes são menos polidos e decentes” (PEIXOTO, 2005, p. XIV). Uma idéia de civilidade permeia o processo de formação, neste caso, da Academia Brasileira de

Letras, fato que também será observado na sua congênere maranhense. Dentre os costumes polidos e decentes, indicadores de civilidade, os quais uma academia deveria difundir, estariam incluídas as normas de etiqueta, moda e conhecimentos, em geral, utilizados pelos europeus, mais especificamente, pelos franceses.

Em oposição à estrutura menos hierarquizada, que parece ter predominado na formação das primeiras instituições citadas por Mannheim (1974), as instituições que foram fundadas no Brasil, a partir do fim do século XIX, seguiram um modelo que reproduzia a organização e as funções da Academia Francesa, fundada em 1635, durante o reinado de Luis XIII.

O modelo da Academia Francesa é marcado pelo número fixo de vagas, distribuição destas entre os membros, representantes de diversas atividades, intelectuais em diferentes regiões do território conhecido como França. As principais atividades dessa Academia são: a elaboração regular de um dicionário com as palavras que formam o léxico da língua francesa, determinar as normas gramaticais de uso e escrita dessas palavras, a participação em diversos concursos literários (cerca de setenta concursos por ano), financiamento de instituições e distribuição de bolsas de estudo. Essas atividades são realizadas, conforme consta no estatuto da *Académie Française*. Sua fundação ocorreu, de acordo com o primeiro estatuto da instituição:

Avec le but de l'enrichir (l'État) de tous les ornements convenables à la plus illustre et la plus ancienne de toutes les monarchies qui soient aujourd'hui dans le monde (STATUTS, 1935, p. 05) [...] Donner des règles certaines à notre langue et à la rendre pure, éloquente et capable de traiter les arts et les sciences (STATUTS, 1935, p. 16)¹³.

A Academia Brasileira de Letras, fundada em 1897, parece ser, dentre as academias localizadas no Brasil, a que mais se aproxima do modelo francês. Além de reproduzir a nomenclatura utilizada pela instituição francesa¹⁴. Ela é composta por quarenta membros distribuídos entre brasileiros (e algumas poucas brasileiras) de diferentes regiões do Brasil, os quais apresentam uma formação e

¹³ Tradução livre: com o objetivo de enriquecer o Estado de todos os ornamentos convenientes à mais ilustre e mais antiga de todas as monarquias que existem hoje no mundo [...] Determinar as regras corretas para nossa língua e torná-la pura, eloquente e capaz de tratar das artes e das ciências.

¹⁴ A origem do nome remonta à Academia de Platão - escola fundada pelo filósofo grego nos jardins que um dia teriam pertencido ao herói *Akademus* (donde vem o nome). Ao contrário da Escola de Sócrates, onde o conhecimento consistia na mera repetição do saber, ali buscava-se, pela dialética socrática, o saber pelo questionamento e debate. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Academia_de_Letras, acesso: 20.07.2008.

atuação profissional que varia entre professores universitários, membros do clero, advogados, médicos, políticos, e também poucos escritores que têm no ato de escrever, sua única definição profissional. Ela produz um dicionário com o acervo lexical da Língua Portuguesa, na versão falada no Brasil, edita as normas gramaticais do português brasileiro (em processo de unificação com as regras ortográficas em uso em Portugal e nos outros países onde o português é considerado a língua oficial) e promove concurso literário, anual, que indica os melhores livros publicados em território brasileiro.

A idéia de “civilidade”, divulgada por instituições como as academias de letras, pode ser percebida como derivada do conceito alemão de cultura. Segundo Cucho, “no meio do século XVI se forma o [seu] sentido figurado e ‘cultura’ pode designar então a cultura de uma faculdade, isto é, fato de trabalhar para desenvolvê-la” (CUCHE, 2002, p.19). Nesse caso, os homens cultos seriam os que realizavam atividades intelectuais (relacionadas à produção, ao consumo, a apreciação e a discussão sobre obras de arte, trabalhos filosóficos ou discussões científicas diversas), em detrimento dos trabalhadores manuais. Ainda segundo Cucho (2002), quando a idéia de cultura migra para a França, sofre algumas modificações e a oposição entre os homens toma outros caminhos. Da idéia de homem culto, deriva a idéia de homem civilizado, cujo oposto era representado pela idéia de homem selvagem.

Em um momento histórico (fins do século XIX e início do século XX), fortemente influenciado por teorias evolucionista, como as de Darwin e Comte, a citação de Afrânio Peixoto (2005) retoma a idéia de “civilidade”, reproduzindo o conceito de selvageria, referido aos povos e às terras distantes da Europa. Ao cultivo das *boas virtudes* literárias, que seria uma das funções da ABL, segue-se a dilvugação de diversos valores científicos.

O modelo de organização da Academia Brasileira de Letras, ao reunir parte significativa da *intelligentsia* brasileira, consegue atingir importantes locais de atuação para a formação de uma identidade nacional. No caso da ABL, ao mesmo tempo em que “conserva uma identidade e uma tradição nacional” (PIZA, 2002), ela realiza o movimento de (re)produção dos valores europeus, associando-os aos valores de alguns segmentos da sociedade brasileira. De fato, essa instituição não trabalha sozinha e, pelo que tenho observado, ela associa-se a outras instituições, como os governos de Estado, os meios de comunicação, as instituições religiosas.

Paralelamente à valorização da língua e cultura cultivada por alguns brasileiros, ocorria a valorização do domínio da língua e dos costumes franceses, o maior exemplo de civilidade e erudição da época.

A importação de costumes estrangeiros não tem relação direta com a existência ou não de instituições como as academias, embora estas atualizem costumes e valores de segmentos da elite econômica brasileira e maranhense. Muitos desses costumes têm registro anterior à fundação das mesmas. Segundo Lacroix, na São Luís de meados do século XIX, havia uma grande recepção da literatura francesa na cidade, original ou traduzida. Havia circulação de folhetins, moda nos jornais, bilíngües, mas não se sabe a tiragem dos mesmos e que frações da população eles atingiam (LACROIX, 2002).

Ao questionar quais motivos poderiam relacionar a apropriação de alguns costumes franceses com a formação de uma identidade brasileira, é preciso retomar a discussão de Daniel Piza sobre a formação da ABL, que lembra:

o projeto da Academia Brasileira de Letras era ser uma instituição do governo, mantida pelo poder público, em nome da importância de conservar uma identidade de uma tradição nacional. O projeto era, portanto, o de ser uma instituição da República, ainda que a Academia Francesa tenha nascido no auge da monarquia absolutista (PIZA, 2003, p. 17).

Ao produzir conceitos como **localismo globalizado** e **globalismo localizado**, Santos (2000) produz um interessante instrumento para pensar as mudanças ocorridas em setores da sociedade com a implantação e às vezes imposição desses outros costumes. Além disso, esses conceitos permitem pensar como a idéia, aparentemente paradoxal, que permeou o processo de formação da ABL, não representava nenhum paradoxo para seus fundadores.

Embora o trabalho de formação da identidade brasileira, relacionando-a a culturas estrangeiras, envolva a marginalização de vários sujeitos e saberes locais, ele não é exclusivamente marcado por uma implantação direta de diferentes valores culturais e sim por uma tensão entre estes, bem como pela sobreposição de alguns valores locais sobre os estrangeiros, cujo exemplo pode ser observado na escolha do idioma privilegiado pela ABL, a Língua Portuguesa.

Além disso, essa tensão pode ser percebida através da própria literatura, em textos que, de alguma forma, criticam valores europeus impostos a uma significativa parcela da população. Dentre estes, encontramos obras como **Senhora**

(1875), de José de Alencar, cujo enredo circula em torno de uma mulher que compra seu marido; **Bom Crioulo** (1895), de Adolfo Caminha, que narra um envolvimento sexual entre um marujo negro e um jovem branco; e, no limite do tema discutido, **Triste fim de Policarpo Quaresma** (1911), de Lima Barreto, crítica feroz e cômica (dependendo da leitura que se pretenda fazer da obra) sobre a dominação cultural européia, os estrangeirismos lingüísticos, econômicos e culturais, vivenciados no Brasil nos primeiros anos do século XX.

Ao ajudar na preservação ou construção de uma identidade brasileira ou de uma identidade maranhense, as quais apresentam semelhanças e especificidades, que discutirei ao longo deste capítulo, instituições como as Academias de Letras colaboram com rompimentos e continuidades de alguns valores da sociedade brasileira. Uma dessas continuidades diz respeito à participação de mulheres ou ao reconhecimento das mesmas como intelectuais e de sua participação nessas instituições.

A participação de mulheres em Academias de Letras parece estabelecer uma relação inversamente proporcional ao tempo de existência dessas instituições. Quanto mais antiga é a instituição, menor é o número de mulheres que dela tornaram-se membros. A Academia Francesa, por exemplo, teve, desde sua fundação, em 1635, a participação de mais de setecentos membros. Destes, três eram mulheres, a primeira delas, sendo eleita nos anos 80 do século XX. Na ABL, onze anos mais velha que a Academia Maranhense, esse número cresce para cinco mulheres, dentre, aproximadamente, duzentos homens eleitos. Em instituições menos conhecidas, espalhadas pelo Brasil e algumas vezes distantes das capitais, essa proporção modifica-se de modo significativo. Na Academia de Letras de Jequié-BA, fundada em 1997, dentre seus quarenta membros, dez são mulheres¹⁵.

O tempo de existência das agremiações não pode fornecer todas as respostas sobre o porquê das diferenças entre o número de homens e mulheres presentes nas mesmas. Contudo, a antiguidade de uma Academia e, com isso, a representatividade por ela conquistada, em função do quadro de membros que as mesmas possam ter formado, o destaque social alcançado por cada um deles, ou das atividades nas quais esteve envolvida, pode representar um dado muito

¹⁵ Informações disponíveis no site da instituição <http://www.alj.com.br/>, acesso em: 20.05.2008.

importante quando pensamos em quais elementos despertam, em pessoas de diversas áreas de atuação, o interesse por pertencerem a essas instituições.

Observo que o reconhecimento intencionado, por cada um desses candidatos, relaciona-se a um ideal de aproximação da sua imagem e dos seus trabalhos aos dos membros já consagrados pelo título almejado, bem como, pode possibilitar o acesso a cargos públicos ou outros elementos de interesse dos candidatos ou dos membros das academias. Segundo El Far (2000), um dos exemplos dos jogos de interesses, presentes no processo de acesso de membros a uma academia, pode ser ilustrado com a eleição de Getúlio Vargas para a Academia Brasileira de Letras. O referido não tinha nem chegou a ter, uma publicação que pudesse ser considerada como literária. No entanto, a posição de Presidente do Brasil, ocupada por ele, levou os membros da ABL a elegê-lo, em função das possíveis verbas que poderiam ser destinadas à manutenção da ABL.

A importância institucional pode ser observada, ainda, nos processos eleitorais das academias. Enquanto nas eleições da ABL chega a haver doze candidatos (a maioria deles, reconhecidos nacional e internacionalmente, em suas áreas de atuação), disputando uma vaga, na AML, esse número não passa de quatro candidatos por pleito. A concorrência média, observada nos processos de eleição de mulheres na AML, é de dois candidatos por eleição, o que, certamente, aumenta as possibilidades de uma candidata ser eleita.

Dessa forma, a representatividade de uma instituição pode ser considerada em função da região a que se refere, como a AML, de abrangência restrita a membros do estado do Maranhão, ou à ABL, que congrega membros de todo o território brasileiro.

O número fixo de membros, permitidos nas academias de letras, e os elementos necessários para a eleição de membros, em cada uma delas, tem levado muitos sujeitos, que se compreendem como “intelectuais”, a formarem academias de letras, em seus locais de residência ou outras agremiações relacionadas às suas atividades de trabalho, como as Academias de Medicina, Academias Científicas etc.. Segundo informações disponíveis no *site* da ABL, no Brasil existem mais de cem instituições que reproduzem os moldes da ABL. No Maranhão, além de São Luís, cidades como Caxias, Imperatriz, Viana, Barreirinhas, Alcântara, Arari e Vitória do Mearim, dentre outras, também contam com suas academias.

3.2 São Luís e a Literatura

Alguns historiadores costumam falar de uma grande relação entre a história da cidade de São Luís e a literatura (MEIRELES, 2001; LACROIX, 2002). Tal relação foi construída, principalmente, a partir do século XIX. Nesse período, ainda durante o Império, a então Província do Maranhão conheceu uma das suas mais importantes fases econômicas e culturais, especialmente no período conhecido como ciclo do algodão, mercadoria produzida em grande quantidade e exportada em sua quase totalidade para a Europa.

O enriquecimento particular permitiu aos grandes senhores do Maranhão, desde o último quartel do século XVIII, o luxo de mandar seus filhos [...] a estudar na Europa [...] isto criou um campo propício ao surgimento de um núcleo intelectual bem ao gosto e feitio do romantismo literário (MEIRELES, 2001, p.266-267).

No período compreendido entre 1832 e 1868, portanto, pouco depois da Independência do Brasil, essa aproximação com a cultura européia fomentou o início de uma produção literária extremamente relacionada às primeiras fases do romantismo literário europeu. Segundo Lacroix (2002, p. 49):

Os ventos soprados pela França e circulados por todo mundo em fins do século XVIII e no decorrer do XIX, foram muito bem recebidos no Maranhão [...]. De fato, entre 1780 e 1820, a Capitania do Maranhão experimentou uma posição ímpar no cenário econômico brasileiro.

No Maranhão, a partir de 1820, os jovens das famílias mais abastadas começaram a receber uma formação à moda européia, estudando em cidades como Coimbra ou Londres. No entanto, a maioria deles dirigiu-se para a capital francesa. Dessa forma, os elementos da “civilidade”¹⁶ retornaram com esses jovens (na metáfora de Lacroix (2002), eles são o vento que trouxeram os novos costumes), imbuídos de sua função de elevar o Brasil ao nível do mais avançado Estado de então. Nesse sentido, eles ajudam a atualizar ideais referentes a quais valores deveriam ser cultivados pela sociedade (aos modos de liberdade, igualdade e fraternidade), qual o conhecimento válido (o produzido a partir da postura objetiva e imparcial dos pesquisadores, validado pelos testes de verdade), qual o tipo de arte devia ser produzido (sobretudo a que se guiava pelos moldes românticos) e qual sujeito deveria ocupar-se dessa tarefa (em sua maioria, os homens).

¹⁶ Lembrados por Afrânio Peixoto (2005).

Em São Luís, constituiu-se o que é hoje chamado de Grupo Maranhense, grupo de autores que escreviam em estilo romântico e que tiveram destaque nacionalmente. Composto por várias personalidades das letras maranhenses, dentre as quais se destacaram nomes como o já citado Gonçalves Dias, além de outros como: Odorico Mendes, João Lisboa, Sotero dos Reis, Alexandre Teófilo de Carvalho Leal, Antonio Henriques Leal, Luís Antonio Vieira da Silva, Gomes de Sousa, Garcia de Abranches. Em função do reconhecimento de suas obras, esses autores colaboraram para a produção do título de “Atenas Brasileira” para a capital da Província do Maranhão. O destaque alcançado pela produção literária do século XIX aproxima, ainda mais, a elite econômica maranhense dos produtores de literatura. Jornais literários eram publicados, saraus eram organizados, grupos de discussão e leitura de obras reuniam-se com frequência, na cidade.

No período de auge econômico da cidade de São Luís, o Brasil chegou à Independência e a produção literária dessa época se empenha em produzir uma identidade nacional brasileira. Muitas das obras literárias desse período são chamadas de Nacionalistas, sendo essa uma das principais características das primeiras obras românticas, produzidas no Brasil. Esse nacionalismo literário tem, como um dos seus principais representantes, Gonçalves Dias, considerado, ainda hoje, o maior escritor maranhense de todos os tempos, modelo do maranhense intelectual.

Muitas das características representadas em obras dessa época realizavam um intenso trabalho de produção discursiva de uma identidade brasileira. A eleição do índio¹⁷, como elemento central de muitos textos, por exemplo, **O Guarani** (1857) e **Iracema** (1859), de José de Alencar ou **I-Juca-Pirama** (1851) e **Os Timbiras** (1857), de Gonçalves Dias, e a demarcação da fauna e da flora brasileira, como pano de fundo para o desenvolvimento dessas narrativas, indicam um movimento inicial de absorção de diferentes grupos sociais para a construção do que poderia ser chamado de brasileiro. Esses discursos, produzidos a partir da

¹⁷ O destaque dado à figura do índio, na literatura produzida nesse período, é influenciado pelos trabalhos de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e sua crítica à sociedade européia no século XVIII, segundo ele: “*La nature a fait l'homme heureux et bon, mais la société le déprave et le rend misérable*”. Essa frase parece ter orientado muitos pensadores a procurar pelo *bon sauvage* em sociedades “primitivas”. Em resumo, os homens que não tiveram contato com os europeus seriam puros (bons selvagens) dos desvios observados na sociedade européia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jean-Jacques_Rousseau, acesso em 10.01.2009.

inclusão e exclusão de algumas qualidades, tentavam demarcar o que seria e o que não seria “o brasileiro”. Em uma esfera local, tais discursos tentam determinar quais seriam as características do maranhense.

Em seu discurso de posse, na AML, o historiador Mário Meireles afirma:

Gonçalves Dias é, por excelência, o poeta da natureza e como vate panteísta é concomitante e conseqüentemente indianista, há de ser sempre admirado e estudado por quantos perlustrarem as páginas da história de nossa literatura.

É fora de dúvida, e é quase inútil ressaltá-lo, que a nossa natureza era a mesma antes dele, desde o descobrimento e mesmo antes da vinda dos homens de Cabral, mas só depois, só depois de seus versos imortais traduzirem essa beleza que todos viam e sentiam, é que soubemos melhor ver e sentir, melhor admirar e compreender essa natureza privilegiada que Deus nos concedeu. Só depois de seus cantos inspirados é que soubemos ver com os olhos d'alma que o nosso céu tinha mais estrelas, que as nossas várzeas tinham mais flores, que os nossos bosques tinham mais vida e a nossa vida mais amores; só, então, soubemos ver nos leques das palmeiras, balançando-se graciosamente ao sopro da brisa, o adeus saudoso dos que ficam com os olhos rasos d'água ou o aceno amistoso dos que nos esperam cheios de ansiedade depois de prolongada ausência: só então, soubemos compreender a sinfonia divina que gorjeia na garganta de um sábia quando, ao crepúsculo, entoava, escondido na ramagem, as modulações de uma intraduzível e melancólica Ave-Maria! (MEIRELES, 1998, p. 28)

Esse trabalho de produção da natureza, enquanto elemento contemplativo, operado por Gonçalves Dias, faz ver e crer em uma natureza que não existia nos discursos correntes, por não representar um tema de interesse para poetas e outros escritores anteriores a esse período.

O distanciamento, em relação às figuras humanas preferenciais e os locais de destaque de muitas obras européias da época, colaboram para a apresentação de um personagem brasileiro. Embora composta a partir da necessidade de incluir algumas das diferentes “raças” presentes no Brasil, elaborando um movimento inicial de miscigenação¹⁸, os valores expressos por essa literatura aproxima os brasileiros da civilidade européia, presente na influência do cristianismo, na reprodução dos ideais de família. No Maranhão, embora contenha especificidades de locais e dos personagens, essa literatura e seus produtores apresentam-se como sujeitos universais, a ponto de se intitularem como descendentes intelectuais de uma linhagem de atenienses clássicos.

¹⁸ Na obra de José de Alencar, a personagem Iracema, em romance homônimo, é considerada a mãe do primeiro brasileiro, filho de um português, com uma índia.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) ilustra como o processo de produção de uma identidade é fruto de tentativas de fixar características a um grupo. Processo esse, marcado por tensões:

O processo de produção da identidade oscila entre dois movimentos: de um lado, estão aqueles processos que tendem a fixar e a estabilizar a identidade; de outro, os processos que tendem a subvertê-la e a desestabilizá-la. É um processo semelhante ao que ocorre nos mecanismos discursivos e lingüísticos nos quais se sustenta a produção da identidade. Tal como a linguagem, a tendência da identidade é para a fixação. Entretanto, tal como ocorre com a linguagem, a identidade está sempre escapando. A fixação é uma tendência e, ao mesmo tempo, uma impossibilidade (SILVA, 2000, p.84).

A interseção estabelecida entre os elementos brasileiros e as referências européias tende para estas, com a particularidade de tentar inserir “o brasileiro” no conjunto de significados que representariam o “avanço” de algumas sociedades da Europa, um processo permeado por contradições e tensões.

No caso maranhense, podemos observar, durante o século XIX, o esforço de alguns segmentos da sociedade em reproduzir elementos que valorizassem a associação ao velho mundo. Marcas que acabam por reforçar o que Lacroix (2002) chama de **Ideologia da Singularidade**. Retomando várias passagens, a autora observa que:

A Coroa Portuguesa instituiu o Estado do Maranhão independente do Estado do Brasil. Conforme Carta Régia de junho de 1621 [...] Referida separação não foi somente institucional, chegando a ser psicológica: mais particularmente, o ludovicense não se sentia brasileiro. Somente em 1823 o Maranhão integrou-se ao Brasil, desvinculando-se do jugo português. Além da independência, duas conveniências podem ser consideradas: a unidade do Estado brasileiro e o interesse britânico de impedir a manutenção de um enclave português na América. Esta integração, porém, não esmaeceu a aproximação da elite maranhense com a Europa, muito mais intensa que as ligações com o resto do Brasil, tanto pelo grande conhecimento, familiaridade e trânsito dos endinheirados pelo Velho Mundo, quanto, antes de estabelecida a navegação a vapor, pela maior facilidade de transporte marítimo do Maranhão até Portugal (LACROIX, 2002, 69-70).

Segundo a autora, essa separação “psicológica” do Maranhão, em relação ao resto do Brasil, teria sido uma das razões que influenciaram o destaque dado à existência de um forte francês, por alguns anos do início do século XVII, na Ilha, onde hoje se situa a capital do Maranhão.

Um intenso trabalho de produção da história da fundação de São Luís, no início do século XX, tentava atrelar a fundação da cidade à distante presença francesa na Ilha. Dessa forma, a construção de um mito fundador tentava produzir

uma homogeneidade entre os habitantes da cidade de São Luís (mesmo que não houvesse nenhum laço de consangüinidade entre eles) e seus possíveis colonizadores franceses. No álbum comemorativo do 3º centenário da fundação da cidade de São Luís (publicado em 1913), estão registrados discursos como:

Trezentos annos passados que a gloriosa França fundou esta formosa cidade, em que habitamos. Eram poucos os que vieram... Mas, acostumados a andar na vanguarda de todos os ideaes da humanidade e, como para dar-lhe um exemplo da civilização européia, fundou a cidade de São Luiz, aqui justamente no lugar onde existe a gloriosa Athenas Brasileira, formosa capital do Estado do Maranhão. E isto há trezentos annos, precisamente no dia 8 de setembro de 1612 (citado por BARROS, 1998, p. 24).

Discursos como esses atrelavam a origem dos maranhenses a essa remota presença de franceses na Ilha do Maranhão e intentavam representar o maranhense como descendendo dos “vanguardistas” e “civilizados” franceses e, por conseguinte, superiores em relação aos demais brasileiros.

As comemorações do aniversário de trezentos e cinqüenta anos da “fundação” de São Luís foram organizadas pela Academia Maranhense de Letras (como foram as comemorações dos trezentos anos). Dentre várias festividades, foi realizado o lançamento do livro **A França Equinocial**, de Mário Martins Meireles, no qual o referido autor confirma que a cidade “veio a saber por fim a verdade sobre sua História. E, de então, mais envaidecida mostrou-se entre suas irmãs, porque ela só era diferente; era filha de um fidalgo francês” (MEIRELES, 1962, p.136). Em jornais da época, também pode-se ler frases como “Agradecemos à França 350 anos de civilização, 350 anos de glória, 350 anos de história e tradição! À França, o Governo do Estado” (O Imparcial, 7.09.1962, p.3).

Uma das mais importantes atividades da AML e de outras instituições ludovicenses é percebida, a partir da intensa tentativa de associar a história da cidade de São Luís e de seus habitantes a uma origem francesa e às qualidades “superiores” que seus possíveis fundadores possuiriam. Associação essa, produzida e re-afirmada por vários segmentos da sociedade maranhense, tal como o faz um certo apresentador de televisão que há mais de vinte e cinco anos, inicia seu programa saudando a cidade de São Luís. Diz ele, “a única capital brasileira fundada pelos franceses...”.

3.3 A fundação da AML

É no início do século XX que será fundada a Academia Maranhense de Letras - AML, seguindo os moldes da *Académie Française*. A Instituição propunha-se a fomentar “o desenvolvimento da cultura, a defesa das tradições literárias do Maranhão e o intercâmbio com os centros de atividades culturais do Brasil e do estrangeiro”¹⁹.

Fundada em 10 de agosto de 1908 (data do 85º aniversário de nascimento de Gonçalves Dias), a AML funcionou sem uma sede fixa, até meados de 1950. Desde então, sua sede localiza-se na Rua da Paz (na antiga sede da Biblioteca Pública de São Luís), próximo ao largo do Carmo, e ao Teatro Arthur Azevedo, no centro da cidade.

O grupo inicial de fundadores da AML apresenta certa proximidade entre as atividades desempenhados por seus membros. Dos 12 integrantes do grupo responsável pela fundação da Academia Maranhense de Letras, a maioria era composta por bachareis de ciências jurídicas e sociais formados, pela Faculdade de Direito do Recife²⁰. Foram eles: Inácio Xavier de Carvalho, Clodoaldo Severo Conrado de Freitas, Raimundo Corrêa de Araújo, Antonio Batista Barbosa de Godóis, Alfredo de Assis Castro e Armando Vieira da Silva; ou, pela faculdade de Direito de Salvador, como: Godofredo Mendes Viana. Além destes, não são fornecidos muitos elementos sobre a formação de Domingos Quadros Barbosa Álvares, José Ribeiro do Amaral, Antônio Francisco Leal Lobo e Manuel Francisco Pacheco, mas sabe-se que entre eles há em comum o fato de terem sido professores na cidade de São Luís no período final do século XIX para início do século XX, tendo se envolvido intensamente, com atividades relacionadas ao jornalismo, e com a política maranhense desse período.

Vieira da Silva, Corrêa de Araújo, Domingos Barbosa, desempenharam a função de Diretor da Imprensa Oficial do Estado. Corrêa de Araújo, juntamente com Antônio Lobo e Ribeiro do Amaral, foram diretores da Biblioteca Pública do Estado, local onde os mesmos reuniram-se, nos primeiros anos de fundação e formação da AML.

¹⁹ Texto publicado no DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, em 27.11.1979, p.3.

²⁰ A formação de advogados em território brasileiro ilustra significativa modificação no que refere-se à situação financeira das elites maranhenses, às quais não podiam arcar com os custos dos estudos na Europa, como era comum no início do século XIX.

Além deles, houve a figura emblemática de Raul Astolfo Marques, nascido em São Luís, em 1876. Contava 32 anos quando da fundação da AML. Único negro dos doze membros que compõem o quadro dos fundadores, era Assistente de Direção da Biblioteca Pública do Estado, onde havia ingressado ocupando o cargo de servente.

O período de fundação da AML apresenta diversas semelhanças com o momento de fundação da Academia Brasileira de Letras, sobretudo, em relação à formação escolar da maioria de seus membros. O envolvimento destes com atividades relacionadas à imprensa, a tentativa de angariar recursos do Estado para se manterem, e o empenho em tentar produzir/afirmar um conjunto de valores relacionados a uma identidade maranhense, também são outros pontos semelhantes.

Como cita El Far (2000), para superar a juventude das instituições literárias fundadas no Brasil, foi criada a figura dos patronos, reconhecidos intelectuais que representavam a anterioridade do pensamento local e orientavam para a longevidade que se pretendia alcançar com a instituição.

A posse de um membro da Academia Maranhense de Letras foi instituída como um ato público, aberto à sociedade em geral. Até onde constam nos registros da AML e na memória de alguns informantes, o protocolo de tal solenidade compõe-se de duas partes essenciais.

A primeira parte, diz respeito ao discurso feito pelo novo membro da instituição. Nesse discurso, o *imortal* apresenta um pequeno texto, no qual exalta a vida e a obra dos escritores que o precederam na cadeira que, a partir desse dia, irá ocupar²¹. Além disso, este acadêmico relata quão lisonjeado encontra-se, em ter sido aceito como membro da agremiação. Algumas vezes, durante seus discursos, relatam momentos de sua vida, suas experiências e passagens relacionadas a sua produção literária.

Na segunda parte, um antigo membro da academia, geralmente, o que tem relações mais próximas com o recém eleito, profere um discurso, no qual fala da “grandeza” de ser condecorado com o título de *imortal* e apresenta alguns trechos de autoria do novo membro, que ilustram a qualidade da sua produção literária. Várias vezes são citadas passagens que justificam a importância desses escritores

²¹ Os primeiros membros faziam esse discurso dirigindo-se, unicamente, ao patrono da cadeira.

para a sociedade maranhense. Também são citados os cargos ocupados pelo acadêmico em algumas instituições públicas e privadas, além de trabalhos de cunho científico, como no caso de membros relacionados ao trabalho jurídico.

Uma das primeiras grandes atividades realizadas pela AML foi a organização das atividades de comemoração do tricentenário da fundação francesa de São Luís (em 1912), curiosamente, a primeira festa de aniversário da cidade, de que se tem notícia (LACROIX, 2002).

Além da consagração dos membros da AML, essa instituição está envolvida com uma produção de valores que tem criado um modelo ideal de escritor maranhense e, conseqüentemente, de um maranhense típico, movimento que envolve elementos ligados à crença de uma origem especial da cidade, demarcada pela sua fundação francesa; a eleição de um escritor maior, como a figura de Gonçalves Dias; a demarcação de uma cultura elevada, conservada pela população da cidade, que fala um português esmerado e preza pela virtude gramatical. Esse conjunto de valores acaba por considerar todos os maranhenses como sujeitos singulares (LACROIX, 2002), como os próprios habitantes da Atenas, do período clássico da história Grega. Por um processo metonímico, muito utilizado na produção literária, uma parte da sociedade passa a representar o todo e assim, São Luís é vista como a própria Atenas, com a particularidade de ser Maranhense.

A manutenção das instalações físicas da AML é realizada por meio de contribuições dos membros da Academia. Segundo a escritora Laura Amélia Damous, não há um valor específico, cobrado; eles contribuem com a quantia que podem, ou que acham necessária. O Governo do Estado, em diferentes momentos, colaborou com a Instituição como na doação do prédio onde a mesma está sediada (em 1950). Em outros momentos, com o financiamento da mesma, como ocorreu no governo de Roseana Sarney (1994-2002), de acordo com o que informou Jomar Moraes.

Atualmente a AML mantém parcerias com empresas como a Vale e a Alumar²², que lhe financiam eventos e publicações, favorecidos por leis de incentivo à cultura, que geram descontos nos pagamentos de seus impostos. Existem ainda, as parcerias com as universidades estadual e federal do Maranhão. Durante a gestão do prefeito de São Luís, Tadeu Palácio (2004-2008), houve importante

²² Empresas do ramo da mineração e manufatura de minérios, maiores empresas em operação no Estado.

aproximação de setores da prefeitura com a AML, principalmente quando foram realizadas as edições da Feira Literária de São Luís em 2007 e 2008.

Um ponto importante a ser destacado, entre os membros desta instituição, é a grande participação de políticos, cuja maioria teve uma formação nas áreas da Medicina e do Direito. Muitos membros do poder judiciário (juizes, desembargadores) também destacam-se dentre seus membros. Entretanto, esse fato vem sendo sutilmente modificado com a entrada de alguns professores universitários de outras áreas do conhecimento, como Sonia Almeida, Ceres Fernandes, Cabral Marques.

O acesso de novos membros dá-se através de processo de candidatura e eleição para um vaga que possa surgir mediante a morte de um antigo membro.

Outro ponto importante é que nenhum de seus membros viveu, exclusivamente, de sua produção literária. E dentre esses, apenas raras exceções, como: Josué Montello e José Sarney destacaram-se nacionalmente, como escritores.

Regularmente, a AML realiza algumas atividades culturais, como lançamentos de livros e concursos literários, além da publicação de obras de autores maranhenses. Todas as quintas-feiras, seguindo um costume da Academia Brasileira de Letras, os acadêmicos residentes na cidade de São Luís, ou de passagem pela capital, encontram-se para uma reunião fechada ao público. Em algumas dessas, reuniões participam convidados dos *imortais* e alguns visitantes.

3.4 Sobre o acesso à AML

Relembrando a época áurea da literatura maranhense, o título de Patrono da Academia foi concedido a Gonçalves Dias. O reconhecimento da obra deste autor representa um importante elemento dentre as ações da AML. A partir da consagração desse poeta, pelos membros da AML, é possível perceber que a concessão do título de imortal é perpassada por variáveis, dentre elas, a reciprocidade²³ que ocupa importante posição na relação entre os membros da academia. Essas relações mostram que “uma parte considerável de nossa moral e

²³ O conceito de reciprocidade descreve a relação estabelecida no ato de “dar, receber e retribuir” bens que extrapolam os valores materiais. Aparentemente desinteressadas, essas trocas, no entanto, podem cercar um conjunto de diferentes interesses entre os sujeitos envolvidos e muitas vezes simbolizam a formação de grupos ou o estabelecimento de importantes alianças (MAUSS, 2003).

de nossa própria vida permanece estacionada em uma mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam” (MAUSS, 2003, p. 294). Nas palavras de DaMatta, as relações, na sociedade brasileira, dão-se a partir das relações de favores trocados entre conhecidos...

o favor é básico numa sociedade onde as relações assumem uma posição central, sendo um domínio institucionalizado do seu universo. É curioso que uma sociedade escravista e hierárquica institua precisamente algo como o *favor*, que requer uma *equivalência moral entre pessoas*, exigindo delas a reciprocidade: a obrigação de devolver ou retribuir o favor, conforme diria Mauss (DaMATTÁ, 1997, p.105).

No processo de eleição de Dagmar Desterro²⁴, é possível observar que a proximidade que a escritora tinha com alguns membros da AML parece ter-lhe favorecido o ingresso na Instituição. No final de 1973, Dagmar ingressou na AML, tornando-se a terceira mulher a ser aceita como *imortal*. Ela mesma lembra o fato:

Estava no hospital, quando um grupo de acadêmicos foi comunicar-me que havia sido escolhida para preencher a vaga do cônego Dourado [...] no próprio hospital comecei a escrever meu discurso de posse. E, escolhi o Mário Meireles para me receber. Quero muito bem ao Mário. Nós dois somos muito amigos [...] Fui acadêmica porque me escolheram, isso escrevi no meu discurso: não bati à porta para pedir para entrar, foram me buscar para que adentrasse ao recinto da Academia²⁵ (FARIA, 2005, p. 89).

Este trecho descreve, em parte, o tipo de relações que regulamentam o acesso à AML, construídas, sobretudo, com base em amizades e interesses particulares. Relações que podem favorecer, em determinados momentos, a ascensão de um escritor ao título de *imortal*, mais do que sua produção literária. Devo lembrar, ainda, que no final do seu relato Dagmar não faz menção às possíveis qualidades de sua obra, que teriam influenciado na sua eleição para a AML. Sua atenção é dirigida apenas para as relações pessoais que envolveram seu processo de eleição. Nesse sentido, ela cita que era amiga de infância e de trabalho de muitos dos membros que a elegeram.

²⁴ A mesma foi apresentada na introdução deste trabalho, quando listo todas as mulheres que foram eleitas para a AML.

²⁵ Este exceto, foi retirado de uma entrevista dada por Dagmar Desterro à professora Regina Faria, do Departamento de História da UFMA. Essa entrevista fez parte de uma publicação que homenageava algumas das pessoas que fizeram parte do processo de formação da UFMA. Embora tivesse o intuito de produzir um registro sobre memórias do período de formação da Universidade, as entrevistas contemplavam longos relatos biográficos dos que foram homenageados no livro. No caso de Dagmar Desterro, tal relato registra fatos ocorridos desde seu nascimento, sua formação profissional, seus trabalhos artísticos, sua eleição para a vice-reitoria da UFMA e para a Academia Maranhense de Letras, além do seu processo de envelhecimento.

Ainda na adolescência, Dagmar participou do Centro Cultural Gonçalves Dias, uma espécie de clube literário, criado por jovens maranhenses. O grupo era composto, segundo ela, por “Vinte rapazes, e eu, a única mulher. Era um certo escândalo, nos idos de 1941, um grupo de rapazes que se reunia para discussões intelectuais e uma mulher participar”.

Foi nesse período que a escritora conheceu muitas pessoas que, futuramente, tornaram-se integrantes da Academia Maranhense de Letras, alguns dos quais responsáveis, anos mais tarde, por sua eleição para uma cadeira da AML. Dentre os membros do Centro Cultural Gonçalves Dias, podemos destacar alguns dos que tornaram-se membros da AML: Nascimento de Moraes Filho, Lago Burnet, Raimundo Bogéa, Fernando Viana, Fernando Perdigão, Clodoaldo Cardoso, Bacelar Portela...

No entanto, devo lembrar que, embora Dagmar cite apenas as relações de amizade como responsáveis pela sua entrada na AML, no período de sua posse, ela ocupava importantes cargos em órgãos públicos do Estado. Sua ascensão profissional, em outras instituições, levou-a a ser Procuradora da Fazenda, no Maranhão, e Vice-reitora da Universidade Federal do Maranhão, locais onde também convivia com membros da Academia.

Deve-se observar que, durante o período de ascensão profissional de Dagmar (iniciado nos anos de 1940, com sua formatura em curso de magistério, até sua eleição para a AML, em 1974), a participação de mulheres em atividades públicas era considerada inapropriada, por parcela significativa da sociedade maranhense, preceito apoiado na vigência de um sistema de relações, segundo o qual, as mulheres seriam menos competentes para ocupar cargos de relevância. A vocação “natural” das mulheres seria o casamento e a maternidade. Nesse sentido, Dagmar Desterro segue uma trajetória artística e profissional que a torna apta a ocupar uma das cadeiras da AML e afasta-se do que seria considerado um “destino natural” para muitas mulheres, ligado ao casamento e à constituição de uma família.

Ao que parece, os elementos relacionados à feminilidade de Dagmar não se constituíram como um dos itens necessários a sua eleição. O rompimento com a lógica de reprodução dos ideais de família, a partir do casamento e da reprodução, seu destaque no âmbito de atividades públicas e o empenho em obter uma formação escolar difícil de ser alcançada, até para muitos homens

maranhenses, a situaria fora de algumas das referências de feminilidade, em função do esquema de oposição específico de organização do gênero em nossa sociedade.

Gostaria de destacar, também, a fala de Mário Martins Meireles sobre seu processo de acesso à AML, que apresenta semelhanças com o processo de eleição de Dagmar, no que se refere à relação de proximidade entre os membros da Academia, no período em que o mesmo fora eleito. Segundo ele:

Um dia, quando cheguei à repartição e abri o jornal, estava lá estampado: Morreu Catulo da Paixão Cearense. Eu tinha loucura por ele. Já possuía todos os seus livros. Plagiando o *Luar do sertão*, fiz um necrológio dele em verso. Já estava terminando o necrológio, quando Mata Roma entrou em meu gabinete. [...] Ao entrar no meu gabinete, eu estava concluindo o necrológio. Ele se admirou: “meu besta, eu não sabia que você era poeta”. E pegou o papel e foi embora [...] Quando vi a moça [aluna do Liceu Maranhense] declamando o meu poema, nesse dia acreditei que era poeta. Realmente ficara muito bonito o poema. Talvez, por isso, Mata Roma começou a me perseguir, querendo que lhe mostrasse outros versos. E praticamente eu não os tinha, embora já versejasse. Mas só gosto de literatura boa. Fazia meus versos, porém tinha muita coisa medíocre [...] Pois bem, eu não tinha mesmo os poemas. Tive que produzi-los, porque Mata Roma cismou que eu os tinha. De posse dos versos indagou: “Por que você não se candidata à vaga de Catulo [da Paixão Cearense] na academia”. Respondi-lhe: “Estás maluco?” Eu tinha a academia na conta de uma coisa inatingível. Um dia ele chegou com uma carta e ordenou-me: “Assine aqui meu besta”. Estava me candidatando à academia. Assinei a carta e ele levou. [...] E ele me elegeu. Foi assim que entrei para a academia. A essa altura, tinha publicado pouca coisa. Apenas uns artigos nos jornais, sobre qualquer coisa...²⁶ (FARIA, 2005, p. 403).

Nesse caso, as relações com os membros da Academia não se constituíram a partir de amizades da juventude, como no caso de Dagmar, mas sim de relações estabelecidas no ambiente de trabalho, nos diversos locais onde Mário Meireles ocupou cargos do serviço público. Sua fala relembra que em vários segmentos da sociedade brasileira, “a amizade é realmente uma instituição e não algo imponderável e dependente dos espaços internos” (DaMATTÁ, 1997, p.132). A *amizade* pode abrir portas, acelerar processos de ascensão social dos que conseguem articulá-la com certos setores de poder da sociedade brasileira.

Além disso, embora a memória tenda a resumir fatos e narrá-los como se ocorressem em fração de dias, devo lembrar que, da morte de Catulo da Paixão Cearense, até a entrada de Mário Meireles na AML, passaram-se mais de quinze anos, conforme ele mesmo revela em seu discurso de posse, como membro da Academia Maranhense de Letras.

²⁶ Exceto, também, retirado de entrevista fornecida por Mário Meireles à professora Regina Faria, do Departamento de História da UFMA.

Ao dizer que os laços de amizade desempenham importante função no processo de eleição da AML, torna-se importante retomar que o destaque alcançado por seus membros, não se restringe às paredes da Academia. Mário Meireles, por exemplo, é considerado como um dos maiores historiadores maranhenses da segunda metade do século XX, tendo desempenhado importantes funções relacionadas à formação da Universidade Federal do Maranhão e ao Curso de História dessa instituição.

Revedo a fala de Mauss, percebo a não associação, pelo menos direta, ao *valor venal* que poderia ser referido a uma indicação ao posto de imortal, já que:

o que eles [neste caso, os imortais] trocam não são exclusivamente bens e riquezas, bens móveis e imóveis, coisas úteis economicamente. São, antes de tudo, amabilidades, banquetes, ritos [...] dos quais o mercado é apenas um dos momentos, e nos quais, a circulação de riquezas não é senão um dos termos de um contrato bem mais geral e bem mais permanente. Enfim, essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma, sobretudo voluntária, por meio de regalos, presentes, embora elas sejam no fundo rigorosamente obrigatórias (MAUSS, 2003, p.190-191).

Tais regalos, no caso das relações percebidas na AML, se não remetem, diretamente, a algum capital material, não deixam de ser percebidos como o reconhecimento de alguma forma de capital intelectual dos seus membros, o que parece necessário para inserir tais autores no panteon de ilustres autores maranhenses.

A formação de uma elite literária, em São Luís, em parte, tenta, como se pode vislumbrar no processo de produção do campo literário francês, constituir-se “como mundo à parte” (BOURDIEU, 1996, p. 64) do mundo social e, no entanto, relacionado a diversos setores da sociedade, reproduzindo, construindo, ou reconhecendo valores, modos de viver, práticas sociais através de

Enunciações narrativas, ou performativas, como este: sob a aparência de dizer o que é, essas descrições visam fazer ver e fazer crer, fazer ver o mundo social de acordo com as crenças de um grupo social que tem um monopólio de produção de discurso sobre o mundo social (BOURDIEU, 1996, p. 73).

Essa “produção da sociedade”, através do “fazer ver e fazer crer” pretendida, também, pelos escritores maranhenses, se não está associada a grandes vendas de livros²⁷, associa-se a posições político-econômicas

²⁷ Fonte do crescimento do campo de produção de bens simbólicos que favoreceram a Formação de um Campo Literário Francês, como cita Bourdieu (1976).

importantes, o que nos faz perceber que, “no âmbito da pequena sociedade, fundada no interconhecimento, existe coincidência entre a dádiva e o político” (CAILLÉ, 2002, p.195).

Dessa forma, um triplo movimento pode ser percebido nos processos de reconhecimento da AML. O primeiro deles refere-se ao momento em que determinado escritor oferece sua obra²⁸ ao público maranhense. O segundo seria demarcado pelo reconhecimento de seu trabalho, pelo menos por seus colegas da Academia. O último movimento orienta, aos membros eleitos, reconhecer, em momento propício, o valor de novos acadêmicos e perpetuar a memória dos antigos. Assim, pode-se preservar a *imortalidade* dos membros desaparecidos e realizar a manutenção da Instituição para que esse movimento dure o máximo possível.

Tal movimento, associado ao conjunto de elementos necessários para participação na AML, representa a norma de manutenção da Instituição, já que, ao mesmo tempo em que a instituição reproduz o valor literário dos antigos membros, ela prepara e seleciona quais serão os futuros.

O conjunto de características necessárias para a eleição de um escritor, na AML, está relacionado a uma formação acadêmica, ou artística; à ocupação de posições de destaque no cenário político, jurídico, religioso, educacional da cidade de São Luís ou em outras localidades do estado; e à manutenção de laços de amizade com membros da Academia. A naturalidade maranhense e a existência de uma produção literária do candidato são apresentadas como elementos obrigatórios para que seja pleiteada tal inscrição. Entretanto, há casos onde essa obrigatoriedade é relativizada. Durante o processo eletivo de José Maria Cabral Marques, constatou-se que o candidato não havia publicado obras literárias; no entanto, sua eleição foi justificada por sua reconhecida trajetória no Ensino Superior do Maranhão²⁹. Nesse caso, a notória vida pública do candidato justificava-lhe o título de intelectual.

No discurso de posse de Josué Montello, é possível perceber esse movimento de manutenção da memória dos antigos escritores:

²⁸ É importante destacar que essa obra não é apenas literária, e envolve o conjunto das demais atividades realizadas pelos imortais e candidatos a tal posto.

²⁹ No período (2001) de sua eleição, José Maria Cabral Marques ocupava o cargo de Reitor do Centro de Ensino Unificado do Maranhão - Uniceuma, uma das maiores faculdades particulares do estado do Maranhão.

O espírito clássico tem de ser a característica natural da literatura da província. Aí está a sua opulência ou o seu esplendor. Eu vos indago: como o Maranhão se impôs à consideração intelectual do país? Unicamente com a lição clássica de seus escritores. João Lisboa, Sotero, Odorico Mendes nada mais são que figuras completas de humanistas impregnados dos valores gregos e latinos, com uma alta concepção dos valores formais das letras. Romântico de sentimentos, Gonçalves Dias é um clássico na pureza de sua língua, e capaz, por isso mesmo, de extrair do mesmo tinteiro o romantismo de I-Juca-Pirama e o classicismo de *Loa da Princesa Santa* ou do *Solau* de Gonçalo Hermingues (MONTELLO, 1998, p. 53).

Além do processo de construção do real, baseado na escolha de qual literatura se quer produzir, no caso, a clássica, a homenagem aos antigos escritores não deixa de se referir ao ideal de manter viva a memória de alguns indivíduos e de sobrevalorizar as camadas sociais onde estes estão inseridos, determinando locais de aspiração de muitos brasileiros.

A entrada em uma Academia de Letras representa o reconhecimento e a aceitação de um conjunto de normas que estabelecem hierarquias, momentâneas, entre seus membros, nesse sentido:

[...] dar [reconhecer o valor de um autor] é manifestar superioridade, é ser mais, mais elevado, *magister*; aceitar sem retribuir, ou sem retribuir mais, é subordinar-se, tornar-se cliente e servidor, ser pequeno, ficar mais baixo (*minister*) (MAUSS, 2003, p. 305).

Pelo menos até determinado momento, pois, o círculo de *intelectuais* reconhecidos e a posição destes, dentro dessas instituições, modificam-se, sutilmente, com a entrada de novos membros e pelo reconhecimento de alguns deles em diferentes instituições, como é o caso de José Sarney ou de Josué Montello³⁰. Entretanto, com alguns *imortais*, o seu reconhecimento resume-se ao registro de entrada nas atas de posse da AML.

A participação de homens e de algumas mulheres em uma instituição como a AML parece exigir, como pré-requisito, a existência de uma significativa trajetória em atividades públicas, com ou sem o envolvimento dos candidatos em atividades literárias. Além disso, ela consiste no reconhecimento da relevância das trajetórias dos candidatos por outros sujeitos que por esse meio de consagração são designados/referidos como importantes representantes da sociedade em que vivem. As representações sobre os membros dessa instituição, como dotados de possíveis

³⁰ José Sarney ganhou destaque nacional nos anos de 1980 ao assumir a Presidência do Brasil e ao manter-se como uma das mais importantes figuras no cenário político brasileiro, até a atualidade. Josué Montello, além de ter-se destacado internacionalmente como escritor, teve importante atuação em representações diplomáticas brasileiras. Ambos tornaram-se membros da ABL.

características “superiores”, aparentemente subjetivas, são perpassadas por diferentes relações, envolvendo questões políticas, econômicas, de escolaridade, de pertencimento a determinados segmentos raciais ou de classe econômica e, além disso, de gênero.

4. MULHERES DAS LETRAS E LOCAIS DE PODER

Herança

*Minha avó Amélia que
tinha as orelhas rasgadas
pelo peso do ouro
me deixou um tesouro:
não carregue mais
do que a frágil carne suporta
(Laura Amélia Damous, Cimitarra)*

Ao longo dos últimos capítulos, tenho afirmado que a produção literária das escritoras tem relativo destaque no processo de eleição para a AML, contudo, esse fator não representa o único quesito considerado. Várias outras atividades desenvolvidas pelas escritoras, além das manifestações artísticas, têm importância para confirmar a representatividade das mesmas. Além disso, tenho afirmado que o produtor e a produtora de literatura têm sido, historicamente, compreendidos como sujeitos diferenciados dos demais membros de algumas sociedades. Tal representação sobre os valores associados à imagem do(a) escritor(a) tem sido produzida por algumas instituições e por muitos escritores, ou pessoas a eles relacionadas.

Ao questionar que características envolvem o processo de reconhecimento de alguns sujeitos por instituições, como a Academia Maranhense de Letras, venho destacando que, diversos elementos contribuem para a eleição, ou não, de escritores para essa academia.

Ampliando esta observação, lembro que a memória de um escritor e a permanência de sua produção artística, não decorre, exclusivamente, da mensagem contida em algumas de suas obras. O processo de reconhecimento do valor literário de alguns escritores apresenta-se como um grande movimento de busca por características que reforçam ou ajudam a construir valores de determinados grupos de uma dada sociedade. Em alguns casos, distinguindo determinado autor dentre escritores locais, e, algumas vezes, proporcionando um reconhecimento que pode atingir escalas mundiais.

Esse desejo pela distinção social, produzida por pessoas e instituições, as mais diversas, envolve conscientemente o trabalho do escritor e da escritora que, como outros artistas, produzem obras para serem apreciadas pelo público.

Apesar de notório, o discurso de muitos escritores sobre o desapego que os mesmos teriam ante a necessidade de reconhecimento de sua sensibilidade

artística (BOURDIEU, 1996), deve-se questionar o valor dessa afirmação. Ela pode ser compreendida como parte de um conjunto de normas (de humildade) que devem ser expressas pelos pretendentes ao reconhecimento artístico, ou de outras formas de reconhecimento. Tenho observado, em São Luís, o grande número de autores que financiam a publicação e distribuição de seus livros, quando estes não são aceitos por editoras. Considero que essa necessidade de divulgar textos impressos sob o rol de literatura, em muitos casos, representa o desejo de alguns autores em serem associados aos aspectos distintivos, relacionadas às representações de “superioridade”, de sensibilidade ou de intelectualidade, relacionadas à figura do escritor.

Ao analisar como uma pessoa constitui-se como um artista reconhecido, Norbert Elias observa que:

Para se compreender alguém, é preciso conhecer os anseios primordiais que este deseja satisfazer. A vida faz sentido ou não para as pessoas, dependendo da medida em que elas conseguem realizar tais aspirações. Mas os anseios não estão definidos antes de todas as experiências. Desde os primeiros anos de vida, os desejos vão evoluindo, através do convívio com outras pessoas, e vão sendo definidos, gradualmente, ao longo dos anos, na forma determinada pelo curso da vida; algumas vezes, porém, isto ocorre de repente, associado a uma experiência especialmente grave. Sem dúvida alguma, é comum não se ter consciência do papel dominante e determinante desses desejos. E nem sempre cabe à pessoa decidir se seus desejos serão satisfeitos, ou até que ponto serão, já que eles sempre estão dirigidos para outros, para o meio social. Quase todos têm desejos claros, passíveis de ser satisfeitos; quase todos têm alguns desejos mais profundos impossíveis de ser satisfeitos, pelo menos no presente estágio do conhecimento (ELIAS, 1995, p.13).

Segundo Elias (1995), os caminhos percorridos para satisfação dos desejos de distinção, que em alguns casos envolvem a decisão de produzir literatura, são perpassados por momentos de indecisão e, sobretudo, momentos de preparação para atingir o nível artístico desejado.

Ao procurar identificar elementos que possibilitassem compreender os processos que cercaram a vida das mulheres eleitas como membros da AML, observei que, a aparente linearidade com que as narrativas ouvidas foram produzidas, intencionam construir o efeito de “caminho natural”, onde todas as posições ocupadas ao longo de suas vidas encaminharam à preparação, ou preconização de momentos futuros.

A realização de entrevistas com algumas delas consolidou imagens e representações significativas para o entendimento de suas trajetórias. As

descontinuidades suprimidas na descrição de momentos do passado e do presente dessas escritoras são perceptíveis a partir de alguns detalhes, dentre eles a confusão dos tempos verbais usados para descrever ações de diferentes épocas, percebidos em suas falas e algumas vezes presentes também na minha.

Durante o ano de 2008, participei de diversas palestras proferidas por membros da AML. Dentre os vários temas que perpassavam todas as palestras assistidas, dos quais já citei alguns deles (como a importância de Gonçalves Dias, da Fundação francesa de São Luís e da virtude gramatical do ludovicense), um importante elemento precisa ser retomado neste momento: a “predestinação” dos fatos que se destaca nos discursos em questão (dos nascimentos dos membros, das datas em que alguns eventos ocorreram, das semelhanças entre a literatura produzida por alguns escritores).

Em muitos momentos, o desenvolvimento dos fatos relacionados à fundação e à participação de pessoas na Academia Maranhense de Letras são interpretados isoladamente, ou seja, fora de um contexto histórico-político.

Pareceu-me, às vezes, que esses fatos são envolvidos por uma aura de misticismo, que na fala de alguns dos seus membros, assemelham-se a fatos prescritos em oráculos, ligados ao sobrenatural, ou ao inexplicável. Em diversos momentos, essa predestinação surge como a explicação das trajetórias de alguns dos membros da AML e da própria história da instituição.

É instigante observar que todas as associações a fatos históricos funcionam como elemento de demarcação de algo que estava escrito. Ao encaixar fatos e pessoas em uma ordem superior dos acontecimentos, a AML justifica a “superioridade”, se não de todos os seus membros, pelo menos de grande parte deles. Entretanto, outra interpretação crítica às narrativas, possibilita desvelar que a predestinação tem lugar bastante secundário, ao contrário do que alguns *imortais* descrevem.

Para estabelecer uma relação entre as narrativas registradas com outras informações fornecidas sobre a vida das escritoras, reuni todo este material distribuindo-o em tópicos relacionados aos elementos que julgo como fundamentais na composição do conjunto de características que tornaram cada uma das escritoras destacadas como distintas dentre outros escritores.

Esses tópicos demarcam situações e experiências vividas na família, na escola e no trabalho. Longe de delimitarem temas específicos, estabelecem relações

entre si e com os outros, dando idéia do longo e recortado caminho percorrido pelas escritoras destacadas, até a eleição para uma cadeira da AML.

4.1 Retalhos I³¹: origens familiares, processos iniciais de socialização

Neste primeiro momento, registro passagens da infância das escritoras nos quais elas se inserem como sujeitos de uma situação financeira e de um gênero específico, dando destaque às suas primeiras relações com a literatura e as possíveis influências que receberam.

Dagmar Desterro inicia relatando sua relação com os pais, os irmãos e colegas de escola, demarcando os primeiros espaços freqüentados por ela:

Tive uma infância feliz. Fui uma criança aguardada com ansiedade muito grande pela minha mãe e pelo meu pai. Os dois queriam uma filha e meu pai dizia: “Filho cresce, não faz mais carinho, nem faz cafuné. Quero uma filha”. Então, depois de dois filhos eu nasci. Foi uma festa: todos me diziam que ele ficou louco. Minha mãe se dedicou muito a mim. Meus dois irmãos mais velhos, desde que era pequena, já se diziam meus donos: “Ela é nossa, ela é minha”. E assim foram até a mocidade, mandando em mim, impondo; essas coisas de irmãos, mas mesmo assim, tive uma infância muito feliz [...] dos filhos, a mais levada era eu. Minha mãe nunca foi chamada ao colégio por alguma coisa que um filho, homem, tivesse feito. Mas, por mim, foi mais de uma vez. Sobretudo, no Colégio Santa Teresa (FARIA, 2005, p. 69).

As piores recordações que tenho do meu tempo de colegial são do Colégio Santa Tereza. No meu tempo, dinheiro valia muito. Minha turma, felizmente ou infelizmente, era de meninas ricas, as maiores fortunas de São Luís. Tinha nessa época um negócio de ajudar as Missões, e tinha que dar dinheiro. Meu pai, com cinco filhos para criar, não podia dar dinheiro para as Missões. Então, minha contribuição era muito pequena. Mas minhas colegas ricas, como a Fernanda Arruda Matos, filha do gerente do Banco do Brasil; Leda Pires Sexto, filha do Dr. Pires Sexto, que foi governador do Maranhão; Maud Jorge, que morava naquela casa em que funciona hoje o Museu Histórico [e Artístico do Maranhão] e muitas outras mais contribuía com cem vezes mais do que eu contribuía. Eram consideradas as meninas boas, as meninas inteligentes, tudo eram elas. Fui uma aluna que se destacava no Primário, mas no Ginásio, não consegui, porque o que prevalecia era o dinheiro. Aquelas que mais contribuía para as Missões, tiravam as notas mais altas. Perceber essa realidade, me tornou uma jovem rebelde na escola (FARIA, 2005, p.73-74).

³¹ Dentre uma significativa produção literária, Conceição Aboud chegou a escrever quatro peças teatrais, intituladas: Retalhos I, Retalhos II, Retalhos III e Retalhos IV, os nomes dessas obras descrevem o título de cada subdivisão deste capítulo. A utilização de recortes da história de vida de cada escritora, intercalados entre si, ilustra minha tentativa de observar os elementos acumulados por essas escritoras ao longo de suas vidas em um contínuo desenvolvimento de atividades públicas e privadas. Sem querer diminuir os significados que tais recortes tiveram para as mulheres aqui elencadas, e também, os significados que eles têm para mim, ao denominá-los pelo termo “retalhos”, relembro os processos de produção do texto, de produção do tecido que elas se esforçaram para produzir, e que agora, tento costurar.

O desejo da família por uma filha, insere Dagmar, desde seus primeiros momentos de vida, em um terreno permeado pelos afetos. Ao lembrar que “homem não faz carinho”, como registrava seu pai, a escritora destaca processos de inscrição de sujeitos em determinada representação de gênero: a masculinidade é permeada pela dureza, rigidez dos afetos, o que induz à dificuldade de proximidade entre homens, pais e filhos. A necessidade de carinho e afagos só poderia ser satisfeita pelas mulheres. Entretanto, essa rigidez parece ser flexibilizada quando Dagmar descreve o seu comportamento “rebelde”, que seria próprio, também, da masculinidade, nos fazendo entender que diversos elementos são articulados na constituição das representações de gênero, em especial os ligados àquele contexto. Sua passagem pelo Colégio Santa Teresa, instituição freqüentada por garotas de “alto” poder financeiro, e o reconhecimento das desigualdades de poder econômico, parece ter colaborado, de forma intensa, na construção do temperamento altivo com que a mesma ficou conhecida. Essa mesma rebeldia parece tê-la motivado a superar a si mesma e a todos, em diversas atividades de que participava.

Nos relatos de Laura Amélia Damous, começo a observar detalhes diferenciados em relação à sua família, marcada pela condição de imigrantes dos avôs, pelo local de nascimento e o conhecimento das primeiras letras.

Eu nasci em Turiaçu a 10 de abril de 1945, estudei lá, o que na época se chamava primário e vim pro Colégio Santa Teresa com oito anos de idade, pro internato. Os pais do interior, quando tinham condição de dar uma educação melhor, mandavam as filhas pro Santa Teresa, pro sistema de internato e eu fui uma delas. Eu vim muito criança sem nenhum conhecido na cidade, tive um começo muito sofrido porque foi uma mudança muito brusca na minha vida.

... minha infância em Turiaçu, onde nasci festejada pelos meus pais, meus tios, meus avôs, não sem decepcionar o meu avô Miguel Damous, que, ao saber do meu nascimento, imediatamente diminuiu o tamanho do meu “dote” de doze para seis cabeças de gado, visto que, como todo libanês, preferia um homem como primeiro neto. Mas o que perdi, se assim se pode falar, em cabeças de gado, ganhei em corações generosos, inclusive o dele, cheio de amor e carinhosa atenção, que se estendeu a toda a minha rica infância (DAMOUS, 2003, p.20).

Meu avô era libanês. Da cidade de Zahlé, de onde meu avô veio, tem os Duailibe, os Damous, os Maluf, uma comunidade muito grande que veio para o Brasil e ficou uma grande parte no nordeste, principalmente no Maranhão. Turiaçu, na época era uma região muito aurífera, dava muito ouro. Então, um mandava buscar o outro, primos avisavam aos outro de lá. (No Líbano) a questão de terras era muito difícil. Meu avô Miguel teve um comércio muito grande, fazenda de gado, lá em Turiaçu. Eu fui criada lá como uma princesa.

Meu pai nasceu nos Estados Unidos, quando eles estavam vindo pro Brasil. Pararam lá, papai nasceu e depois de três meses eles pegaram o navio e vieram pra cá. Naquela época a baía de Turiaçu comportava navios de grande calado e eles já desembarcaram em Turiaçu. Teve uma parte da

família que foi para Cururupu, depois foi para Turiaçu e tem outra parte dos Damous em São Paulo, mas até hoje ainda existem primos distantes em Zahlé.

Meu pai era um homem que tinha uma sensibilidade muito grande, meu avô mandou ele e meu tio Carlos Miguel estudarem em Belém. O meu tio fez odontologia e engenharia e papai não queria nada com estudo e gostava muito de música. Aí meu avô chamou ele pra tomar conta do comércio. Acho que eu herdei muito dessa sensibilidade do meu pai, foi ele que me alfabetizou desde cedo. Eu comecei a ler precocemente, porque ele recortava as letras do jornal e formava as palavras. Eu descobri o gosto da leitura por causa do incentivo de papai. Ele me botou pra estudar acordeom, mas minha vida foi breve com o acordeom e com o piano. Eu fiquei mesmo nas letras³².

Diferentemente de Dagmar, Laura foi a primeira filha, fato, inicialmente, não aceito pelo seu avô representante de uma “tradição” que prefere que o primeiro filho de um relacionamento seja “homem”. Ter uma filha é descrito com aspectos bem diferentes. Nos dois casos alegrias e tristezas envolvem os acontecimentos com intensidades diferentes.

Além disso, a figura paterna ocupa lugar de destaque nos relatos. A citada inaptidão do pai de Laura Damous para os estudos não é compreendida como algo negativo, pelo contrário, essa inaptidão é reconhecida, por ela, como “importante” para o desenvolvimento de atividades artísticas. Sua sensibilidade artística, segundo Laura, é uma das heranças que ela herdou de seu pai. Embora fale de sua dificuldade para dominar os ensinamentos relacionados à música, a mesma cita que a sensibilidade musical herdada do pai migrara para a atração pelo trabalho com as letras.

A sensibilidade “dirigida às artes” pode ser qualificada como atributo da masculinidade, no sistema das relações de gênero. Desloca-se da feminilidade, em territórios bem delimitados. Quando relacionado ao trabalho artístico, apresenta-se como qualidade cultivada e pode designar o grau de “elevação” do artista ou do trabalho artístico. Nesse sentido, a dicotomia marcada pela oposição razão e sensibilidade expostas nos diferentes caminhos seguidos pelo tio e pelo pai de Laura Damous não retomam um esquema de oposições baseados na distinção entre masculino e feminino, e sugerem que as representações acerca de um gênero não são tão sólidas quanto parecem ser (BADINTER, 1993).

Os relatos citados denotam o efeito performativo da produção do gênero (BUTLER, 2003), tanto para mulheres quanto para homens, a preferência pelo

³² A primeira parte do relato foi retirada do discurso de posse de Laura Amélia Damous na AML, a segunda parte foi registrada em entrevista realizada no dia 12.09.2008, Casa da Família Sarney em São Luís, Escritório da Senadora Roseana Sarney.

primeiro filho homem, o carinho permitido às filhas, os comportamentos desejados para homens e mulheres, a disciplina a que são submetidos... Os processos sociais demarcam o que seria permitido ou interdito para cada sujeito. A coerência e a continuidade da *pessoa* não seriam “características lógicas ou analíticas da condição de pessoa, mas, ao contrário, normas de inteligibilidade socialmente instituídas e mantidas” (BUTLER, 2003, p.38). “O gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes [...] seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas de coerência do gênero” (BUTLER, 2003, p. 48).

A educação a que tiveram acesso mulheres como Laura Damous, Dagmar Desterro e Sonia Almeida, ao estudarem em um colégio, mantido por uma ordem religiosa, exclusivo para a formação de meninas, ilustra a forma como o ensino escolar constitui-se como um elemento a mais na produção de diferenças e hierarquias sociais, nos territórios do gênero e da classe social.

Nesse sentido, o trabalho de Graziela Serroni Perosa (2006), destaca como essas instituições eram responsáveis por reproduzir:

uma concepção do masculino e do feminino que possibilita julgar natural que meninos e meninas desenvolvam determinadas competências, habilidades e sensibilidades. Aprende-se também que ocupamos uma posição na hierarquia social, o que nos permite aceitar as diferenças sociais (PEROSA, 2006, p. 89).

Essa educação seria importante para “a interiorização de um duplo pertencimento social, de classe e gênero” (PEROSA, 2006, p. 90). Ao pesquisar sobre o acesso de meninas a uma renomada escola da cidade de São Paulo, Perosa observa que:

os colégios católicos [eram] percebidos como o espaço por excelência de formação dos grupos de elite no Brasil, desde o período colonial. Matricular as meninas em um estabelecimento de ensino católico e particularmente renomado na cidade representava, portanto, uma dupla operação de agregação e segregação social, pois mantinha a distância espacial e social dos grupos populares e inseria suas meninas na rede de relações das famílias conhecidas (PEROSA, 2006, p. 94).

Outros aspectos, que se articulam às demarcações e distinções de gênero podem ser observados nos relatos de outras escritoras.

Ceres Fernandes³³ nasceu na cidade de Salvador/BA, filha de Maranhenses, a mãe natural de São Bento e o pai natural de Brejo, viveu muitos anos no Rio de Janeiro, local onde realizou grande parte dos seus estudos. Apesar disso, ela afirma: “de baiana não tenho nada, tudo em mim é típico do Maranhão”. A partir dessa fala, pude observar que o ideal de identidade maranhense, construído pela escritora, define-se a partir da autodeterminação de “ser maranhense” e desloca algumas referências de naturalidade e tempo vivido em São Luís.

“Ser maranhense” insere-a no que Silva (2000) chama de “comunidade imaginada”, responsável por “criar laços imaginários que permitem ligar pessoas que sem eles, seriam simplesmente indivíduos isolados” (SILVA, 2000, p.85). Nesse caso, é a “posse” de uma identidade maranhense um dos elementos que lhe permite ter acesso a uma cadeira na AML, aparentemente, negada aos não nascidos no Maranhão.

Como cito, no capítulo anterior, o processo de construção de uma identidade maranhense permeia muitas atividades realizadas pela Academia Maranhense de Letras. Junto com a afirmação dessa identidade, as escritoras relembram de alguns detalhes que associam sua participação em atividades relacionadas à literatura, as quais sugerem que sua “sensibilidade” artística “surgiu” como uma inclinação “natural”. Algumas passagens das narrativas revelam uma “premonição” em relação ao envolvimento literário e ao sucesso artístico.

No relato da escritora Sonia Almeida, essa referência ao passado, remete às primeiras aproximações da escritora a atividades literárias...

Quando tinha treze anos, fui convidada pelo teatrólogo **Américo Azevedo** para participar de uma peça, na qual recitava o poema “Há uma bala voando”, de Bandeira Tribuzi. Ele [Bandeira Tribuzi] estava na platéia assistindo e, ao terminar o espetáculo, ele veio até meu encontro, passou a mão em minha cabeça e disse que havia gostado de minha apresentação. Aquele encontro foi bastante significativo para mim, pois a leitura nos intimida e a presença dos autores nos deixa no limite entre o encantamento e o respeito (O Estado do Maranhão, 10.08.2006).

Em outro momento, durante a realização de seu discurso de posse na AML, a escritora lembra: “volto ao Teatro Artur Azevedo, nos meus tempos de Colégio Santa Teresa e ouço-me dizer: de Castro Alves, o Navio Negreiro...”.

³³ As conversas com Ceres não foram registradas em meio digital. Em função disso, as informações descritas neste trabalho são o resumo das conversas que tivemos nos dias 28.06.2008 e 31.07.2008, em encontros ocorridos na casa da escritora.

Esses elementos retomados como as origens do interesse pela literatura funcionam como demarcadores de uma predisposição para a literatura, como cita Laura Damous, de uma sensibilidade para as artes que as diferenciaria de muitas outras pessoas, não inclinadas para estas atividades. No entanto, também, ilustram o longo esforço de produção de uma coerência (BOURDIEU, 1996b) entre os caminhos percorridos ao longo da vida dessas escritoras e os locais de destaque que elas ocupam. Revendo o trabalho de Ecléa Bosi (2004), analiso que os fatos recordados pelos seus narradores (não, exclusivamente, em momentos de entrevista com o pesquisador) buscam produzir uma coerência e continuidade da *pessoa*. Nesse sentido, destaco uma de suas citações:

Conhecemos a tendência da mente de remodelar toda experiência em categorias nítidas cheias de sentido e úteis para o presente. Mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória. Um desejo de explicação atua sobre o presente e sobre o passado, integrando suas experiências nos esquemas pelos quais a pessoa norteia sua vida. O empenho de indivíduos em dar um sentido à sua biografia penetra as lembranças como um “desejo de explicação” (BOSI, 2004, p. 419).

Ao longo deste capítulo, diferentes aspectos da vida das escritoras destacadas são retomados para ilustrar algumas das distinções, destacadas por elas, enquanto sujeitos específicos, e que as aproximam em relação às atividades que possibilitaram o seu acesso a posições sociais de destaque. Gênero e Memória apresentam-se como importantes elementos no que diz respeito à forma de compreender esses elementos alocados na descrição de suas trajetórias e nas relações estabelecidas entre as escritoras e os demais membros da AML.

4.2 Retalhos II: formação escolar e qualificações para exercer uma profissão

A formação escolar obtida pelas *imortais* representa um dos importantes pontos destacados em meu trabalho. A instrução conquistada por elas ilustra grandes modificações que começaram a ocorrer na sociedade maranhense, como reflexo de mudanças ocorridas na Europa e em outras cidades brasileiras realizadas ao longo do século XX. Em alguns casos, também, relacionadas com as reivindicações dos movimentos feministas

Começo por passagens da formação de Dagmar Desterro:

Fiz o curso de Pedagogia, hoje Magistério. Nossa turma era de apenas 8 alunas. [...] Nessa época, em que fazia o Pedagógico, já tinha muitas preocupações sobre como ajudar no sustento da família. Foi no tempo do interventor Paulo Ramos, que perseguiu meu pai, demitindo-o por questões políticas. Comecei, então, a ensinar particular, pois não tinha idade para fazer concurso (FARIA, 2005, p.77).

Quando fiz o Curso Pedagógico, as pessoas que tiravam o primeiro lugar tinham direito a uma cadeira de professora na cidade. Fiz o curso preocupada em tirar primeiro lugar, para conseguir uma vaga de professora em São Luís. Estudei, estudei, e tive média final de 9,7. Nessa época o prefeito era o Dr. Matos, proprietário da Farmácia Antero Matos. Ele empolgou-se com minha nota; e apesar de ter concluído o curso em dezembro, em janeiro já estava contratada como professora do município. Ele ficou tão empolgado com minha nota, que desmembrou o Grupo Escolar Luís Serra, separando o Jardim de Infância e nomeando-me diretora. Tornei-me diretora do Jardim de Infância Luís Serra (FARIA, 2005, p.78).

Depois, me submeti a um concurso público para o Ministério da Fazenda e fui aprovada. Mudei-me para o Rio de Janeiro. Iniciei como escriturária, lotada no Ministério da Justiça. Aproveitei o tempo para estudar porque estava licenciada da Prefeitura, com o compromisso de me aperfeiçoar. Fiz, então, muitos cursos visando o magistério.

Morei no Rio de Janeiro de 1950 a 1952. Trabalhava apenas pela manhã. Tinha a tarde e a noite para estudar. Durante o período que morei no Rio de Janeiro nunca me aproveitei da vida da cidade. Meu tempo disponível era todo para o estudo. Fiz um curso de Psicologia Infantil e obtive o primeiro lugar (FARIA, 2005, p.78-79),

[Quando retornei a São Luís] estava trabalhando ainda na Prefeitura e no Serviço de Patrimônio quando foi criada a Faculdade de Filosofia. Fiz vestibular e ingressei no Curso de Pedagogia (FARIA, 2005, p.79).

Formei-me em Pedagogia e tirei a maior nota de todos os quatro cursos das Faculdades [...] Recebi uma medalha, uma placa e também nessa hora foi lido um documento do Ministério da Educação, autorizando que me fosse dada uma cadeira de professora na Universidade. Fui então nomeada professora de Psicologia Educacional da Faculdade de Filosofia [...] Depois que concluí Pedagogia fui fazer Direito. Sempre gostei muito de discutir, de falar. É uma característica minha. Meus quatro irmãos são formados em Direito (FARIA, 2005, p.80).

Terminei Direito, e fui a única aluna laureada pela Faculdade de Direito do Maranhão, desde sua fundação. Obtive média final 9,8. O Ministério da Educação me enviou uma placa e me agraciou com o título de aluna laureada. Como estava formada, o Ministério da Fazenda me tirou do Serviço do Patrimônio da União e me nomeou Procuradora da Fazenda no Maranhão (FARIA, 2005, p.82).

Descrevendo todas as atividades, destacadas por Dagmar Desterro, relacionadas à sua formação e vida profissional pude observar, com certo espanto, que as tarefas de superação a que a mesma se impôs, foram capazes de colocá-la em posições difíceis de serem atingidas, mesmo por sujeitos compreendidos como “homens”, como no momento em que tornou-se a única aluna a ser laureada pela Faculdade de Direito em função de sua média final, obtida durante a graduação.

A narrativa de Dagmar ilustra uma possível relação de igualdade de possibilidades entre “homens” e “mulheres” baseada em questões relacionadas ao “mérito” dos mesmos. No entanto, alguns aspectos de sua vida não podem ser

considerados, apenas, como resultado de um esforço ou uma atenção despertada em administradores públicos, como ao conquistar o cargo de diretora do Jardim de Infância Luís Serra, concedido pelo prefeito de São Luís. Nem podem sugerir que todas as mulheres que apresentassem os mesmos interesses que ela apresentava teriam possibilidades parecidas de atingirem algumas posições pretendidas.

Além do empenho de Dagmar, cabe lembrar, que a mãe da escritora era a diretora do Grupo Escolar Luís Serra, que deu origem ao referido Jardim de Infância, do qual Dagmar tornou-se Diretora. Embora os laços existentes entre a família de Dagmar e alguns representantes da administração pública estivessem rompidos durante a Intervenção de Paulo Ramos (1937-1945), no Governo do Estado, algumas relações podem ter permanecido com setores da prefeitura de São Luís. Esse fato não desmerece o esforço da mesma, durante sua formação no magistério, mas acrescenta outros fatos que podem facilitar a compreensão da rápida ascensão no serviço público.

Certamente, as formas de acesso ao serviço público, nos idos de 1940, não obedeciam às aparentes “normas” de contratações atuais, e as indicações de conhecidos, as intercessões por favores tinham um valor um pouco diferentes do que têm hoje, quando comparados a uma possível ética da administração pública que se quer que seja implantada de acordo com discursos modernos e racionais que gerem a inserção no mercado de trabalho e o acesso a cargos público. Deve ser ressaltado, ainda, que o acesso de muitos homens a cargos públicos de destaque ocorria e continua a ocorrer, por meio de processos semelhantes.

Além das relações com o trabalho público, o envolvimento com a literatura permeia passagens relacionadas aos aspectos mais íntimos da vida das escritoras. Ele acaba corroborando para a explicação de vários fatos ocorridos na vida dessas mulheres, mesmo quando parecem afastá-las do ato de escrever. Ao falar de seu primeiro casamento, Laura Damous lembra:

Sabe como ele [meu primeiro marido] me conheceu? Eu estava respondendo na televisão Difusora um programa sobre Gonçalves Dias, ele me olhou, e falou “eu vou casar com essa moça”, eu estava sendo entrevistada pelo **Bernardo Coelho de Almeida**. Eu tinha uns 18, 17 anos. Eu tive uma interrupção muito grande quando casei, eu tinha 20, 21 anos, aí eu passei um tempo sem nem ler nada, cinco, seis anos, naquela época, meu marido achava que mulher não precisava estudar. Tanto que eu interrompi meu curso de Direito, tive quatro filhos, um atrás do outro, uma escadinha. Quando eu fiquei viúva eu retomei [os estudos]. Eu retomei com toda a força, mesmo porque eu precisava. Eu fiquei numa situação de

chefe de família, que era uma coisa extremamente nova pra mim, com quatro filhos pequenos eu tive que ir à luta.

Ao relatar o processo de constituição de sua família e das modificações ocorridas com a morte do marido e sua inscrição como “chefe de família”, Laura Damous fornece importantes informações sobre o processo de transição que algumas das mulheres da Academia Maranhense de Letras e de outros locais passaram, entre uma possibilidade, aparentemente exclusiva, de vida dedicada ao marido e à família, marcada pela criação dos filhos, e um possível momento de início ou retomada das atividades profissionais. Devo ressaltar que a associação da imagem de mulheres a atividades artísticas, até pouco tempo, era tida como indesejada por algumas famílias, e muitas das mulheres que se envolviam nesse meio, não representavam mulheres aptas para a constituição de uma família.

No caso de Laura Damous, a separação entre a vida de uma mulher casada e as possibilidades de expressão artística eram mantidas pelo seu marido, de ascendência libanesa.

A aparente facilidade com que Laura aceita seu “destino” de esposa e mãe, indicam que a formação escolar e familiar recebida por ela não era acentuada na direção de uma formação profissional. Perosa (2006) lembra que:

Nas escolas confessionais femininas o acento da experiência escolar era moral – o controle emocional, a apresentação de si, a dedicação, a modéstia – e o programa escolar privilegiava a aquisição de uma formação estética e literária. Assim, os colégios católicos representavam uma alternativa para garantir a instrução feminina, sem abrir mão de uma socialização cujo acento fosse moral e não profissional. Estava em curso um programa de aprendizagem das diferenças sociais – de classe e gênero – que traduzia as lutas dos grupos familiares para controlar a educação escolar das meninas de forma a ajustá-las às suas estratégias de reprodução social. Tratava-se, mais precisamente, de adquirir as disposições necessárias para ocupar uma posição dominada, no interior de um grupo socialmente dominante (PEROSA, 2006, p. 95).

Com o falecimento do seu marido e a nova posição como chefe de família, as atividades interditas pelo casamento, foram retomadas e a importância atribuída à produção literária parece ter determinado até os possíveis novos relacionamentos da escritora que, há quinze anos, é casada com reconhecido compositor maranhense.

Quanto à escritora Ceres Fernandes, é possível ressaltar uma especificidade da sua trajetória. Embora sua atividade de trabalho, a partir de 1970, a tenha inclinado ao desenvolvimento da crítica literária e à produção de trabalhos

envolvendo estudos das obras de vários escritores, foi somente a partir de 1998, que ela começou a escrever crônicas em jornais da cidade de São Luís. Além disso, escrever poesias e realizar declamações não fazem parte das suas atividades.

Seus estudos iniciais foram realizados na cidade do Rio de Janeiro, sua graduação em Letras ocorreu em São Luís. Além da graduação, a escritora concluiu mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, na área da Crítica Literária. No período em que cursou o mestrado, foi para o Rio de Janeiro, acompanhando o marido, que também fez mestrado em Sociologia, na mesma Universidade.

A companhia do marido foi registrada como a principal razão para que ela cursasse o mestrado. Quando concluiu o curso, havia a possibilidade de que iniciasse os estudos para o doutoramento, no entanto, como o marido iria retornar em breve para São Luís, ela decidiu concluir apenas o mestrado. Ceres fala que, muitas das suas amigas que fizeram mestrado, no mesmo período que ela, acabaram divorciadas de seus maridos, pois, depois de um ano e meio fora de casa, muitos deles já estavam com outras companheiras. Ela não queria correr esse risco.

O interesse pela manutenção da família aparece, então, como o mais importante ponto a ser preservado pela escritora, embora lamente o fato de não ter ingressado no programa de doutoramento. Entretanto, avalia como importante o fato de não ter colocado o casamento em risco e ter conseguido coordenar as atividades de professora com as de mãe e de esposa. A manutenção do casamento confirmaria uma posição relacionada à estabilidade social, que não é abalada pelo trabalho fora de casa, contanto que esse trabalho não atrapalhe o cumprimento das obrigações do lar.

A divisão dos papéis possíveis de serem vividos por homens e mulheres representa importante função em relação às “escolhas” operadas por Laura Damous ou por Ceres Fernandes. Ilustram o “acordo”³⁴ possível para compatibilizar tarefas de um trabalho que se estende para fora da casa, excedendo o conjunto de normas que determinavam o “lar” como único local de “realização” ou de “poder” de uma mulher. Essa “aceitação”, nas palavras de Khel (1998), demonstra a força de discursos que produziram um ideal de mulher no Ocidente.

³⁴ As escolhas e acordos de que falo não tratam exclusivamente de possibilidades distintas, como ser “mãe de família”, “mulher da vida”, ou “ficar pra titia”, e sim da coerção realizada por um grande conjunto de discursos, os quais, até bem pouco tempo, afirmavam que a melhor situação que uma mulher poderia almejar na sociedade era ser uma “mãe dedicada e esposa devotada”.

O que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser *objeto* de uma produção discursiva muito consistente, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua “natureza”, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens – sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna – e não a verdade “da mulher”. Por fim, a esta produção simbólica vai-se contrapondo uma produção literária voltada ao público feminino, que tenta dar uma resposta imaginária aos anseios reprimidos de grande parte das mulheres das classes médias: anseios de viver a grande “aventura burguesa”, para além do papel honroso que lhes era concedido, de mãe virtuosa e rainha do lar (KEHL, 1998. p. 15-16).

A formação de Conceição Aboud, também, ocorre em um momento de transição na forma de educação oferecida às mulheres no Brasil, marcado pelo processo de industrialização que atingiu um de seus principais momentos na década de 1950. Nesse período, algumas mulheres, inclusive entre as escritoras pesquisadas, recebiam em sua formação outras orientações, que não eram direcionadas exclusivamente para o trabalho doméstico e para criação dos filhos. Essa nova situação, na relação entre mulher e educação, pode ser compreendida como um dos primeiros efeitos de uma maior inserção de mulheres em “novos” postos de trabalho, acrescentando outras possibilidades de atividades, já que:

Os trabalhos tradicionalmente ocupados por mulheres eram impregnados por um duplo problema: algumas vezes a empurravam para a reclusão da vida privada – como no caso das costureiras, bordadeiras, roceiras, que, apesar do não comprometimento moral de suas atividades, não lhes permitiam romper com o estigma de inferioridade –, outras eram ocupações ilícitas: da mulher pública. Assim adjetivado, o trabalho feminino fora do seio doméstico era apresentado com uma forte carga de amoralidade, como as prostitutas e as donas de bordéis. Os trabalhos tradicionais femininos estavam atrelados à mera sobrevivência humana, suprimindo as necessidades de manutenção da vida, ao passo que, na nova sociedade [em processo de industrialização] esses atributos eram insuficientes (NASCIMENTO, 2007, p.446).

Pode-se perceber, a partir dos relatos dessas mulheres, uma expansão das atividades possíveis para mulheres: além do magistério, área de formação cursada por seis das oito escritoras que compõem o quadro de mulheres membros da AML³⁵, a formação em cursos de Direito, Filosofia e Letras perpassaram a vida de algumas delas, Conceição Aboud, por exemplo:

³⁵ Laura Rosa, Mariana Luz, Dagmar Desterro, Ceres Costa Fernandes, Laura Amélia Damous e Sonia Almeida tiveram formação no curso de Magistério e, com exceção de Laura Amélia Damous, trabalharam como professoras por muitos anos.

Nasceu em São Luís, onde permaneceu até a morte de seu pai, quando a mãe e os irmãos se transferiram para o Rio de Janeiro. Lá estudou no Colégio Sion, estabelecimento de ensino freqüentado pelas moças da mais alta sociedade carioca. Tempos depois regressa a São Luís, dominando o francês e o inglês. Rompe com preconceito comum na década de 1940 de que trabalhar fora do lar não era para as “moças de família”. Havia, quando muito, a opção do magistério. Conceição começa a trabalhar no estabelecimento bancário de Francisco Aguiar, onde conheceu o seu futuro marido, o industrial Alexandre Aboud, de importante família árabe local (FERNANDES, Estado do Maranhão, 10.8.2008).

Novamente, o impasse entre a família e o trabalho, colocados em lados opostos, demarcou as opções de outra escritora, Conceição Aboud. Ela, também, concentrou no casamento suas maiores possibilidades de realização, embora tenha produzido representativa obra, publicada em revistas e jornais do Rio de Janeiro e de circulação nacional. Tal atividade é favorecida em função de seu caráter intimista, no que se refere ao local onde é realizado (na maioria das vezes, dentro de casa, em horários em que as obrigações desta estão concluídas). Embora tenha tido um marido de ascendência libanesa, como Laura Damous, a diferença entre a postura dos mesmos não podem ser comparadas, já que a duração desses relacionamentos, o local onde as duas famílias viveram parece ter sido bem diferente. Além disso, Conceição Aboud não teve filhos, o que a levou a considerar cada uma das suas obras como os filhos que não chegou a ter.

Lucy Teixeira, por outro lado, foi uma das três mulheres que não contraiu matrimônio, Laura Rosa e Dagmar Desterro foram as outras duas que não se casaram. Isso deve ter facilitado a ascensão profissional da mesma, por possibilitar-lhe maior circulação em outras esferas sociais que não, somente, as da vida privada.

Bacharel em Direito, o doutorado realizado em 1958, veio por meio de uma bolsa de estudos do governo italiano. E lá se foi Lucy para a Itália. A tese resultante desse doutorado foi *L'estetica crociana e L'Arte contemporanea* (FERNANDES, Estado do Maranhão, 10.8.2008).

No Brasil, possuir um título de Doutorado, ainda nos anos de 1950, constituía-se como fato raro, alcançado por poucos homens. Mesmo entre membros da AML, tal título só será alcançado por outra acadêmica mais de cinqüenta anos após a primeira. Em 2010, a professora Sonia Almeida concluirá seu Doutorado na área da Educação, pela Universidade de São Paulo.

O trabalho no lar, na rua e o trabalho artístico intercalaram-se com diferentes intensidades na vida destas escritoras. A vivência em esferas sociais distintas não deixa de apresentar tensões e dificuldades percebidas quando relatam

sobre as obrigações estabelecidas pelos lugares de mães e esposa e as funções de professoras e funcionárias de destaque em diversas instituições. Laura Damous, por exemplo, lembra que ter que criar os filhos e trabalhar “foi difícil, mas eu tive ao longo da minha vida grande ajuda da minha mãe, ela me ajudou muito na criação dos meninos...”

4.3 Retalhos III: relacionamentos com amigos, parentes e pessoas de destaque em cargos públicos

Embora o trabalho literário seja realizado de forma isolada, é a publicidade deste que consegue produzir os efeitos de reconhecimento de uma obra³⁶. É no espaço, dito, público que essas escritoras constroem laços de amizades importantes para a divulgação de seus trabalhos literários. Nos casos observados, as amizades com antigos membros da AML representam um dos principais elementos que auxiliam o acesso de escritoras a essa instituição. Entretanto, outros laços construídos, a partir de relações de parentesco e relações profissionais, também auxiliam no processo de eleição das mesmas.

No caso de Laura Daumous, ela relata que:

No Colégio Santa Teresa, tinha o grêmio Paula Francinete. Eu declamava, teve um concurso aqui que o **Bernardo Coelho Almeida** organizou na televisão, sobre Gonçalves Dias. Eu participei sempre de atividades nessa área (da literatura). Bernardo Almeida foi membro da Academia uma figura belíssima, um grande escritor. Ele foi o primeiro que me incentivou, na época eu comecei a mostrar umas poesias pra ele e ele disse pra eu não deixar de escrever, me incentivou indicando livros para eu ler, para eu estudar, ele e **Nauro Machado**³⁷ foram meus grande incentivadores, um grande amigo desde muito tempo.

Apesar do longo envolvimento com a literatura, e das antigas amizades travadas com membros da AML, ou com importantes escritores, reafirmo que a relação com o trabalho literário é apenas uma das atividades desenvolvida por estas mulheres. Em outras instâncias, o trabalho na administração pública reforça a proximidade com importantes setores do governo do estado do Maranhão.

³⁶ Relembro aqui, que a produção dos membros da AML não pode ser compreendida, unicamente, como literária, ela chega a englobar todos os aspectos da vida pública, e alguns aspectos da vida privada dessas escritoras.

³⁷ Na atualidade, Nauro Machado é reconhecido como um dos principais poetas da cidade de São Luís.

Ao falar sobre momentos de sua vida profissional, Laura Damous destaca:

Eu comecei minha carreira de funcionária pública já como assessora da secretaria de cultura (por dois anos e meio), depois eu fui diretora do Teatro Artur Azevedo, e depois secretária de estado da Cultura, depois superintendente de interiorização da Cultura (durante o governo de Edson Lobão), criamos 32 secretarias municipais de cultura pelo estado. No primeiro governo de **Roseana Sarney** (1994-1998) eu fui Secretária de Cultura Adjunta e Dr. Eliezer era o titular. Quando saí, fui pra Casa Civil, Subchefe da Casa Civil. Atualmente eu sou da assessoria da Senadora Roseana Sarney.

É necessário destacar que o acesso de Laura Damous ao trabalho público não ocorre a partir de concursos públicos. Todos os cargos, citados por ela, foram conquistados por meio de indicações em administrações onde o Governo do Estado era realizado por membros da família Sarney ou por pessoas politicamente relacionadas a eles. A ocupação de cargos públicos de confiança, indicados pelos representantes dos órgãos em que ela trabalhou, podem estar relacionados aos laços de parentesco existentes entre a família do seu primeiro marido e a família da Senadora Roseana Sarney.

Aproximações profissionais com a família Sarney também aparecem no relato de outras escritoras. Dagmar Desterro, embora não tivesse relações tão próximas com essa família, cita que:

(Durante o Processo de Federalização das Faculdades de São Luís para Formação da UFMA). Entre os professores que participaram dessa luta recordo de Luiz Rego, **Mário Meireles**, **Clodoaldo Cardoso**, **Bacelar Portela**, **Pedro Neiva de Santana**. O professor Salomão Fiquene era fiscal e tinha grandes amizades no Ministério da Educação, o que contribuiu muito para a concretização do desejado. O arcebispo e o próprio governador – que era o **Sarney** – empenharam-se muito para que se conseguisse. A solenidade de assinatura do ato de federalização foi no Palácio do Governo. Depois, nós, professores, comemoramos. A vida tem também essas coisas gostosas (FARIA, 2005, p.84).

A importância conquistada pela família Sarney no cenário político maranhense envolve diversas pessoas e instituições do estado. O envolvimento profissional de algumas das escritoras da AML, com diversas atividades públicas é perpassado também por aproximações com membros dessa família.

Ceres Fernandes, ao lembrar-se dos cargos públicos exercidos, destaca que foi professora do Departamento de Letras da UFMA e se aposentou durante o governo de Fernando Henrique, há pouco mais de doze anos. Na UFMA, Ceres ministrou as disciplinas: Literatura Portuguesa, Teoria Literária e História da

Literatura. Após sair da Universidade, local onde chegou a ser Pró-Reitora de Graduação, trabalhou como Assessora de Educação da Gerência Metropolitana, órgão instituído durante o segundo governo de Roseana Sarney (entre os anos de 1998 e 2002) e dirigido por Ricardo Murad, cunhado da então governadora.

Durante nossas conversas, lembra, também, que foi orientadora de aprendizagem em um programa de ensino televisionado, utilizado em muitas escolas da rede pública de ensino do Estado do Maranhão, nos anos de 1980 e 1990. Embora não cite datas, ela lembra que **Cabral Marques**, eleito para a AML no mesmo ano que ela, era o Secretário de Educação naquele período.

Nos últimos anos do final do governo Roseana Sarney e durante os primeiros anos de governo de José Reinaldo Tavares³⁸, ela foi Gestora do Programa Saúde na Escola e trabalhou na implantação de pólos em mais de cento e dez municípios, estes pólos realizavam consultas oftalmológicas e tratamentos dentários em alunos da rede pública de ensino do estado do Maranhão.

A relação de Ceres Fernandes com a família Sarney, bem como a de muitos dos imortais³⁹, ultrapassa as paredes da AML e encontra um ambiente acolhedor em locais como a redação do Jornal o Estado do Maranhão, um dos principais meios de divulgação das atividades da AML e das idéias que envolvem o trabalho da instituição.

O Jornal o Estado do Maranhão, dirigido por pessoas da família Sarney, constitui-se como um espaço onde muitos dos membros da Academia expõem suas opiniões, em artigos e crônicas publicadas em dois setores desse Jornal, um no setor Opinião, aberto a publicação dos membros da AML, e também a pessoas de outras instituições, outro no Caderno Alternativo, onde seis imortais escrevem, regularmente, crônicas sobre os mais diversos temas referentes à sociedade maranhense e ao Brasil. Além disso, os eventos realizados pela AML são anunciados no Caderno Alternativo e recebem cobertura do colunista social Pergentino Holanda, ambos são cadernos que compõem o encarte do jornal.

Ao pesquisar sobre a divulgação de eventos realizados na AML em outros jornais (demarcando o período de posse das escritoras como referência),

³⁸ O processo de sucessão ocorrido com a eleição de José Reinaldo marca mudanças significativas nos cargos ocupados por Laura Damous e Ceres Fernandes, o rompimento político realizado entre o governador e a ex-governadora parecem ter desencadeado a saída de Laura Damous do cargo de Chefe da Casa Cível e de Ceres Fernandes do Projeto Saúde na Escola.

³⁹ Devo lembrar que nem todos os membros da AML são apoiadores políticos da família Sarney, havendo entre eles alguns que integram grupos políticos opositoristas.

deparei-me com poucas notas. Em muitos casos, posses, palestras e outras solenidades, realizadas pela Instituição não receberam qualquer divulgação em Jornais como *O Imparcial* e *Jornal Pequeno*. Em oposição, todas as atividades realizadas pela AML são amplamente divulgadas pelo *Estado do Maranhão*. Esses eventos costumam ser informados em notas antecipadas, comunicando a proximidade dos mesmos; artigos costumam ser divulgados na véspera de sua realização, para convidar o público para a atividade; além disso, as crônicas de Jomar Moraes⁴⁰ também convidam ou comemoram o sucesso dessas solenidades...

O destaque alcançado pelos membros da AML, em poucos casos, parece ultrapassar os limites da cidade de São Luís, ou do Estado do Maranhão, como acontece com Conceição Aboud ou com Lucy Teixeira. No caso dessas escritoras, a recepção de suas obras fora do Maranhão despontou como um dos fatores do reconhecimento em seus Estados de origem. Ademais, as relações de amizade com escritores de destaque de outros locais do Brasil agregaram significados importantes ao trabalho das escritoras, sobretudo os produzidos por Críticos Literários. Ao falar sobre Lucy Teixeira, Ceres Fernandes destaca:

Diziam que se vestia como bem entendia (costume que conservou até na velhice), andava com rapazes metidos a intelectuais e que usava tênis (!) em reuniões sociais. Um escândalo convenhamos. Ouvindo-a discursar, lembrei a sua permanência em Minas Gerais, onde ela, em 1948, bacharelou-se em Direito. Lá, freqüentava o grupo composto de ninguém menos que Otto Lara Resende, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Murilo Rubião, numa intensa troca literária. Escrevia para o *Jornal do Brasil e Correio da Manhã* e recebeu prêmios conquistados em concursos literários de âmbito nacional. De volta a São Luís, na segunda metade dos anos 40, para assumir um cargo do Tribunal de Justiça do Maranhão, vem de posse imensa bagagem literária e intelectual. E, naturalmente, engaja-se no movimento pela renovação da literatura maranhense (FERNANDES, Estado do Maranhão, 10.8.2008).

Ao longo dos anos de 1950, Lucy Teixeira despontou como uma das mais premiadas escritoras em prosa, do Brasil, ao lado de Ferreira Gullar, muito premiado por suas poesias, ela representava importante “renascimento” literário

⁴⁰ Jomar Moraes é reconhecido como um dos mais importantes membros da AML, eleito desde 1969, foi presidente da mesma por mais de dez anos, e está envolvido diretamente em diversas de suas atividades. Sua principal função constituiu-se da divulgação dos eventos da Academia e de suas opiniões sobre a importância desses eventos. O acadêmico escreve, há quase vinte anos para o Jornal o *Estado do Maranhão*, uma coluna regular de crônicas publicadas todas as quartas-feiras. Os temas principais de suas crônicas circulam entre a divulgação de atividades da AML, ou de seus membros, a saudação dos novos acadêmicos, e realização do convite para participação da solenidade de posse dos novos imortais. Além disso, ele escreve sobre o falecimento de membros da instituição.

maranhense. No entanto, a eleição de Lucy para a AML só ocorreu em 1979. E, mais uma vez, o nome da família Sarney aparece muito próximo ao nome das mulheres que entraram para a Academia. José Sarney foi o responsável pelo discurso de recepção da escritora em sua solenidade de posse.

A pessoa escolhida para recepcionar um novo membro da academia costuma ter relações próximas com o recém eleito. As falas de Mário Meireles e Dagmar Desterro, destacadas no capítulo anterior, indicam que a escolha realizada não é aleatória e, geralmente, elege para essa função uma pessoa diretamente envolvida em seu processo de eleição.

Ao pensar sobre os processos de formação de grupos na sociedade brasileira Roberto DaMatta observa que:

... As redes de relações, que são altamente formalizadas política, ideológica e socialmente, são entidades rigorosamente fora da lei. Um milagre brasileiro permanente é, sem dúvida, o fato de que não há reflexão social sistemática sobre essas teias de amizade e solidariedade que, no mundo político, são a substância do noticiário político e dos comentários sociais dos chamados “colunistas”. Ou seja, não se acredita que a sociedade brasileira seja um sistema marcado por redes de relações pessoais que atuam de modo altamente formalizado e de modo instrumental, sem qualquer referência direta à posição econômica ou à convicção ideológica. O mundo das “relações” então passa por cima (ou “entrecorta”) das solidariedades “naturais” de segmentos e classe social, criando uma sociedade com um dinamismo político que à primeira vista parece diferente, curioso, atrasado ou ambíguo (DaMATTÁ, 1997, p.81).

O acesso de mulheres na AML, como o de homens, é marcado por essas “relações” estabelecidas em diversos níveis com membros da instituição. No discurso de posse de Laura Rosa, proferido no dia 17.04.1943, destaco a referência feita pela escritora a alguns amigos mais próximos, responsáveis pelo trâmite da candidatura e pela busca de votos para confirmar sua eleição.

Manda a justiça que vos diga, em primeiro lugar, que me trouxeram para esta casa de sábios ilustres as mãos amigas de **Corrêa de Araújo** e **Nascimento de Moraes** com a benevolência de seus pares. Trouxeram-me, porque, de mim mesma, nunca imaginei suficientes os meus versos, para merecimento de tão honrosas credenciais (ROSA, 1998, p. 13).

A humildade com que a escritora se apresenta frente aos seus atuais confrades prolonga-se por algumas frases, reforçando a valorização dos membros mais antigos e ao mesmo tempo, reconhecendo o valor desses membros. Ela cita: “Eis-me, portanto, aqui, Senhores, a primeira mulher que aqui entra, porque assim o

quiseram os homens ilustrados desta agremiação, guardas fiéis de nossas tradições literárias” (ROSA, 1998, p. 15).

O discurso de Laura Rosa retoma uma questão marcante, ao longo do período de realização do meu trabalho. Ao contrário do que acontece em muitas instituições, nas quais a participação de mulheres é marcada por movimentos de reivindicação por vagas, pela organização política para a entrada de determinados segmentos da população, na AML, essa reivindicação política não parece manifestar-se nos processos de eleição. Jomar Moraes, um dos principais comentadores das atividades realizadas pela AML, publicou em 23.05.2001, véspera da posse de Ceres Fernandes, um artigo em que congratula a nova imortal e demonstra alegria pelo fato de ser a primeira vez que o quadro de membros da academia apresenta a proporção de dez por cento de mulheres, entre as suas quarenta vagas.

Com a posse de amanhã a academia volta a ser uma casa dos quarenta condomínios. E alcança pela primeira vez em 93 anos de sua existência, dez por cento de mulheres na composição de seu quadro de membros efetivos. É ainda muito pouco, dirão muitos. Concordo plenamente. Mas considero cabível lembrar que as marchas de conquistas são feitas por etapas. E ainda, que muito mais longe já estivemos.

A esta altura, entendo ser oportuno ressaltar que mais importante para as academias seriamente empenhadas no cumprimento de seus relevantes papéis institucionais, manter-se atenta aos valores que congregam, e que, por definição, devem ser os mais representativos da cultura, da inteligência e dos talentos do povo ao qual tomaram o gentílico.

Com todos os naturais escrúpulos de estar falando em causa própria, ousou dizer que a Academia Maranhense de Letras tem sido, desde sua fundação até os dias atuais, uma entidade representativa do povo maranhense, de cuja cultura é zelosa depositária e propagadora, já pelo culto permanente que lhes rende, já pelas diversas ações que promove, todas elas destinadas a manter vivas as tradições de inteligência e de talento que constituem nosso orgulho maior, porque legado precioso de nossos antepassados, que desde o século XIX foram capazes de aqui instituir um núcleo de civilização que logo conquistou o respeito de toda a comunidade nacional (MORAES, O Estado do Maranhão, 23.05.2001).

A participação de mulheres na AML parece ser compreendida como um sinal do avanço da modernidade. A instituição seria o local onde as “marchas de conquistas” realizadas pelas mulheres teriam apoio em função do “núcleo de civilização” que a Academia representaria. O texto de Jomar Moraes apresenta a Academia como local aberto à participação de mulheres que apresentem os elementos “representativos da cultura, da inteligência e dos talentos do povo ao qual tomaram o gentílico”. Entretanto, os conceitos que podem ser agregados a categorias como “cultura”, “inteligência” e “talento” parecem estar dentro de uma

referência de sujeito universal que acaba por ser menos igualitária do que aparenta ser.

Durante as entrevistas com Ceres Fernandes, a mesma externou um sentimento de insatisfação pelo número de mulheres presentes entre os membros da AML (atualmente, apenas três mulheres compõem os quadros da AML), principalmente, quando lembra que sua eleição ocorreu depois de vinte e dois anos da posse de Lucy Teixeira. Poucos anos depois de eleita, Ceres afirma ter colaborado para a entrada de Laura Damous e Sonia Almeida na instituição. Segundo a escritora, ela tinha relações de proximidade com as mesmas, estabelecidas no serviço público do Governo do Estado, e na Universidade Federal do Maranhão.

Durante meus estudos, percebi uma sutil resistência de membros da AML em relacionarem suas atividades públicas e as amizades conquistadas nessas atividades como fatores importantes para a entrada nessa instituição. Devo destacar o fato de que, em alguns casos, membros de uma mesma família foram eleitos para a AML. Embora algumas relações não ocorram a partir de laços diretos de consangüinidade, algumas famílias conseguiram um expressivo destaque de participação na AML. Registro a participação de membros família Sarney (3 escritores), Mata Roma (2 escritores), Vieira da Silva (3 escritores), Nascimento Moraes (2 escritores), Ribeiro do Amaral (2 escritores) e Costa Fernandes (2 escritores).

Outras relações ocorrem de forma indireta, como a que há entre a família da escritora Ceres Costa Fernandes com a família do escritor José Sarney, relacionadas a parentes da região de São Bento, interior do Maranhão, local onde José Sarney morou e de onde a mãe da escritora é oriunda. Outro caso relaciona-se à escritora Laura Amélia Damous. Quando se casou, pela primeira vez, seu esposo era membro da família Murad. Apesar de não informar detalhes sobre parentes do seu primeiro marido, algumas coincidências de datas e nomes induzem-me a acreditar que ele era irmão de Jorge Murad, esposo da Senadora Roseana Sarney. Essa aproximação associa Laura Amélia, também, à família Sarney.

Além disso, alguns membros da AML têm relações de parentesco com escritores maranhenses de destaque no século XIX, como é o caso de Américo Azevedo Neto, descendente direto do irmão de Artur e Aluísio Azevedo.

As informações destacadas vêm reforçar a idéia de que, dentre os elementos relevantes para a participação na AML, o pertencimento a estratos da sociedade de condições econômicas mais elevadas é significativamente importante. Em conversa com a Sra. Giovanna, esta confirma: “a maioria dos membros da academia pertencem a camadas ‘muito elevadas’ da sociedade, Ceres (Fernandes) e Lucy (Teixeira) eram filhas de desembargadores”.

Como observa Bourdieu:

A determinado volume de capital herdado corresponde um feixe de trajetórias praticamente equiprováveis que levam a posições praticamente equivalentes – trata-se do campo dos possíveis oferecido objetivamente a determinado agente; e a passagem de uma trajetória para outra depende, muitas vezes, de acontecimentos coletivos (guerras, crises, etc.) ou individuais (encontros, ligações amorosas, privilégios, etc.) descritos, comumente, como acasos (felizes ou infelizes), apesar de dependerem, por sua vez, estatisticamente, da posição e das disposições daqueles que vivenciam tais eventos (BOURDIEU, 2007, p.104).

Nesse sentido, as posições ocupadas, ao longo da vida, pelas escritoras destacadas, não podem ser compreendidas, exclusivamente, como fruto das atividades realizadas individualmente, no campo da produção literária.

A trajetória dessas mulheres estaria relacionada às possibilidades de atividades acessíveis a mulheres que pertencem a grupos sociais de camadas econômica e politicamente mais privilegiadas, com uma formação escolar próxima à possuída por elas e que contasse com relações de parentesco e amizades com interesses semelhantes aos destacados em suas narrativas.

4.4 Retalhos IV: produção literária e acesso à AML

Como cito, em páginas anteriores, muitas relações das escritoras com a leitura e a produção de literatura relacionam-se a passagens de sua infância. As lembranças, em diversos momentos, destacam explicações para os caminhos seguidos pelas escritoras. Declamações realizadas, poesias escritas, de acordo com as mesmas, representariam os sinais de uma “sensibilidade poética”, aprimorada ao longo da vida, tornando-se momentos relevantes na vida das escritoras. No relato de Dagmar Desterro, destaca-se:

Fiz o Primário na Escola Modelo Benedito Leite. Ainda bem criança, por ocasião do aniversário da morte de Benedito Leite, fui escolhida para discursar em sua homenagem na praça que tem o nome dele. Em plena praça, colocaram um banco, onde fiquei em pé para que as pessoas

pudessem me ver. Era pequena nessa época. Foi este meu primeiro discurso em público (FARIA, 2005, p.72).

Aos 11 anos comecei a escrever poesias. Sempre gostei. Ocorreu, então, um episódio no Colégio Santa Tereza que quase me fez perder o estímulo pela poesia. Estava no Ginásio, e era a comemoração de 7 de setembro e nos mandaram escrever um trabalho sobre esta data, para trazer no dia seguinte. Eu escrevi em forma de poesia. Quando apresentei, disseram que havia copiado, pois aquilo não podia ter sido escrito por mim. Fui humilhada de forma extraordinária na frente das colegas. A consequência foi que parei um tempo de escrever poesia. Mas minha mãe insistiu muito e voltei a escrever. Depois veio o Centro Cultural Gonçalves Dias e me entusiasmei mesmo pela poesia. Essa é minha vida na literatura, continuei lendo muito, acompanhando esses autores novos, todos (FARIA, 2005, p.90).

A apresentação em público, o interesse pela poesia e as frustrações com as críticas a respeito do que fora escrito parecem marcar a memória das escritoras com intensidades diferentes. As passagens selecionadas e as relações estabelecidas no ato de narrar inscrevem o interesse pela produção de literatura como uma possibilidade de satisfação de diversas necessidades. Esse interesse pode produzir o elemento que completa algo em uma família, representar a possibilidade de atingir um local de destaque intelectual, ou criar um espaço para a crítica a certos costumes da sociedade.

Ao observar algumas razões apontadas para o ato de escrever e como essa atividade é significada pelas escritoras da AML, destaco alguns registros deixados por Conceição Aboud:

Bendita a minha **inerente** tendência para **imaginar**! Quando eu era criança, ela me conduzia a um mundo irreal, fazendo com que as horas, no colégio, corressesem rápidas, porque ao meu lado conversavam príncipes e princesas, lutavam feias feiticeiras e gigantes cruéis. Essa imaginação desassossegada e irrequieta tem me proporcionado **infinitas sensações**: o **prazer** de escrever, a **ansiedade** de ler as críticas, sobre o que escrevo, e mesmo, a **emoção** da maternidade que a natureza, até agora me roubou e que veio através dos meus livros, pois me sinto mãe de todos os meus personagens, mãe privilegiada porque os crio como quero, sem expectativas e decepções... (Discurso de Posse proferido por Conceição Aboud na AML).

Empolgando-me por uma idéia vou até o fim sem dificuldade. Escrevo despreocupadamente. **Divirto-me**, escrevendo. Ao iniciar o primeiro capítulo dos meus livros, tenho apenas dois ou três personagens, com seus respectivos tipos físicos e morais, o ambiente em que se desenrolará a história e a maneira dos personagens se encontrarem e reunirem pela primeira vez. Não determino previamente enredo para que eu mesma me **anime de interesse e curiosidade**. **Naturalmente**, do meio para o fim, começo a concatenar fatos para fechar o livro (Entrevista para o Jornal Imparcial de 27.1.1952).

Para esta escritora, um conjunto de “infinitas sensações” estão relacionadas ao processo que ela apresenta como “inerente tendência para

imaginar”, que aqui tenho relacionado ao ato de produzir literatura. Prazer, ansiedade, emoção são os resultados de uma atividade tida como **natural**, que empolga, diverte, anima, gera interesse e curiosidade. A produção de literatura é, contudo, efeito de determinadas condições sociais, como: acesso a boas escolas, incentivo à leitura, cuidados familiares, prazer em ler e contar histórias etc.

Ao comentar sobre Conceição Aboud, Ceres Fernandes descreve características significativas de suas obras:

Quando de sua posse na Academia, Conceição Aboud não residia mais em São Luís e já era um nome conhecido nacionalmente, graças à publicação do romance *Ciranda da vida*, em capítulos, na revista *O Cruzeiro*, na época a revista de maior circulação nacional [...] Além desse romance, havia publicado *Grades e azulejos* em 1951. Como o nome indica, a temática desse livro é inteiramente maranhense, ou melhor, são-luisense. Outro romance de Conceição Aboud, ganhador do Prêmio Graciliano Ramos, da União Brasileira de Escritores, inteiramente vivido em sua terra natal, abordando os anos da 2ª Guerra Mundial, é *Teias do tempo*, de 1993. Estas duas obras mostram que, embora residindo no Rio de Janeiro, a escritora continuava com as raízes fortemente fincadas no Maranhão. Ambos são um documento sobre a São Luís dos anos de 1940 (FERNANDES, Estado do Maranhão, 10.8.2008).

O mundo de fantasias construído durante a infância de Conceição Aboud, fruto de sua “imaginação”, e que fazia “com que as horas, no colégio, corressem rápidas”, é retomado pela escritora durante a fase adulta e ajuda a superar, ou expõe o que ela mesma descreve como frustrações de uma esposa sem filhos, que sente a “emoção da maternidade” através de seus livros, os quais são perpassados por lembranças e influenciados pela sua vida na cidade de São Luís.

Ao discutir sobre os textos literários escritos por mulheres, Showalter (1994, p.50) lembra que a “escrita das mulheres é um ‘discurso de duas vozes’ que personifica sempre a herança social, literária e cultural” das escritoras. Nesse sentido, a produção literária de mulheres não pode ser considerada como estranha à literatura produzida por homens, apesar de conter particularidades. Assim, a maternidade, o casamento, a viuvez, e ainda, a ausência desses elementos, podem ter funções bem diferentes para cada uma das escritoras (nas histórias que elas contam ou nos estímulos que elas recebem para contá-las). Ora eles estimulam a escrita, ora impossibilitam.

Ainda é importante registrar que a memória relacionada à inspiração, ao dom ou, nos termos de Conceição Aboud, à **naturalidade** do ato de escrever (sem

muitos roteiros e estudos de personagens) pode ser registrada como uma herança social do ato de escrever que também aparece na fala de Laura Damous,

Na minha poesia, o título já faz parte do poema, se você ler sem o título, você perde o sentido da poesia, elas são como *flashes*, não sei nem como é que vem... Às vezes eu passo um tempo sem escrever, aí, tem dias que eu começo a ficar inquieta. Aí, eu já sei o que é, tenho que escrever...

O retorno à idéia de inspiração como transcendência no ato de escrever, contido nessas falas, apresenta um conjunto de significados que se opõem às observações de Norbert Elias sobre o trabalho artístico e às relações do artista com a sociedade. Segundo o autor:

A inspiração vem. Algumas vezes se desenrola por si mesma, como os sonhos de uma pessoa que dorme, deixando sua marca mais ou menos completa no gravador que chamamos de “memória”, de modo que o artista pode inspecionar suas próprias idéias como um espectador que observa o trabalho de outro. Pode examiná-las como se à distância, elaborá-las e corrigi-las ou, se a consciência artística hesita, piorá-las. Diferentes das idéias dos sonhos, as idéias do artista sempre estão ligadas ao material e à sociedade. São uma forma específica de comunicação, que pretende arrancar aplausos, acolhida positiva ou negativa, despertar alegria ou raiva, palmas ou vaias, amor ou ódio (ELIAS, 1995, p. 64).

A conexão com o cotidiano, presente nos trabalhos dessas escritoras, expõe-se de forma mais intensa nas crônicas de Ceres Fernandes. O trabalho literário da acadêmica pode ser compreendido entre esferas da lembrança e da crítica social. Um dos seus principais pontos de discussão encontra-se atrelado à cidade de São Luís. Mudanças ocorridas ao longo dos anos, casarões que desabaram, ruas modificadas, personagens da cidade: vendedores, pedestres e loucos são lembrados em suas crônicas.

O cunho crítico de suas crônicas, além de elemento desse estilo literário, é descrito pela autora como um traço marcante de sua personalidade. Sobre seu estilo de escrita Ceres diz: “tento produzir textos compreensíveis a leitores de diferentes níveis, sem ser comum no uso das palavras”.

Ao falar sobre sua produção para jornais a autora afirma que, escrever para um jornal tem seus pontos positivos e negativos. Dentre os pontos positivos o principal parece ser a projeção que o jornal oferece, chegando a um número significativo de pessoas de diferentes tipos. Ela afirma que não seria conhecida por muitas pessoas se apenas publicasse seus textos no formato de livros, pois o valor dos mesmos não os torna acessíveis a uma maior quantidade de pessoas. Em compensação, afirma que, ao divulgar seus textos ao público, o escritor corre o risco

de sofrer críticas que, às vezes, não são nada construtivas. Para ela, escrever para um jornal exige coragem de quem escreve. No entanto, tem muita gente que tem coragem, mas não sabe escrever.

As peculiaridades da literatura produzida por essas escritoras são destacadas por algumas delas como a mais importante razão de suas candidaturas para a AML. Laura Damous, por exemplo, cita que sua intenção em participar da academia foi influenciada pelas críticas positivas recebidas por sua produção literária.

Eu comecei a pensar na Academia, [quando] na verdade, eu já estava com quatro livros publicados, e já tinha muita convivência com eles, e aquilo me atraiu muito, porque é uma sociedade, uma confraria, uma instituição que é saudável, é salutar, porque você conversa com pessoas da sua área, você se enriquece, você colabora. A academia hoje é uma instituição aberta, está participando de feiras de livros, está promovendo debates, é outra coisa... e eu tinha amigos lá, comuns. Eu comecei a pensar: eu tenho vontade e talvez eu tenha alguma bagagem que vale porque eu sempre militei nessa área da cultura. Já tenho quatro livros publicados e eu resolvi: eu vou tentar a academia, porque não é fácil. Eu comecei a conversar com Jomar (Moraes), com Joaquim Itapary, com a Ceres (Fernandes), com Dagmar (Desterro), e eles me deram a maior força, disseram, "Laura você tem todo o perfil, você tem um trabalho feito" e aquilo me incentivou muito, foi esse o ponto de partida.

Este registro marca, mais uma vez, que a proximidade com membros da instituição não deixa de permear os processos de eleição dessas escritoras e, ainda, definem aqueles escritores mais próximos que serão responsáveis pela sua recepção na AML.

Américo Azevedo Neto é meu amigo desde infância, da juventude, e foi uma das pessoas que me incentivou, "Laura teu lugar é aqui, nos estamos precisando de pessoas como você", então, eu o convidei: Américo você pode me receber? Seria uma satisfação muito grande... e ele prontamente respondeu que sim, o discurso dele é uma coisa belíssima, foi uma coisa muito feliz a acolhida que ele me deu.

No discurso de recepção proferido por Américo Azevedo Neto, na solenidade de posse de Laura Damous, percebemos algumas das representações associadas às autoras que valorizam a sua participação na AML. Um conjunto de símbolos é associado à escritora em questão e uma série de oposições e comparações, baseadas em interpretações da sua obra, intencionam descrevê-la, quase sempre, como um "ser complexo e completo", imagem que, segundo o acadêmico, representaria as qualidades do poeta que, no entanto, tem como referência o sujeito masculino.

Devo, portanto, receber o poeta e a poesia, o efeito e a causa, o sonho e o sexo, a versão e o fato, o algoz e a vítima. Devo, enfim, receber a força vital que arrepiando a vida, ocasiona a morte, e a morte que, vencendo a si própria, se transforma em vida. Devo, finalmente, receber o lógico paradoxo e o ordenado caos de que um poeta é feito.

Devo receber o anjo andrógino que, auto-fecundado, pariu versos gerados por seu próprio espírito, talvez não santo, mas seguramente, sensibíllissimo e sábio [...] Começo por aquela que, com indiscutível raridade, faz confundir em si o poeta e a musa, aquela que, mais que a maioria, é adubo e flor, raiz e rama, terra e safra (AZEVEDO NETO, 2003, p. 30).

Decerto, a produção de uma imagem idealizada sobre os membros da AML encobre os elementos de humanidade desses escritores e tende a aproximá-los de imagens divinizadas. Retomando as palavras de Elias (1995):

A transfiguração do elemento misterioso em gênio pode satisfazer uma necessidade profundamente sentida. Ao mesmo tempo, é uma das muitas formas de deificação dos “grandes” homens, cuja outra face é o desprezo pelas pessoas comuns. Ao elevar o primeiro acima da medida humana, reduzem-se as outras a um nível abaixo dela. Nossa compreensão das realizações de um artista e a alegria que se tem com suas obras não diminui, mas se reforçam e aprofundam quando tentamos captar a conexão entre a obra e o destino do artista na sociedade de seus semelhantes. O dom especial – ou, como se dizia no tempo de Mozart, o “gênio” que uma pessoa tem, mas não é – em si mesmo constitui um dos elementos determinantes do seu destino social, e, neste sentido, é um fato social, assim como os dons simples de uma pessoa sem gênio (ELIAS, 1995, p.54).

Essa deificação discursiva dos membros da AML associa-se à imagem descrita por Dagmar Desterro sobre seu acesso à academia.

A história do meu ingresso na Academia Maranhense de Letras é inacreditável, mas tenho prova de tudo. Fui indicada por uns amigos que na minha juventude freqüentaram comigo o Centro Cultural Gonçalves Dias. Eram Fernando Viana, Clodoaldo Cardoso, Bacelar Portela, Assis Garrido, Mata Roma, Oliveira Roma, todos gostavam muito de mim, viviam pedindo para eu declamar poesias (FARIA, 2005, p.88).

Embora ela o descreva como “inacreditável”, existem outras passagens de seu depoimento que ilustram várias faces das disputas de poder entre os membros da Academia Maranhense de Letras e as outras instituições às quais estes membros associam-se.

No ano de 1969, foi feito, por alguns dos seus amigos, membros da AML, o primeiro convite para que Dagmar se candidatasse para uma vaga na Academia. Nessa época, já aposentada e com apenas dois livros publicados, Dagmar concorreu com um amigo do seu antigo colega (e “inimigo”) de trabalho, o Cônego Ribamar Carvalho, então, ex-reitor da UFMA. Nesse período, a Igreja

Católica tinha grande influência em diversas instituições da cidade, dentre elas, a própria Universidade Federal. A Candidatura de um representante da Igreja Católica foi entendida como um ataque direto à candidatura apresentada por Dagmar, em função das críticas que a mesma havia tecido contra a administração do Cônego Ribamar Carvalho na UFMA. Segundo Dagmar:

O arcebispo [de São Luís] então, viajou para todos os estados onde moravam acadêmicos maranhenses, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo, e pediu o voto para seu candidato. Retorna o arcebispo [...] tinha trazido os votos dos acadêmicos que moravam em outros estados [...] Fui lá e retirei a candidatura (FARIA, 2005, p.89).

Depois desse impedimento, só no final de 1973, Dagmar ingressou na AML, tornando-se a terceira mulher a ser aceita como *imortal*. Desentendimentos também cercaram a candidatura de Ceres Fernandes. Ao falar sobre seu processo de eleição, a mesma disse ter sido convencida por amigos a candidatar-se para a Academia. Segundo ela, esses amigos eram leitores de suas crônicas e as julgavam interessantes, embora não tenha dito quem seriam esses amigos (alguns deles podem ter sido membros da AML). No período de sua eleição (no ano de 2001), Ceres cita que se inscreveu para a cadeira de número 39, a qual não havia recebido nenhuma inscrição, mas houve uma inscrição posterior à sua. Essa concorrência na eleição parece ter sido um pouco conturbada e a mesma não falou sobre o tema com muito interesse. Ao fim da disputa, Ceres foi eleita para a vaga.

Mesmo com todas as disputas e dificuldades que perpassam alguns processos de eleição para a AML, a impressão das eleitas pode ser representada pela fala da professora Sonia Almeida. Ao comentar como recebeu a notícia de sua eleição ela diz:

Foi uma grande surpresa. Essa questão da academia... são sonhos que a gente pensa que nunca se realizarão. Toda vez que me perguntam sobre isso, não sei o que dizer, mas aconteceu [...] esse título é uma resposta ao trabalho de toda uma vida. Fiquei surpresa com a escolha, por que meu trabalho sempre foi mesclado com a profissão de professora e confesso que entrar para a academia não era uma meta... (O Estado do Maranhão, 10.08.2006).

Tendo concorrido com dois outros candidatos, a eleição de Sonia Almeida parece ter sido influenciada pelo destaque de sua produção literária nos primeiros anos do século XXI, **Penumbra**, re-editado em 2003 e **Há fogo no jogo** (2005) premiado pela Secretaria da Cultura do Estado do Maranhão, representam

importantes trabalhos publicados pela escritora na cidade de São Luís. O fato de ser professora universitária também parece ter colaborado para isso.

Em seu último livro, **Há fogo no jogo** (2005), uma coletânea de poesias relacionada ao “jogo” da linguagem e da escrita, e ao “fogo” dos sentimentos, Sônia Almeida nos oferece um interessante exemplo⁴¹ sobre as formas de interpretar as relações em muitos ambientes. Em um pequeno conjunto de versos impresso na contracapa desse livro pode-se resumir algumas das relações possíveis na AML:

ONDE HÁ PALAVRA
HÁ JOGO

ONDE HÁ PALAVRA
HÁ FOGO

SE HÁ FOGO
ONDE HÁ PALAVRA

HÁ FOGO
NO JOGO

Ao demarcar a AML como um local onde ocorrem diversas disputas pelo acesso de homens e mulheres à instituição, ressalto que, um conjunto de discursos (**o jogo**) presentes nas obras dos acadêmicos e nos ideais professados pela Academia expressam as tensões (**o fogo**) para definir qual parcela dos membros é mais representativa e a quem competem os cargos de maior destaque dentro da instituição.

Antes de concluir, é necessário explicar que o Salão principal da AML é composto por um auditório, um palco, e um parlatório. Durante as solenidades abertas ao público, os acadêmicos dispõem-se pelo espaço semelhante a um palco. No centro dessa área, existe uma mesa que é ocupada pelos dirigentes da instituição e alguns convidados. Atrás dela, ficam as cadeiras que podem ser ocupadas pelos demais membros. Apesar de não existir, oficialmente, uma divisão das cadeiras, as mulheres tendem a ocupar os assentos localizados nas partes laterais do palco. Nessa posição, as mesmas não ficam de frente para o público, embora não fiquem, também, escondidas atrás da mesa. Ainda que esses detalhes sugiram mais do que denunciem uma participação limitada das mulheres, é preciso lembrar que estas continuam envolvidas em atividades diárias de trabalho, o que não ocorre com alguns acadêmicos que já se encontram aposentados em algumas

⁴¹ Essa poesia não compõe o corpo do livro, está impressa na contracapa sem referência direta à autora.

atividades de trabalho externas à AML e podem dedicar-se com maior intensidade à instituição.

Devo lembrar que as três mulheres que compõem o atual quadro de membros da AML representam menos de dez por cento dos acadêmicos, a participação das mesmas, além de pequena numericamente, parece restrita à posição de membros da instituição. Certas posições dentro da AML estão centralizadas nas mãos de poucos homens. Presidente, Secretário-Geral, Primeiro-Secretário, Segundo-Secretário e Tesoureiro são homens.

As disputas por um título que parece ter significado muito importante para setores da sociedade maranhense ainda reserva pouco espaço para as mulheres, não apenas pelas trajetórias de algumas delas ou pelas peculiaridades de algumas de suas obras (pelo sentido intimista que muitas apresentam). Devo destacar que, lugares de reconhecimento artístico/intelectual, como as academias, foram construídos para a eleição (em muitos casos, para a auto-eleição) de alguns homens “importantes” em determinados momentos históricos. Dessa forma, a participação de mulheres em tais instituições representa um elemento a mais nas disputas pelas posições de destaque oferecidas, e como tal permanece invisibilizada, sem ser questionada no interior da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As diversas representações, construídas sobre os produtores de bens simbólicos e as distinções que estabelecem alguns artistas como mais importantes que outros, estão polarizadas entre posições que acreditam em uma manifestação da “superioridade” espiritual de algumas pessoas, de um lado, e em uma possibilidade de aprimoramento das formas de expressão artística, de outro.

As tensões entre essas posições podem ser percebidas em muitas discussões sobre o fazer literário, estabelecendo, muitas vezes, a distinção entre alguns escritores e suas obras dos demais escritores. No entanto, desconsidero que elementos como a inspiração ou o dom, características destacadas pelos defensores da “superioridade” espiritual de alguns escritores, têm relação com o fazer literário.

É importante destacar que os responsáveis pela crítica e alguns produtores de bens simbólicos contribuem para a construção de normas e representações sobre a literatura e os escritores. Além disso, são responsáveis pela definição de qual tipo de obra deve ser admitida como relacionadas à “boa literatura” ou à “literatura elevada”.

Durante a realização deste estudo, percebi que os valores literários relacionados às produções dos membros da AML não são os únicos elementos necessários para o acesso a essa instituição. Isso não quer dizer que eles não existam, no entanto, esses valores e as muitas questões subjetivas relacionadas a outros elementos contidos em uma obra literária e as razões que fundamentam o reconhecimento da mesma e de seu autor ou autora, não estão relacionados, exclusivamente, às categorias do “belo” e do “bom” utilizadas pelos críticos literários para determinar esse valor.

A “beleza”/“importância” dos trabalhos intelectuais/literários dos escritores e escritoras da AML só podem ser compreendidas dentro de um conjunto de significados presentes em grupos que elegeram o cultivo de algumas habilidades intelectuais como fator importante para a distinção pessoal. Sujeitos e grupos que produziram, a partir de muitos discursos, a beleza que são responsáveis por admirar.

Outros processos relacionados ao que denomino de lado objetivo do reconhecimento literário estão associados à atividade de eleição dos produtores de literatura e das obras consideradas importantes em determinado momento. Em

instituições como a Academia Maranhense de Letras, o conjunto de relações pessoais estabelecidas ao longo da vida representam um papel fundamental na escolha dos representantes de um conjunto de pensamentos e interesses comuns a AML. Além das relações de amizade, questões econômicas, profissionais, políticas, raciais, religiosas e de gênero, ora favorecem, ora dificultam ou impedem o acesso de determinada pessoa ao quadro de membros da Instituição.

Nesse sentido, a participação das mulheres no “mundo da literatura” e o seu reconhecimento necessitou mobilizar um conjunto de valores aos quais muitas delas não tiveram acesso em seus processos de socialização, como o desenvolvimento de um hábito de leitura e escrita, associado a uma exposição pública que poucas mulheres, em determinadas condições sócio-políticas, foram estimuladas a desenvolver.

Além disso, essa entrada no “mundo da literatura”, muitas vezes, foi bastante limitada. A existência de um conjunto de normas sobre o fazer literário postuladas pelos escritores, historicamente reconhecidos, junto com um conjunto de discursos que classificavam as mulheres como intelectualmente inferiores aos homens, contribuiu, intensamente, na demarcação da literatura como um espaço não permitido às mulheres.

A possibilidade de uma mulher ocupar uma posição de destaque social/intelectual/literário, aferido por instituições como a AML, desponta como mais um elemento, nas questões relacionadas às disputas de poder, que ocorrem dentro de diversas instituições e que, neste caso, é confirmada pela participação restrita de mulheres em muitos dos locais que fornecem grande parte dos membros da Academia, como as instituições jurídicas e políticas.

Diferentemente de muitos setores da sociedade, onde a participação de mulheres depende de um processo de mobilização / reivindicação por lugares de destaque, na AML, não parece ter ocorrido esse tipo de mobilização. As relações entre membros dessa instituição e os pretendentes a uma vaga tem sido delineada em diversos contextos de relações que privilegiam alguns interesses de grupos, tais como, a própria valorização da AML e a permanência de alguns sujeitos em posições políticas de relevância. Pelas normas, oficiais, o espaço da AML é aberto àqueles que tiverem o mérito do “bom fazer literário”. Entretanto, reafirmo que, condições de classe social, gênero, raça, etnia, parentesco e proximidade afetiva

fazem, também, parte das tramas complexas em que se inserem os sujeitos escritores.

O fato de terem vivenciado momentos de intensas modificações sociais, que atingiram a vida de grande parte das mulheres do Ocidente, ao longo do século XX, colaborou, de maneira importante, para a ascensão, se não social, mas, pública das escritoras aceitas na AML. O acesso a uma formação escolar e a relações pessoais que lhes facilitaram a realização de atividades remuneradas, fora do lar, colaborou para a afirmação de laços de amizade e de reconhecimento fora do núcleo familiar e das relações de parentesco.

A colaboração das escritoras com meios de comunicação, que possibilitassem a divulgação de suas obras, através de crônicas, poesias e contos, divulgados em jornais de São Luís, ou de outras partes do Brasil, possibilitaram-lhes atingir um público situado em esferas externas a suas áreas de trabalho e, em alguns casos, facilitaram a aquisição de financiamento para impressão de seus livros. Enfim, esse múltiplo conjunto de processos possibilitou a estas mulheres, o acesso a posições de destaque, em alguns segmentos da sociedade maranhense, fazendo com que o reconhecimento, aferido pela AML, funcionasse como a confirmação de suas competências nas áreas em que atuaram.

Certamente, nenhum trabalho pode dar-se por concluído, muitas questões ficam à espera de interpretações que, apesar de tudo, apenas podem ser sugeridas pelas reticências...

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- ALMEIDA, Horácio de. **Prólogo**. In: Úrsula, Romance original brasileiro. (s/local): (s/ed.), 1959.
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.]
- BACHELARD, Gaston. **A Formação do espírito científico**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARROS, Valdenira. **Imagens do Moderno em São Luís**. Monografia (Curso de Ciências Sociais). Universidade Federal do Maranhão. 1998.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980
- BERNARDO, Teresinha. **Memórias em branco e negro: olhares sobre São Paulo**. EDUC/ UNESP: São Paulo, 1998.
- BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- Bíblia**. São Paulo: Claretiana, 1996.
- BLOOM, Harold. **Gênio**: Os 100 autores mais criativos da história da literatura. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade**: lembranças de Velhos. 11.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BOSI, Alfredo, **História concisa da literatura brasileira**. 32.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.
- _____. **As Regras da Arte**: gênese e estrutura do Campo Literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

_____. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996b.

_____. **Introdução a uma sociologia reflexiva**. In: O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANCO, Lúcia Castelo. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAILLÉ, Alain. Dádiva e associação. In: **A dádiva entre os modernos**: Discussões sobre os fundamentos e as regras do social. Org. Paulo Henrique Martins. Petrópolis: Vozes, 2002.

CORADINI, Odaci Luiz. **“Grandes Famílias” e a Elite “Profissional” na medicina do Brasil**. Cadernos de Ciência Política. Série: Pré-edições. N. 2: Porto Alegre, 1995.

CORRÊA, Rafael. **Um olhar sobre o início de tudo**. Veja, Edição 2066, 25 de junho de 2008.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura na ciências sociais**. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DaMATTA, Roberto. **A casa & a rua**. 5.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMOUS, Laura Amélia; AZEVEDO NETO, Américo. **Na Casa de Antonio Lobo**: discurso de posse e recepção. São Luís: Academia Maranhense de Letras, 2003.

_____. **Cimitarra**. São Luís: UEMA, 2001.

DUARTE, Constância Lima. O cânone literário e a autoria feminina. In: **Gênero e Ciências Humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

El FAR, Alessandra. **A encenação da imortalidade**, Rio de Janeiro, FGV/Fapesp, 2000.

ELIAS, Norbert. **Mozart**: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FACINA, Adriana. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

FARIA, Regina; MONTENEGRO, Antonio (org). **Memória de Professores**: histórias da UFMA e outras histórias. São Luís/ Brasília: CNPq/UFMA, 2005.

FERNANDES, Ceres Costa. Conceição Aboud e Lucy Teixeira: duas Acadêmicas. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 10.08.2008. ed. 16.804.

FERRETTI, Sérgio F.. **Repensando o sincretismo**: estudo sobre a casa das Minas. São Paulo: Ed. USP, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. As palavras e as coisas. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma antropologia interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC editora, 1989.

_____. **Nova Luz sobre a Antropologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

GERGEN, Kenneth J. A Crítica feminista da ciência e o desafio da epistemologia social. In: **O Pensamento feminista e a estrutura do pensamento**. Brasília: Ed. UNB, 1993.

KEHL, Maria Rita. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 1998. p. 15-16.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **A Fundação Francesa de São Luís e Seus Mitos**. 2.ed. São Luís: Lithograf, 2002.

LAURETIS, Teresa de. A Tecnologia do Gênero. In: **Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LOURO, Guacira Lopes. Epistemologia feminista e teorização social – desafios subversões e alianças. In: **Coletânea Gênero Plural: um debate interdisciplinar**. Curitiba: Ed. UFPR, 2002.

MACHADO, Lia Zanotta. **Masculinidades e Violências: gênero e mal-estar na sociedade contemporânea**. In: Masculinidades. (Org) SCHPUN, Mônica Raissa. São Paulo: Boitempo, 2004.

MANCERLOS, João de. **O sexo da escrita: do autor zombie ao autor-mulher**. Disponível em: <http://www.ipn.pt/literatura/letras/ensaio21.htm> acesso em: 30.05.2006

MANNHEIM, Karl. **Sociologia da Cultura**. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1974.

MARTIN, Charles. **Uma rara visão de liberdade** (Prefácio). In: Úrsula. Rio de Janeiro, 1988.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEIRELES, Mário M. **História do Maranhão**. 3.ed. São Paulo: Siciliano, 2001

_____. **Discurso de Posse**. In: Revista da Academia Maranhense de Letras. São Luís. Edições AML, Ano 80. nº 20, dez. de 1998.

_____. **A França Equinocial**. São Luis: Tipografia São José, 1962.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais, Projetos Globais**: colonialidades, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MONTELLO, Josué. **Discurso Posse**. In: Revista da Academia Maranhense de Letras. São Luís. Edições AML, Ano 80. nº 20, dez. de 1998.

MORAES, Jomar. **Perfis acadêmicos**. 2ª ed. São Luís: Edições AML, 1987.

_____. Festa na Academia. **O Estado do Maranhão**. 23.05.01.

MOTTA, Diomar das Graças. **As mulheres professoras na política educacional do Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2003.

NASCIMENTO, Cecília Vieira do; OLIVEIRA, Bernardo J.. O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher. **Cadernos Pagu**, n. 29, jul./dez. 2007. p. 429-457.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Paralelo/UNESP, 2000.

PEIXOTO, Afrânio. Introdução. In: **Discursos acadêmicos 1897 – 1917**, Tomo I,II, III e IV (1897-1919), publicações ABL, 2005.

PEROSA, Graziela Serroni. A aprendizagem das diferenças sociais: classe, gênero e corpo em uma escola para meninas. **Cadernos Pagu**. n. 26, jan.-jun., 2006. p.87-111.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: Edusc, 2005.

PINTO, Luis. **Experiência vivida e exigência científica de objetividade**. In: Iniciação à prática sociológica. Petrópolis: Vozes, 1996.

PIZA, Daniel. **Academia Brasileira de Letras**: Histórias e revelações. São Paulo: Dezembro Editorial, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: MORAIS, Olga de Moraes & SIMSON, Von (org.). **Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1988.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula**. Belo Horizonte: Ed. Mulheres, 2004.

Revista da Academia Maranhense de Letras. São Luís. Edições AML, Ano 80. Nº 20 – dezembro de 1998.

ROSA, Laura. Discurso de Posse. In: **Revista da Academia Maranhense de Letras**. São Luís. Edições AML, Ano 80. Nº 20 – dezembro de 1998.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para um novo censo comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

_____. Introdução – Para ampliar o cânone da ciência: a diversidade epistemológica do mundo. In: **Semear outras soluções – os caminhos da biodiversidade e dos conhecimentos rivais**, V.4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

_____. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2000.

SARNEY, José. Discurso de Comemoração do Centenário da Academia Maranhense de Letras. **O Estado do Maranhão**, São Luís, 17, agosto de 2008. ed. 16.804.

SCOTT, Joan W.. **Gênero: uma Categoria útil para a análise histórica**. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/textos/generodh/gen_categoria.html, acesso em 07.nov.2005.

SCHWANTES, Cíntia. **Espelho de Vênus**: questões da representação do feminino. Disponível em: http://www.mulhernaliteratura.ufsc.br/artigo_cintia.htm acesso em: 20.06.2006

SHOWWALTER, Elaine. **A Literature of Their Own: British Women Novelists from Brontë to Lessing**. New York: Basil Blackwell, 1986.

_____. **A crítica no território Selvagem**. In: Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da Literatura**. v.1. Coimbra: Almedina, 1997.

SOUSA, Sandra Maria Nascimento Sousa. **Mulher e Folia**: a participação das mulheres nos bailes de máscaras do carnaval em São Luís nos anos de 1950 a 1960. São Luís: Plano Editorial SECMA/ Lithograf, 1998.

_____. **Mulheres em Movimento**: memória da participação das mulheres nos movimentos pelas transformações das relações de Gênero, nos anos de 1970 a 1980. São Luís: EDUFMA, 2007.

STATUTS ET RÈGLEMENTS, ACADEMIE FRANÇAISE. Disponível em: <http://www.academie-francaise.fr/role/statuts.pdf>, acesso em 30.08.2008

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo hoje. Petrópolis: Vozes, 2006.

- THOMPSON, Paul. **A voz do Passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- WALLERSTEIN, Immanuel. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, Anthony. TURNER, Jonathan. **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.
- WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Nova Fronteira: São Paulo, 2005.
- XAVIER, Elodia. **Narrativa de autoria feminina na literatura brasileira: as marcas da trajetória**. Disponível em: http://www.suigeneris.pro.br/literatura_narrativa.htm, acesso em 02.01.2005.

Outras Fontes

- Academia Brasileira de Letras, www.academia.org.br
- Académie Française de Lettres, <http://www.academie-francaise.fr/>
- Academia de Jequié, <http://www.alj.com.br/>
- Academia Maranhense de Letras, <http://www.academiamaranhense.org.br/index.php>
- Wikipédia, A enciclopédia livre, <http://pt.wikipedia.org/>
- Diário Oficial do Estado, 27.11.1979, p.3.
- O Estado do Maranhão, 10.08.2006, p.05
- O Imparcial, 7.09.1962, p.3
- O Imparcial, 27.1.1952.